



Instituto Politécnico de Tomar

Escola Superior de Tecnologias de Tomar

Quinta da Anunciada Velha – antigo Convento Franciscano: estudo dos materiais de execução e proposta de intervenção

Relatório de Estágio

Adriano José Mendes Machado

**Mestrado em Conservação e Restauro
(Património Integrado)**

Tomar/ Setembro/ 2013



Instituto Politécnico de Tomar

www.ipt.pt



Instituto Politécnico de Tomar

Escola Superior de Tecnologias de Tomar

Adriano José Mendes Machado

**Quinta da Anunciada Velha – antigo Convento
Franciscano: estudo dos materiais de execução
e proposta de intervenção**

Relatório de Estágio

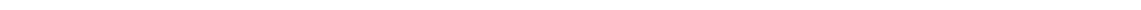
Orientado por:

Fernando Costa – Instituto Politécnico de Tomar

**Relatório de Estágio
Apresentado ao Instituto Politécnico de Tomar
para cumprimento dos requisitos necessários
à obtenção do grau de Mestre
em Conservação e Restauro**

Dedico este trabalho ...

Aos meus pais e ao meu Irmão



RESUMO

O Convento da Anunciada já há muito que perdeu a sua forma, limites e organização. O objetivo deste trabalho, a nível conjetural, foi dar a conhecer as suas características arquitetónicas primitivas. O objetivo foi alcançado com sucesso, recorrendo às bases da arqueologia da arquitetura, sendo os resultados apresentados através dos registos em desenho gráfico computadorizado. Foi realizado o levantamento do estado de conservação da capela-mor da extinta Capela de Nossa Senhora da Piedade, elaborando-se um mapeamento de patologias, bem como a proposta de intervenção e plano de manutenção, inspeção e monitorização para salvaguardar este património. Para complementar o estudo deste edificado foram estudados os materiais e técnicas de execução utilizados para erguer o conjunto, concluindo-se que este foi construído em alvenaria de pedra e tijolo argamassada. Foram também feitas análises a dez argamassas deste conjunto edificado, recorrendo ao denominado Método Simples. Os resultados obtidos levaram a algumas conclusões sobre a originalidade e aplicação de uma mesma argamassa para várias funções.

Palavras-chave: Convento da Anunciada; Capuchos da Anunciada; Quinta da Anunciada Velha; Arqueologia da Arquitetura; Valorização do Património.

ABSTRACT

The Anunciada convent has long lost its shape, limits and organization. The purpose of this work, at a conjectural level, was to make known their primitive architectural features. The goal was successfully achieved using the bases of architectural archaeology, and the results are shown through computerized graphic design records. A survey was conducted on the condition of the presbytery of the former chapel of Nossa Senhora da Piedade, with elaboration of a mapping of pathologies, as well as of an intervention proposal and maintenance, inspection and monitoring plan, in order to safeguard this heritage. To complement this study of the erected features, the materials and techniques used to build the set were also studied, concluding that they were made of bonded stone masonry and brick. Analyses were also performed on ten mortars of this building complex, using the so called Simple Method. The results obtained led to some conclusions about the originality and application of the same mortar to several functions.

Keywords: Anunciada Convent; Capuchos da Anunciada; Anunciada Velha farm; Architectural archaeology; Heritage valuing.

AGRADECIMENTOS

Antes de mais, gostaria de agradecer desde já a todos, que direta ou indiretamente contribuíram para este trabalho.

Assim sendo, gostaria de agradecer, em primeiro lugar, ao meu orientador, o Professor Fernando Costa, por ter aceite ser meu orientador, pela prontidão que sempre demonstrou em tudo o que necessitei e pela amizade que fomos criando durante este período.

Ao Embaixador António Pinto da França por me receber de braços abertos e calorosamente em sua casa, para que eu pudesse desenvolver este trabalho, pela motivação dadá, pelo companheirismo e amizade que fomos travando, com as muitas trocas de palavras saudáveis, que me foram dando cada vez mais força para que concluísse este trabalho, deixando-me envolver cada vez mais pela Anunciada Velha e toda a sua história.

A Sofia Pinto da França, pela disponibilidade e prontidão em ajudar, facultando o acesso e estudo de tudo o que necessitei.

Ao Rui Ferreira pela disponibilidade que sempre teve para me receber. À Professora Leonor Loureiro, sempre pronta a ajudar com uma palavra amiga. Ao Professor Eduardo Ferraz pelos esclarecimentos dados, mesmo durante a sua hora de almoço. Ao Professor Ricardo Triães, pelas conversas que teve comigo, pelo apoio demonstrado e pela amizade. À Engenheira Isabel, pela ajuda preciosa, na reta final deste trabalho.

Aos meus amigos, Tiago Rovisco, Joana Silva, Filipe Martins e Rafaela Gomes, pelas longas conversas, incentivo, força, amizade, e por estarem sempre prontos para o que precisei. À Inês Catarino, pelas fotografias e pela paciência que teve.

Aos meus pais, Adriano Augusto Machado e Ana Paula Mendes, pelo esforço e dedicação que sempre tiveram para comigo, para que eu pudesse chegar até aqui.

Ao meu irmão Ismael Machado, pois mesmo sem saber, deu-me muita força, para que conclui-se este trabalho, pois quero que veja em mim um exemplo a seguir.

Ao meu avô José Mendes Duarte e à minha avó Maria de Fátima Duarte, pelo apoio, carinho e prontidão com que sempre me senti acolhido.

Ao meu tio José Miguel Duarte, por ser muito mais que um simples tio, pelo apoio demonstrado e pelas palavras amigas e verdadeiras que sempre teve para comigo. À minha tia Alexandra Duarte, pela força e apoio dado.

Ao meu primo Miguel Duarte, pela amizade, confiança, acreditando eu, que um dia estará ele neste meu lugar.

A Maria Alexandrina Salgueiro, por em deixar acomodar em sua casa e pela disponibilidade em ajudar, contribuindo para que eu tivesse mais tempo para dedicar a redação de todo este trabalho.

À Sara Reis, pelas dores de cabeça constantes que me foi dando, mas sobretudo, pela força e apoio demonstrado.

Por fim gostaria de agradecer à Cristina Reis, pela amizade demonstrada, pelas críticas construtivas, pelas longas conversas que me ajudaram a nunca desistir, pelo apoio, companheirismo e motivação para dar sempre o melhor de mim, por me tronar uma pessoa melhor, mas sobre tudo por me fazer feliz.

A todos um muito Obrigado.

Índice

Introdução.....	1
1.Memória Descritiva da Quinta da Anunciada Velha	3
1.1.Introdução	5
1.2.Memória Descritiva	5
2.Contextualização Histórica da Quinta da Anunciada Velha	7
2.1.Introdução	9
2.2.Contextualização histórica	9
3.Os Franciscanos Capuchos em Portugal	13
3.1.Introdução	15
3.2.Dos Franciscanos aos Capuchos.....	15
4.Nos Tempos do Convento da Anunciada	19
4.1.Introdução	21
4.2.Convento da Anunciada revisitado.....	21
4.3.Análise do edificado exterior	45
4.4.Análise do edificado Interior.....	50
4.5.Análise do edificado dentro da cerca do Convento	67
4.5.1.O Tanque da Quinta da Anunciada Velha	67
4.5.2.A Torre da Quinta da Anunciada Velha	77
5.Diagnóstico	93
5.1.Introdução	95
5.2.Levantamento do Estado de Conservação	95
5.3.Técnicas e materiais de execução.....	105
5.4.Análise de argamassas	108
5.4.1.Primeira análise.....	110
5.4.1.1.Equipamento Utilizado	110
5.4.1.2.Reagentes utilizados	110

5.4.1.3.Método de recolha e preparação da amostra.....	110
5.4.1.4.Procedimento	114
5.4.1.5.Cálculo do Traço Mássico	122
5.4.2.Segunda análise.....	123
5.4.2.1.Equipamento Utilizado	123
5.4.2.2.Reagentes utilizados	123
5.4.2.3.Método de recolha e preparação da amostra.....	124
5.4.2.4.Procedimento	125
5.4.2.5.Cálculo do Traço Mássico	129
5.4.3.Discussão de resultados.....	130
6.Proposta de intervenção para a Capela de Nossa Senhora da Piedade	133
6.1.Introdução	135
6.2.Proposta de Intervenção	135
7.Plano de Monitorização, Inspeção e Manutenção	137
7.1.Introdução	139
7.2.Plano	139
Considerações Finais.....	141
Conclusão	142
Referências bibliográficas	143
Bibliografia.....	145
Anexos.....	153
A1. Outros trabalhos realizados durante o estágio	155
A1.1.Fuste de um pelourinho	157
A1.2.Santa Ana.....	163
A1.3.Capela do Carril	168
A1.4.Conservação no quotidiano - Intervenção em Materiais Pétreos (caso prático)	168

A1.5. “ do nada ao conteúdo, a produção local de Olaria Medieval”	169
A1.6. Análise de argamassas do Convento de Cristo	171
A1.6.1. Equipamento Utilizado	171
A1.6.2. Reagentes utilizados	171
A1.6.3. Método de recolha e preparação da amostra.....	172
A1.6.4. Procedimento	172
A1.6.5. Cálculo do Traço Mássico	175
A1.7. Acompanhamento e Apoio técnico	177
A2. Documentação	229
A2.1. Registo da troca do Convento da Anunciada.....	231
A2.2. Contratos de arrendamento	235
A2.3. Certidão de Compra da Quinta da Anunciada Velha, por António Manuel Rodrigues Carrão.....	243
A2.4. Contrato de Compra da Quinta da Anunciada Velha, pelo 1º Conde de Tomar	247
A2.5. Nota de registo da Quinta da Anunciada Velha em nome de António Bernardo da Costa Cabral de Macedo.....	255
A2.6. Pedido de fornecimento de energia elétrica, por António Bernardo da Costa Cabral de Macedo	259
A2.7. Resposta ao pedido de fornecimento de energia elétrica.....	263
A2.8. Requerimento para licença de obras.....	267
A2.9. Resposta ao pedido de requerimento de obras	271

Índice de Figuras

Figura 1 – Mapa das ramificações.	16
Figura 2 – Mapa de Portugal com a localização das respetivas casas.	17
Figura 3 – Quinta da Anunciada, 1942.	46
Figura 4 – Quinta da Anunciada Velha, 1940.	47
Figura 5 – Alçado Norte, 2013.	48
Figura 6 – Alçado Norte, 1941.	49
Figura 7 – Tanque.	67
Figura 8 – Escavação arqueológica de 1988/1989, na zona do antigo claustro.	68
Figura 9 – Torre, 1942.	69
Figura 10 – Torre, 2013.	70
Figura 11 – Aqueduto, 1950.	70
Figura 12 – Torre, 2013.	77
Figura 13 – Marcas dos arranques das paredes laterais da capela.	79
Figura 14 – Parede interior Norte: interior do lagar.	106
Figura 15 – Túnel.	106
Figura 16 – Alvenaria de pedra.	107
Figura 17 – Alvenaria em tijolo.	108
Figura 18 – Recolha de amostras.	111
Figura 19 – Desagregação da amostra.	112
Figura 20 – Limpeza do pilão.	112
Figura 21 – Limpeza do almofariz.	113
Figura 22 – Amostras na estufa.	113
Figura 23 – Colocação da amostra no Erlenmeyer.	114
Figura 24 – Humedecimento da amostra.	115
Figura 25 – Ataque da amostra com ácido.	115
Figura 26 – Papel de filtro etiquetado.	116
Figura 27 – Junção de água destilada à amostra.	117
Figura 28 – Filtro no funil.	118
Figura 29 – Filtragem.	118
Figura 30 – Lavagem do agregado.	119
Figura 31 – Colocação do agregado no cadinho.	119
Figura 32 – Amostras no exsiccador.	124

Figura 33 – Ácido na amostra.....	125
Figura 34 – Filtro no funil.	126
Figura 35 – Filtragem da amostra.	127
Figura 36 – Fuste em pedra calcária.	157
Figura 37 – Limpeza de poeiras.....	158
Figura 38 – Remoção do biocida.	159
Figura 39 – Centro do fragmento.....	159
Figura 40 – Furo para colocar o espigão.	160
Figura 41 – Colagem.	161
Figura 42 – Micro-estucagem na zona de fratura.	161
Figura 43 – Micro-estucagem terminada.	162
Figura 44 – Imagem da Santa Ana.....	163
Figura 45 – Lacuna ao nível do rosto.....	164
Figura 46 – Limpeza com fel de boi.	165
Figura 47 – Preenchimento da lacuna.	165
Figura 48 – Nivelamento.....	165
Figura 49 – Após reintegração cromática.	166
Figura 50 – Aplicação da camada de proteção.	167
Figura 51 – Polimento final.	167
Figura 52 – Desenho dos expositores.	169
Figura 53 – Expositores na exposição.....	170

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Vantagens de efetuar uma intervenção na capela-mor.	96
Tabela 2 – Designação de cada amostra, com a indicação do local onde foi recolhida.	109
Tabela 3 – Massa do cadinho e da amostra.	114
Tabela 4 – Massa do papel de filtro.	116
Tabela 5 – Massa do agregado seco com a massa do cadinho.	120
Tabela 6 – Massa do papel de filtro com os finos secos.	121
Tabela 7 – Massa e percentagem dos componentes das amostras.	122
Tabela 8 – Traços mássicos das amostras.	123
Tabela 9 – Massa do cadinho e da amostra.	125
Tabela 10 – Massa do papel de filtro (com a caixa de Petri).	126
Tabela 11 – Massa dos finos com papel de filtro e massa do agregado com goblet. ...	128
Tabela 12 – Massa e percentagem dos componentes das amostras.	129
Tabela 13 – Traços mássicos das amostras.	130
Tabela 14 – Plano de Monitorização, Inspeção e Manutenção.	140
Tabela 15 – Massa do cadinho e da amostra.	172
Tabela 16 – Massa do papel de filtro (com a caixa de Petri).	173
Tabela 17 – Massa dos finos secos com papel de filtro e do agregado com goblet....	174
Tabela 18 – Massa e percentagem dos componentes da amostra.	175
Tabela 19 – Traços mássicos das amostras.	176

Introdução

Do Convento da Anunciada, só se sabe da sua existência e localização, pois em relação aos seus limites, forma, organização nada é hoje em dia já visível e os relatos que se encontram são muito ténues e dispersos.

Tal facto fez com que este testemunho histórico, que marcou um período da história de Portugal e sobretudo da Cidade de Tomar, quase se perdesse na escuridão da memória.

Desta forma, é urgente intervir, para que tal não aconteça a este lugar e sirva de exemplo, para que também outros não se percam.

Assim, este estudo tem por objetivo trazer à luz, o que foi o Convento da Anunciada e os seus limites, com tudo o que a eles pertencia nos tempos do convento, com o recurso ao desenho gráficos, pois tal nunca foi feito. Procedeu-se ainda ao levantamento do seu estado de conservação estudo das técnicas e materiais de execução, bem como a análise e estudo de algumas argamassas, com o objetivo de compreender a sua utilização. Por fim, foi elaborada uma proposta de intervenção, com um plano de monitorização inspeção e manutenção, para ser seguido após a intervenção, com o objetivo de fazer com que este património continue a perdurar no tempo.

Em anexo, constam ainda outros trabalhos realizados no decorrer do estágio, bem como alguns documentos encontrados durante o estudo, relativos à Quinta da Anunciada Velha.

1. Memória Descritiva da Quinta da Anunciada Velha

1.1.Introdução

Neste capítulo é apresentado sumariamente os elementos identificativos correspondentes à Quinta da Anunciada Velha.

1.2.Memória Descritiva

Categoria – Monumento.

Designação - Quinta da Anunciada Velha.

Localização - Distrito de Santarém, Concelho de Tomar, distando 3 Km da Cidade de Tomar, próximo da Aldeia de Cem Soldos (Madalena), na Estrada Nacional que liga Tomar a Torres Novas,

Proteção - Classificado como IM – Interesse municipal.

Decreto n.º 45/93, DR, 1.ª série-B, n.º 280 de 30 novembro 1993*1.

Grau 1 - Imóvel ou conjunto com valor excecional, cujas características deverão ser integralmente preservadas. Incluem-se neste grupo, com exceções, os objetos edificados classificados como Monumento Nacional.

Enquadramento - Rural, meia encosta, isolado. A zona edificada está rodeada por terrenos agrícolas de cultivo - vinha, olival, pomares.

Utilização inicial - Quinta Agrícola / Religiosa: convento masculino da Ordem de São Francisco – capuchos.

Utilização Atual - Residencial: Quinta / Turística: turismo de habitação.

Propriedade - Privada: pessoa singular.

Afetação - Sem afetação.

Época de construção - Séc. XII / XVI / XX

2. Contextualização Histórica da Quinta da Anunciada Velha

2.1.Introdução

Apesar de todas as investigações e descobertas que vêm a ser feitas ao longo dos tempos, continua-se, em Portugal, a desconhecer, ou ignora a quando remonta a unidade e continuidade ocupacional de muitas das propriedades rurais deste nosso país.

Tal facto resultará da falta de curiosidade, devido a escassez de fontes sobre estas propriedades, bem como da falta de investigações orientadas nesse sentido.

Disto é exemplo a Quinta da Anunciada Velha, situada numa elevação, de um pequeno vale do Distrito de Santarém, Concelho de Tomar, Freguesia da Madalena, que ficando a apenas a 3 Km da cidade de Tomar, continua ainda nos dias de hoje a ser desconhecida para muitos e por muitos, tal como o era para min antes de ter realizado este trabalho.

O presente capítulo encerra em si toda a informação conhecida, a nível temporal, sobre a Quinta da Anunciada Velha.

2.2.Contextualização histórica

Quanto a origem da Quinta da Anunciada Velha, o que se sabe, pois a documentação reunida sobre ela é muito escassa, é que ela já existia no século XII, sobre o nome de Herdade do Cerzedo, como podemos ver pelo documento mais antigo de que há registo, que remonte a Agosto de 1192, quando esta Herdade foi vendida à Ordem do Templo por 4 maravedis, por Pedro Pires: “ *Esta é a carta de venda e confirmação, a qual vos escrevo e faço chegar eu Pedro Pires a Vós, Irmãos do Hospício do Templo de Salomão de Tomar, chamados Frades D. Martinho Pelágio e D. Martinho Formarico e Irmão Estevão e outros Irmãos presentes e futuros, duma herdade que tenho no termo de Tomar, no lugar chamado Cerzedo...*”¹

O que acontecera depois à Herdade do Cerzedo permanece envolto em mistério durante quase um século e meio, pois não se acharam registos documentais dela, só se voltando

¹ Arquivo Nacional da Torre do Tombo - Livro das Escrituras, 2ª Parte, fl.58.

a ter notícias desta Herdade, através de um documento lavrado em 10 de Setembro de 1327², onde se pode ler que a renda da vinha e olival do Cerzedo, que até então, pertencia ao Vicariato de Santa Maria dos Olivais, passava agora para a Comenda do Paul, atual Cem Soldos, onde ficava a Herdade do Cerzedo, o que nos indica que a Herdade continuava na posse da Ordem de Cristo.

Após este aparecimento, a Herdade volta novamente a cair na escuridão da história, pois os registos documentais sobre ela voltam a desaparecer, só reaparecendo no início do século XVI, mas agora sobre o nome de Quinta do Cerzedo, como nos mostra um contrato de escambo de 16 de junho de 1508³, a onde Antão de Figueiredo e sua mulher Isabel Teixeira, moradores na Quinta do Cerzedo, fazem uma troca de terrenos com o Convento de Cristo, de um olival que tinham no Piolhinho, por uma parcela de terra de cultivo junto da sua Quinta do Cerzedo. Como a Quinta do Cerzedo foi parar as mãos de Antão de Figueiredo e sua mulher, não se sabe, pois não há registos de tal facto.

Em 11 de Setembro de 1527 Isabel Teixeira, já viúva, doa a sua a sua Quinta do Cerzedo ao Frades Capuchos da Província da Soledade, para ali fundarem um convento⁴, passando nesta altura, a Quinta a ser chamada de Convento da Anunciada, visto já existir nesta Quinta uma pequena capela com invocação a Nossa Senhora da Anunciação⁵. Contudo os frades apenas aceitaram o que se encontrava dentro da cerca da Quinta⁶.

Para que tal fundação religiosa fosse possível, em 1528⁷ os frades fazem as suas obras, de remodelação, aproveitaram as construções já existentes, desfazendo apenas algumas partes e construindo outras, como os dormitórios, o claustro, e algumas oficinas⁸

Já o Convento da Anunciada, tinha a sua fundação concluída, quando em 27 de Maio de 1581, o Rei Filipe II de Espanha, deixando Tomar, em direção a Lisboa, onde foi

² Arquivo Particular António Pinto da França – Fontes para a história e arqueologia da Anunciada Velha, pasta I, maço 25, fl.2.

³ Arquivo Particular António Pinto da França – Fontes para história e arqueologia da Anunciada Velha, pasta I, maço 20, fl. 2.

⁴ SANTIAGO, Fr. Francisco de – Chronica da Santa Provincia de N. Senhora da Soledade, p. 841.

⁵ SANTIAGO, Fr. Francisco de – Chronica da Santa Provincia de N. Senhora da Soledade, p. 840.

⁶ SANTIAGO, Fr. Francisco de – Chronica da Santa Provincia de N. Senhora da Soledade, p. 841.

⁷ SANTIAGO, Fr. Francisco de – Chronica da Santa Provincia de N. Senhora da Soledade, p. 840.

⁸ SANTIAGO, Fr. Francisco de – Chronica da Santa Provincia de N. Senhora da Soledade, p. 841.

aclamado Filipe I de Portugal, faz a sua primeira paragem, no Convento da Anunciada, para visitar os Frades Capuchos, onde acaba por ouvir missa e almoçar, retomando de seguida a sua viagem.⁹

No dia 19 de Março de 1629, os Frades Capuchos do Convento da Anunciada, trocam com os Frades da Ordem de Cristo, o seu convento, por um terreno mais perto da então Vila de Tomar¹⁰, como o comprova um documento encontrado, onde tal facto foi registado¹¹. A troca deveu-se a que o Convento da Anunciada começava a dar indícios de precisar de obras de reabilitação¹², pois a sua construção era já bastante antiga. Acabam os frades, por ceder ao pedido da população e mudam-se para o novo convento no ano de 1645¹³, passando o antigo convento a designar-se de Convento da Anunciada Velha e em oposição o novo convento, por Convento da Anuncia da Nova.

O que acontece agora ao Convento da Anunciada Velha não se sabe, pois este lugar volta a cair no esquecimento da história, mais uma vez por falta de registos encontrados. O que se sabe é que entre 1783 e 1812, esta propriedade se encontra na posse da Ordem de Cristo¹⁴, como o demonstram os 3 contratos de arrendamento encontrados¹⁵. Passando esta propriedade a chamar-se de Quinta da Anunciada Velha, como é referida nos supracitados contratos de arrendamento, designação que mantém até aos nossos dias.

A então agora Quinta da Anunciada Velha, na sequência do confisco dos bens religiosos, vai à praça pública em 23 de Setembro de 1836 e é comprada por António Manuel Rodríguez Carrão¹⁶, como o demonstra o contrato de compra e venda¹⁷.

⁹ SALAMANTINO, Isidro Velazquez – Entrada que en el reino de Portugal hizo la S. C. R. M. de Don Philippe, invictíssimo rey de las espanhas, segubdo deste nombre, primero de Portugal, assi com su real presençia, como com el excito de su felice campo, p. 105.

¹⁰ Arquivo Particular António Pinto da França – Fontes para história e arqueologia da Anunciada Velha, pasta II, maço 16, fl. 1-8.

¹¹ Ver Anexo A2.1.

¹² SANTIAGO, Fr. Francisco de – Chronica da Santa Provincia de N. Senhora da Soledade, p. 857.

¹³ SANTIAGO, Fr. Francisco de – Chronica da Santa Provincia de N. Senhora da Soledade, p. 858.

¹⁴ Arquivo Particular António Pinto da França – Fontes para história e arqueologia da Anunciada Velha, pasta II, maço 15, fl. 1-5.

¹⁵ Ver Anexo A2.2.

¹⁶ Arquivo Particular António Pinto da França – Fontes para história e arqueologia da Anunciada Velha, pasta II, maço 11, fl. 1.

Por sua vez, António Manuel Rodríguez Carrão, vende a Anunciada Velha, desta feita ao 1º Conde de Tomar, António Bernardo da Costa Cabral em 14 de Setembro de 1857¹⁸, facto que é mais uma vez comprovado pelo contrato de compra e venda encontrado¹⁹.

Contudo a história da Anunciada Velha continua, pois esta passa para a posse do 2º Conde de Tomar, que com sua morte, em 1905, quem herda a Quinta da Anunciada Velha é a sua filha Maria, casada com António Maria da Costa Macedo.²⁰

Em 1942 António Maria da Costa Macedo, já viúvo e casado segunda vez, faz algumas obras na Quinta da Anunciada Velha, sobre o projeto de seu filho António Bernardo da Costa Cabral de Macedo, que em 1966, após partilhas com os seus irmãos, acaba por entrar na posse da Anunciada Velha²¹, registando-a definitivamente em seu nome a 5 de Janeiro de 1971.²²

A 7 de Novembro de 1969 é feito o pedido de fornecimento de energia elétrica em baixa tensão, para a dita Quinta, com a potência de 6 kW, tendo a resposta ao pedido, chegado a 31 de Dezembro de 1968.²³

Com a morte de António Bernardo da Costa Cabral de Macedo em 1988 e após partilhas com três dos seus nove irmãos, Sónia Pinto da França e seu marido António Pinto da França, entram na posse do núcleo habitacional da Quinta da Anunciada Velha²⁴, na qual se mantem até aos nossos dias, sendo utilizada como residência. Para além disso, atualmente a Quinta da Anunciada Velha tem com segunda utilização o turismo rural.

¹⁷ Ver Anexo A2.3.

¹⁸ Arquivo Particular António Pinto da França – Fontes para história e arqueologia da Anunciada Velha, pasta II, maço 6, fl. 1-3.

¹⁹ Ver anexo A2.4.

²⁰ Arquivo Particular António Pinto da França – Fontes para história e arqueologia da Anunciada Velha, pasta IV, maço 1, fl. 2.

²¹ Arquivo Particular António Pinto da França – Fontes para história e arqueologia da Anunciada Velha, pasta IV, maço 1, fl. 2-3.

²² Arquivo Particular António Pinto da França – Fontes para história e arqueologia da Anunciada Velha, pasta II, maço 4, fl. 51. (ver anexo A2.5)

²³ Arquivo Particular António Pinto da França – Fontes para história e arqueologia da Anunciada Velha, pasta II, maço 3, fl. 4-5. (ver anexo A2.6 e A2.7)

²⁴ Arquivo Particular António Pinto da França – Fontes para história e arqueologia da Anunciada Velha, pasta IV, maço 1, fl. 3.

3. Os Franciscanos Capuchos em Portugal

3.1.Introdução

Este capítulo pretende dar a conhecer toda a evolução Capucha em Portugal desde a sua chegada até ao seu término.

3.2.Dos Franciscanos aos Capuchos

Após a morte do Frei João de Guadalupe, fundador da denominada Província da Piedade, em Espanha²⁵, em 1503, alguns frades desta Província, acabam por se refugiar em Portugal.

Onde em Vila Viçosa, o Duque D. Jaime da Bragança, os recebe e apoia a sua causa, tornando-se este, num dos responsáveis pelo nascimento de uma nova via franciscana, sendo esta oficializada em 1509, pelo Papa Júlio II, nascendo assim a primeira Custódia Capucha de todo o ramo seráfico.²⁶

Para além da Província da Piedade, também os ideais capuchos de Matteo Baschi, tiveram as suas repercussões em Portugal, sobre tudo na reforma desencadeada no berço de alguns conventos franciscanos da Província do Algarve, de onde nasce a Província da Arrábida, em 1542, aprovada pelo Papa Pio IV, em 1560, sendo desde logo apoiada vorazmente por São Pedro de Alcântara e suportada financeiramente por D. João de Lencastre. Nesta continuação, em 1668, surge a Província da Soledade, que é aprovada pelo Papa Clemente IX em 1773.²⁷

Neste fervilhar de emoções, em 1565 nasce uma nova Custódia Capucha dedicada a Santo António, separando-se da Província de Portugal e, confirmada pelo vigário-geral, Frei João de Quiesdeben, com a intercessão do cardeal D. Henrique, o Papa Pio V promove esta nova Custódia Capucha a Província, após esta ter atingido o patamar das dez casas, para assim poder aspirar ao topo da hierarquia.²⁸

²⁵ FIGUEIREDO, Paula – Património arquitectónico: Edifícios conventuais capuchos, p. 11.

²⁶ FIGUEIREDO, Paula – Património arquitectónico: Edifícios conventuais capuchos, p. 12.

²⁷ FIGUEIREDO, Paula – Património arquitectónico: Edifícios conventuais capuchos, p. 12.

²⁸ FIGUEIREDO, Paula – Património arquitectónico: Edifícios conventuais capuchos, p. 12.

Com origem nesta nova Província, surgiria a última das Províncias portuguesas, sendo esta, a Real Província da Conceição, em 1705, que seria patrocinada pelas Casas Real e do Infantado.²⁹

Assim, a figura 1³⁰, mostra como se ramificaram as Províncias e, na figura 2³¹, está presente o mapa de Portugal com as localizações das respetivas casas.

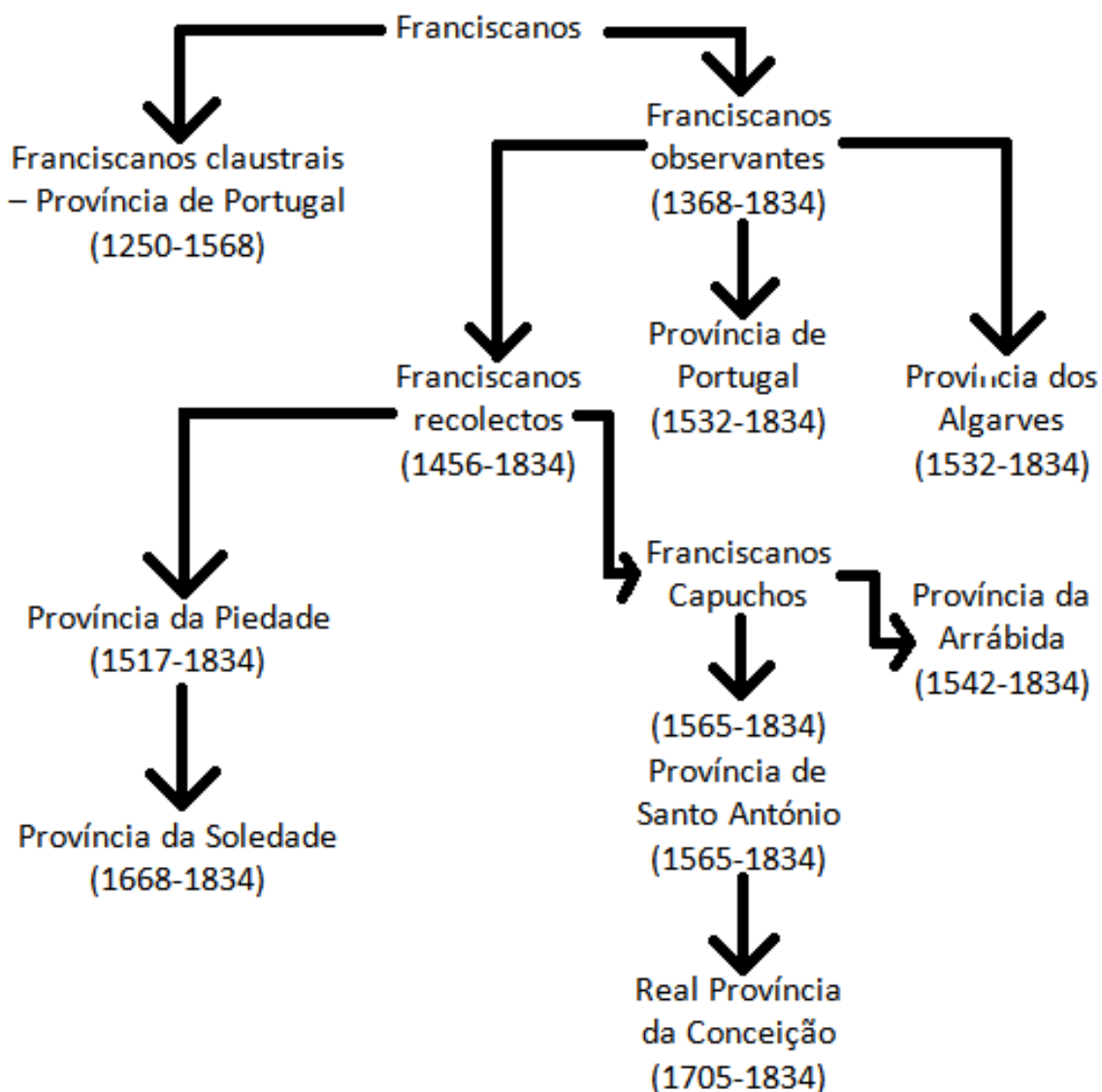


Figura 1 – Mapa das ramificações.

²⁹ FIGUEIREDO, Paula – Património arquitectónico: Edifícios conventuais capuchos, p. 12.

³⁰ Figura de autor, feita com base em FIGUEIREDO, Paula – Património arquitectónico: Edifícios conventuais capuchos, p. 13.

³¹ Imagem retirada de FIGUEIREDO, Paula – Património arquitectónico: Edifícios conventuais capuchos, p. 77.

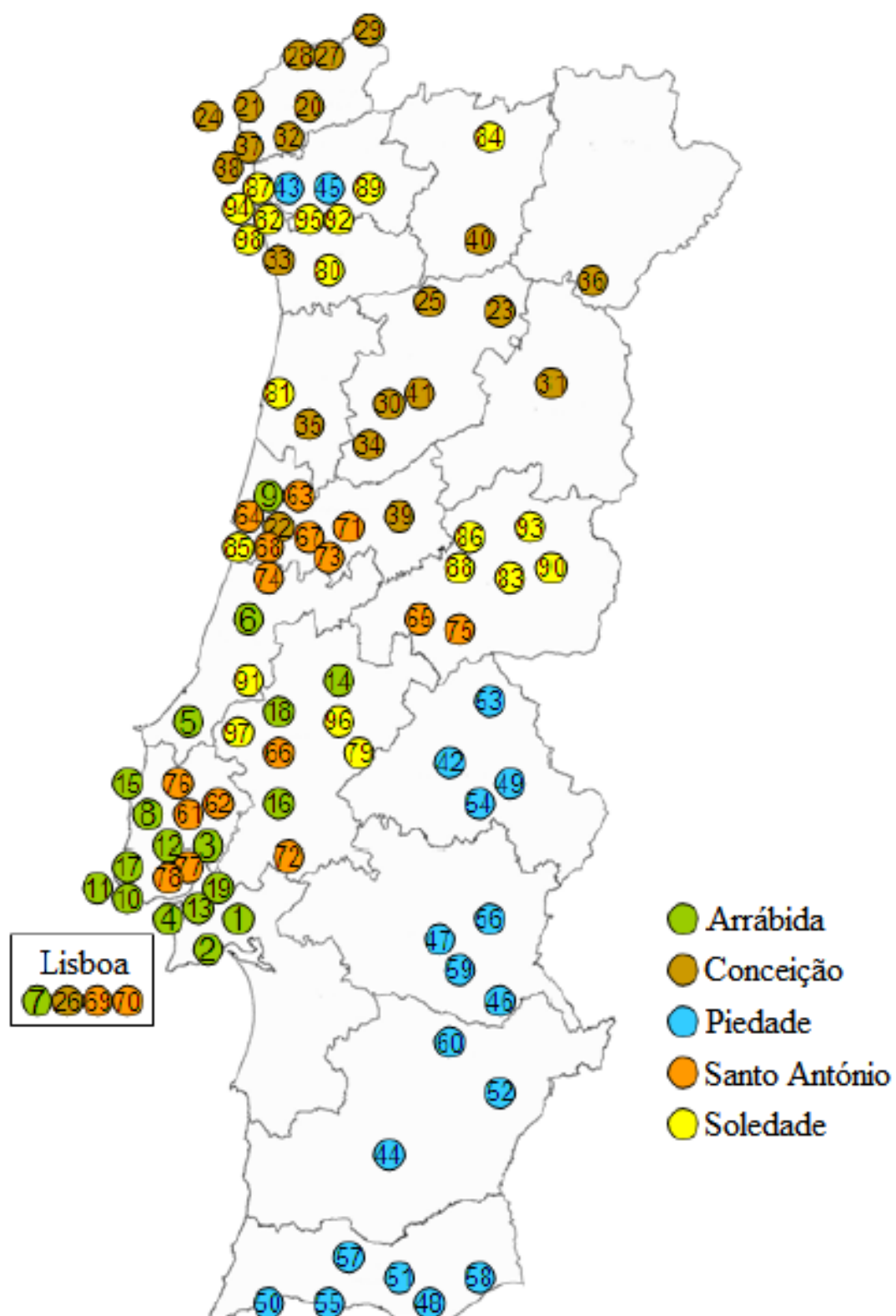


Figura 2 – Mapa de Portugal com a localização das respetivas casas.

4. Nos Tempos do Convento da Anunciada

4.1. Introdução

A Quinta da Anunciada Velha, residência particular e turismo rural, foi em tempos um Convento de Frades Capuchos. Com este capítulo pretende-se mostrar o que teria sido esse mesmo convento, através de levantamentos gráficos, descrições sumárias e posterior reconstrução conjetural.

Com este capítulo pretendemos dar a conhecer o que teria sido o convento da Anunciada no seu tempo.

4.2. Convento da Anunciada revisitado

Como ficou patente no capítulo referente à Contextualização Histórica, desde os tempos da Herdade do Cerzedo, até à atual Quinta da Anunciada Velha, todo este espaço, ornamentado por uma natureza inigualável, foi sendo desvirtuado por várias obras, levadas a cabo pelas sucessivas ocupações, que a foram moldando às necessidades de cada tempo e proprietário.

O património que este lugar encerra em si mesmo é imenso, e como já foi referido, é ainda hoje, desconhecido por muitos e para muitos. Desta feita, propôs-se a análise de todo o conjunto habitacional da Quinta da Anunciada Velha, com o objetivo de chegar, a nível conjetural, ao que teria sido o Convento da Anunciada, tendo sempre a noção de que estava perante um raro caso de aproveitamento e remodelação de edificado existente para posterior fundação de um Convento.

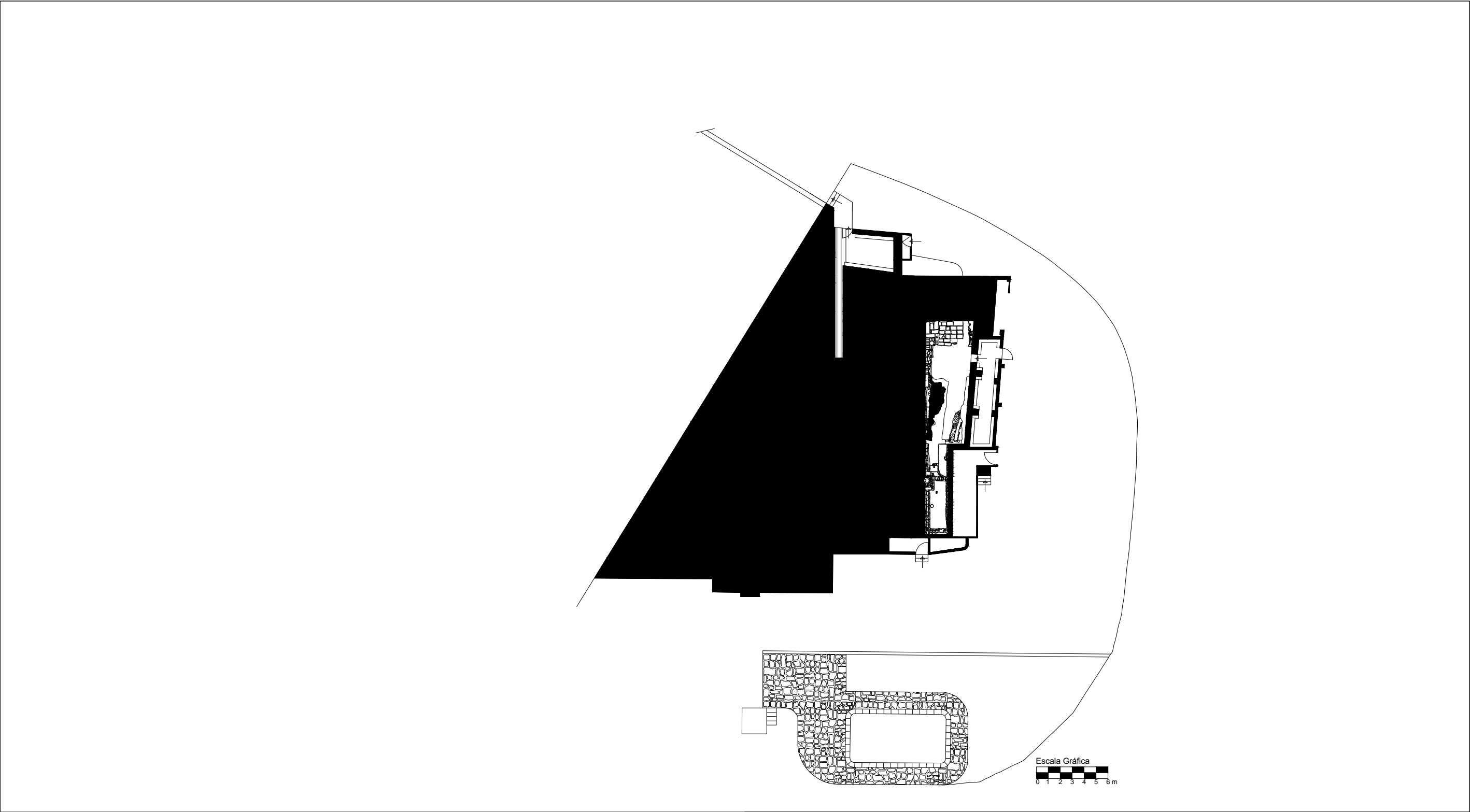
Pois, durante a pesquisa, sobre conventos de fundação capucha, não foi encontrado nenhum outro convento onde tal ato de aproveitamento e remodelação do edificado existente, fosse utilizado para posterior fundação de um convento.

A análise do edificado só foi feita até aos tempos do Convento, pois já este, para ser fundado, havia desmanchado parte do edificado ali existente, e para além deste fator, não foi encontrado qualquer tipo de registo, que indicasse como teria sido o conjunto habitacional ali existente, antes da fundação do Convento da Anunciada, bem como pelo facto de todo o conjunto habitacional se encontrar a uso, como morada particular dos

proprietários e ao mesmo tempo como quinta de turismo rural, não sendo por isso possível, efetuar prospeções.

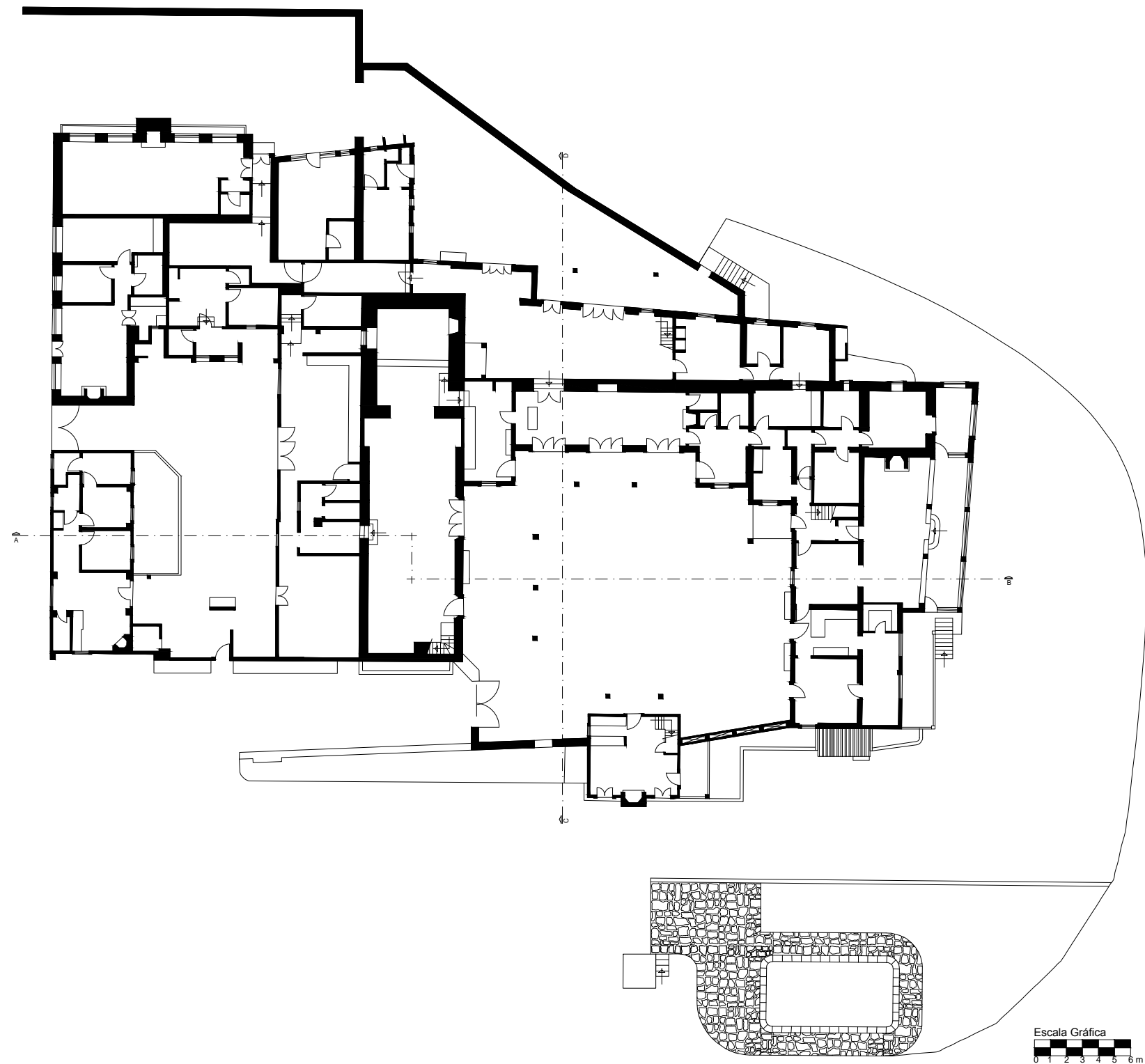
Com isto, para que este “regresso ao passado” fosse possível, iniciou-se este caminho, utilizando como base a Arqueologia da Arquitetura³², começando por analisar o edificado atual fazendo os levantamentos em planta, alçado e, corte, do que ali existem atualmente, que podemos ver patente nas folhas seguintes.

³² PARENTI, R. – Actas Arqueología de la Arquitectura.



Observações:

Data: 27/ 02/ 2013	Levantamento gráfico do conjunto habitacional da Quinta da Anuncida Velha.	<div></div> <div>N</div> <div>1/11</div>
Local: Quinta da Anuncida Velha, Tomar.	Planta do piso -1.	
Escala Gráfica em metros	Elaborado por: Adriano José Mendes Machado	
Rubrica do responsavel		



Observações:

Data: 27/ 02/ 2013

Local: Quinta da
Anuncida Velha, Tomar.

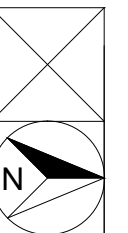
Escala Gráfica em
metros

Rubrica do responsavel

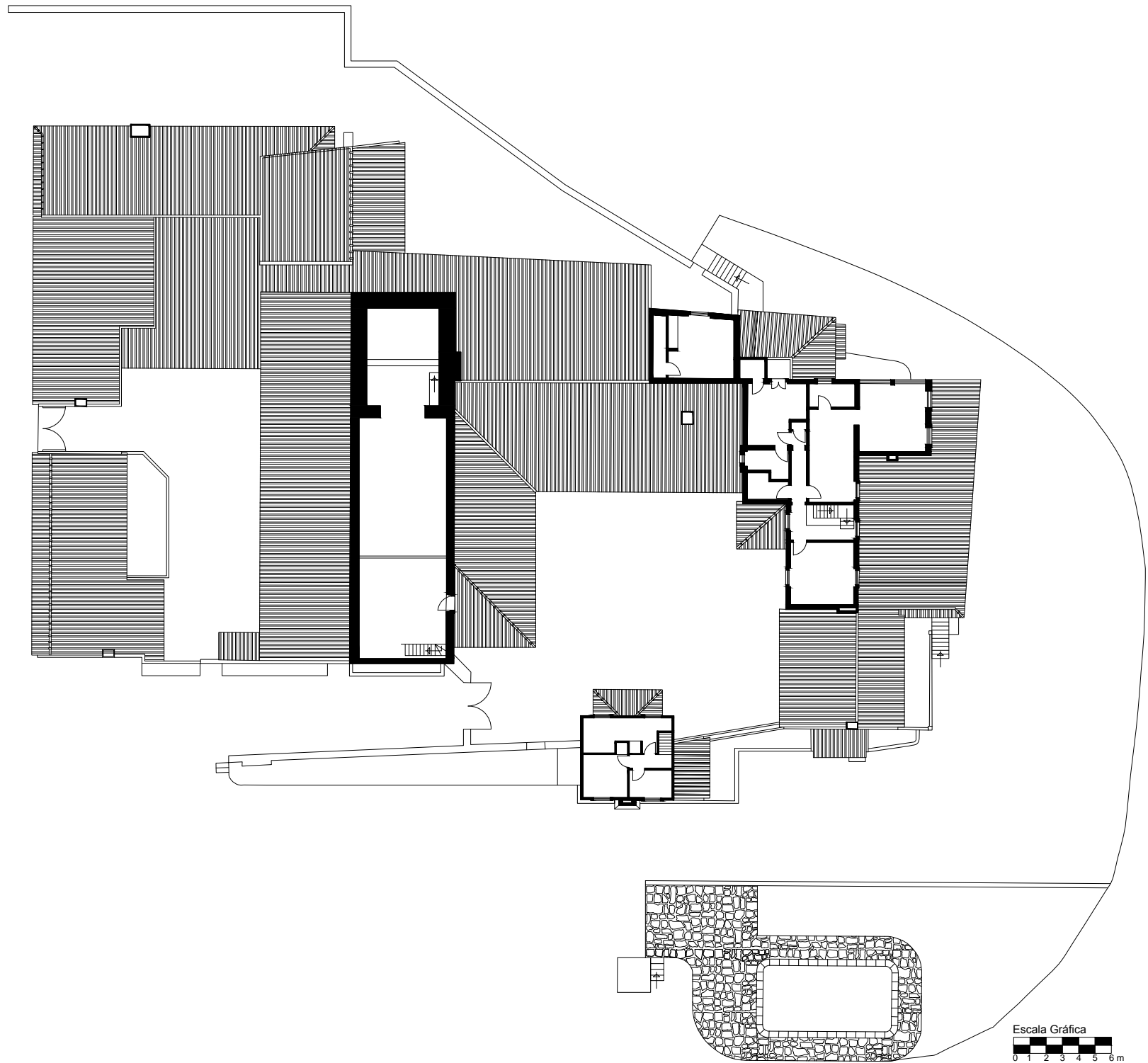
Levantamento gráfico do conjunto habitacional da Quinta da
Anuncida Velha.

Planta do piso 0.

Elaborado por: Adriano José Mendes Machado

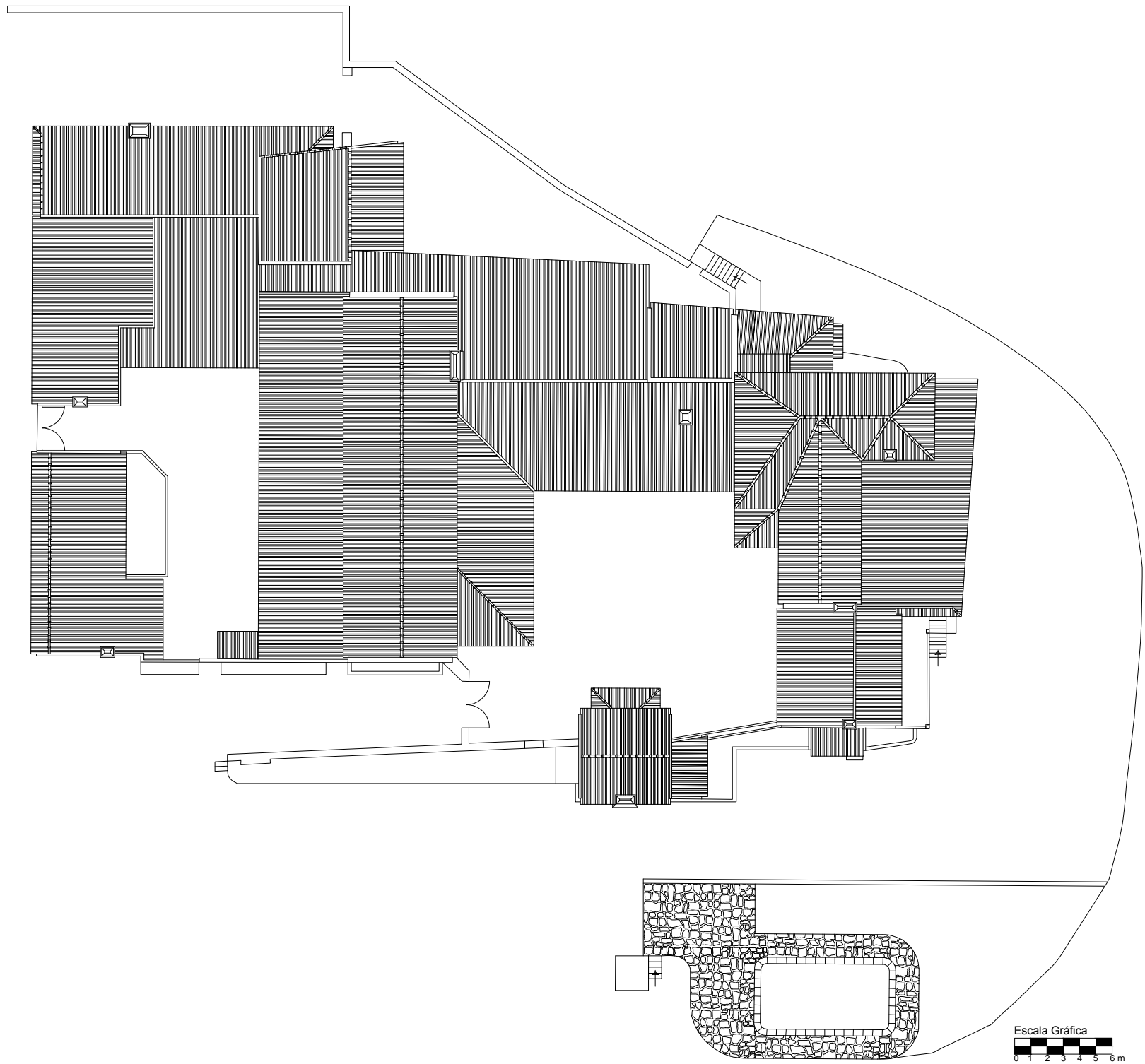


2/11

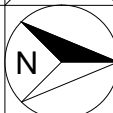


Observações:

Data: 27/ 02/ 2013	Levantamento gráfico do conjunto habitacional da Quinta da Anuncida Velha.	<div></div> <div>3/11</div>
Local: Quinta da Anuncida Velha, Tomar.	Planta do piso 1.	
Escala Gráfica em metros	Elaborado por: Adriano José Mendes Machado	
Rubrica do responsavel		



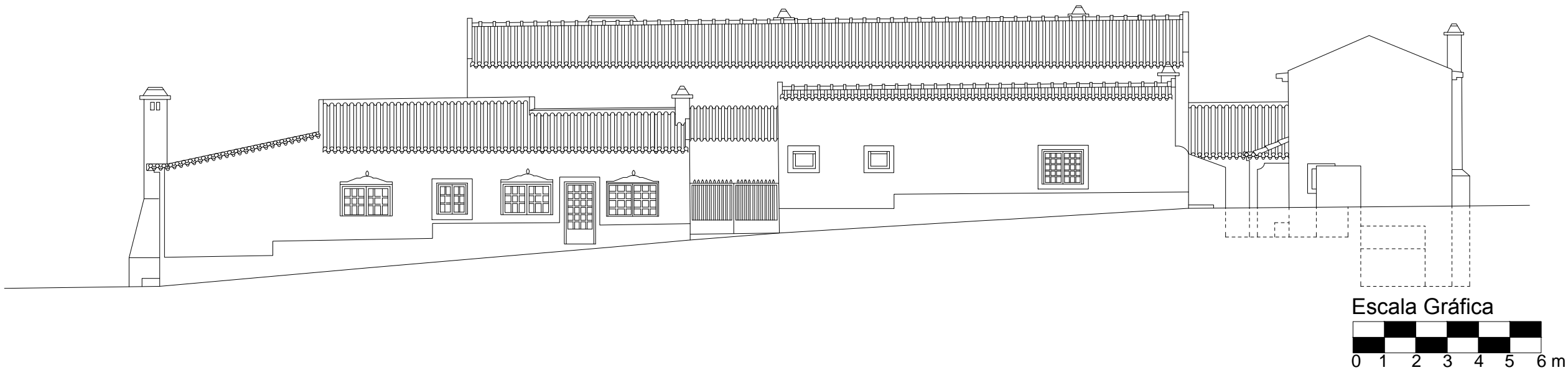
Observações:

Data: 27/ 02/ 2013	Levantamento gráfico do conjunto habitacional da Quinta da Anuncida Velha.	<div></div> <div>4/11</div>
Local: Quinta da Anuncida Velha, Tomar.	Planta das Coberturas.	
Escala Gráfica em metros	Elaborado por: Adriano José Mendes Machado	
Rubrica do responsavel		



Observações:

Data: 27/ 02/ 2013	Levantamento gráfico do conjunto habitacional da Quinta da Anuncida Velha.	<div></div> <div></div> <div>5/11</div>
Local: Quinta da Anuncida Velha, Tomar.		
Escala Gráfica em metros	Alçado Norte.	
Rubrica do responsavel	Elaborado por: Adriano José Mendes Machado	



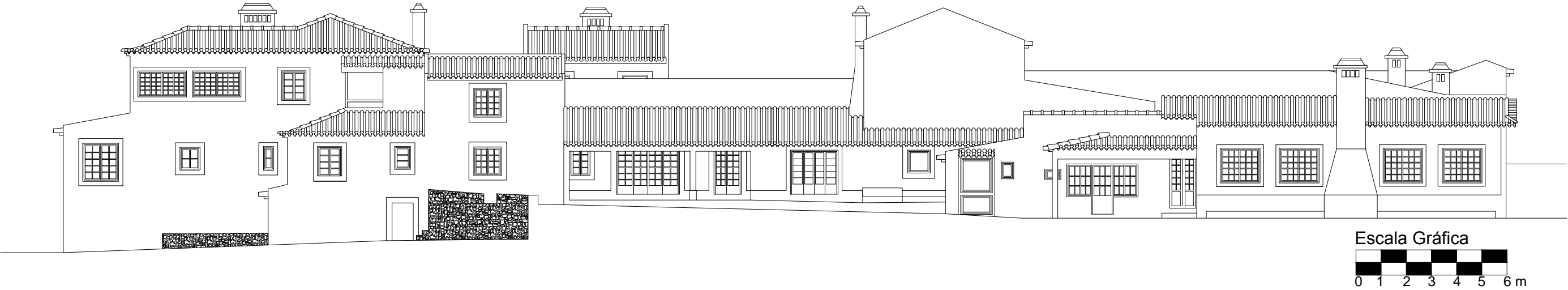
Observações:

Data: 27/ 02/ 2013	Levantamento gráfico do conjunto habitacional da Quinta da Anuncida Velha.	<div></div> <div></div> <div></div> <div>6/11</div>
Local: Quinta da Anuncida Velha, Tomar.		
Escala Gráfica em metros	Alçado Sul.	
Rubrica do responsavel	Elaborado por: Adriano José Mendes Machado	



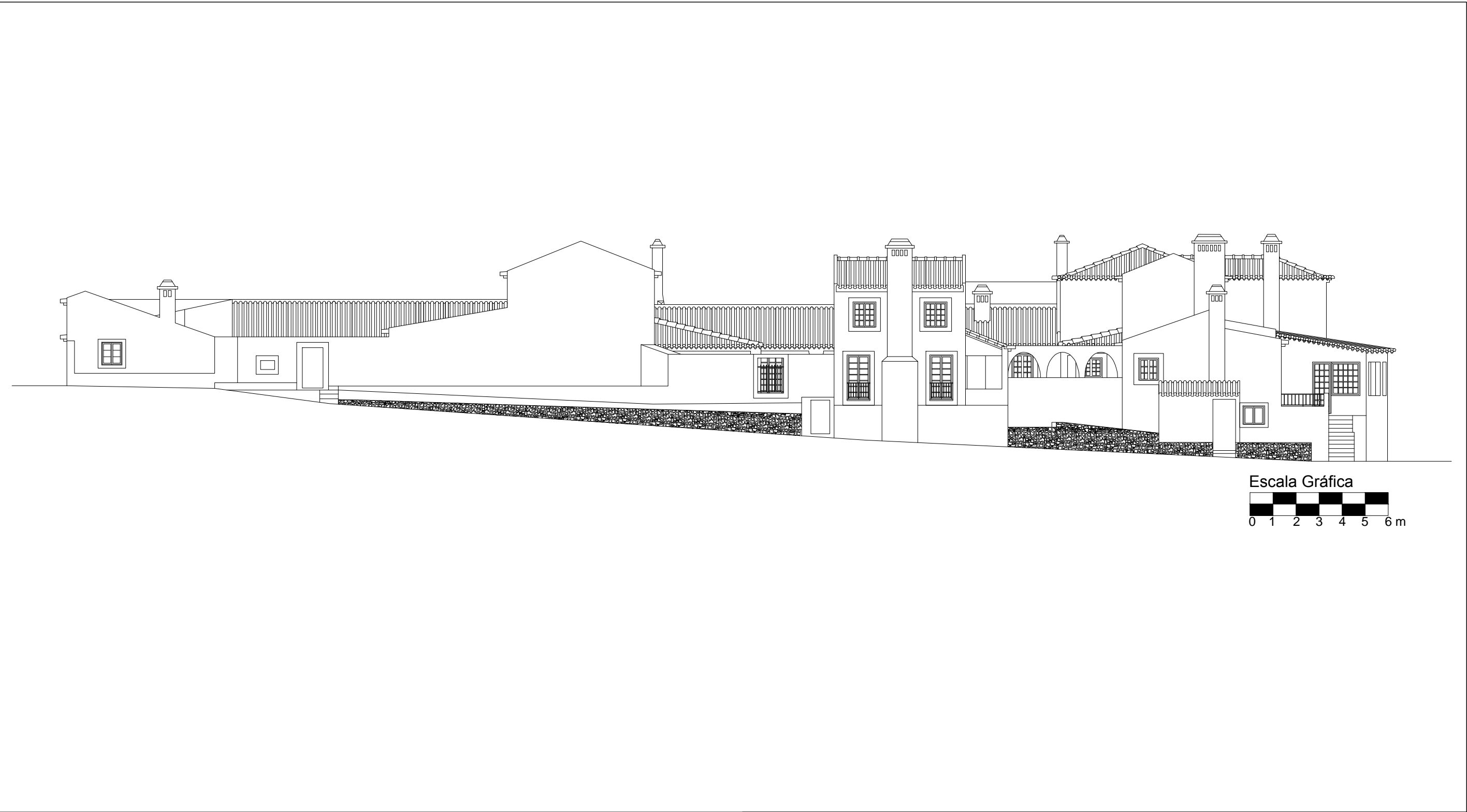
Observações:

Data: 27/ 02/ 2013	Levantamento gráfico do conjunto habitacional da Quinta da Anuncida Velha.	<div></div>
Local: Quinta da Anuncida Velha, Tomar.		
Escala Gráfica em metros	Corte "A-B".	
Rubrica do responsavel	Elaborado por: Adriano José Mendes Machado	<div>7/11</div>



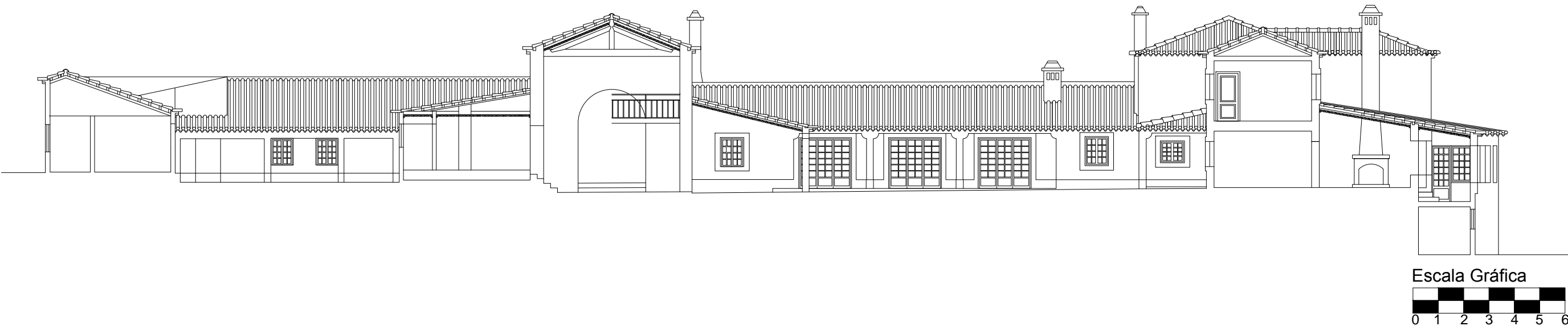
Observações:

Data: 27/ 02/ 2013	Levantamento gráfico do conjunto habitacional da Quinta da Anuncida Velha.	<div></div> <div></div> <div></div> <div>8/11</div>
Local: Quinta da Anuncida Velha, Tomar.		
Escala Gráfica em metros	Alçado Nascente.	
Rubrica do responsavel	Elaborado por: Adriano José Mendes Machado	



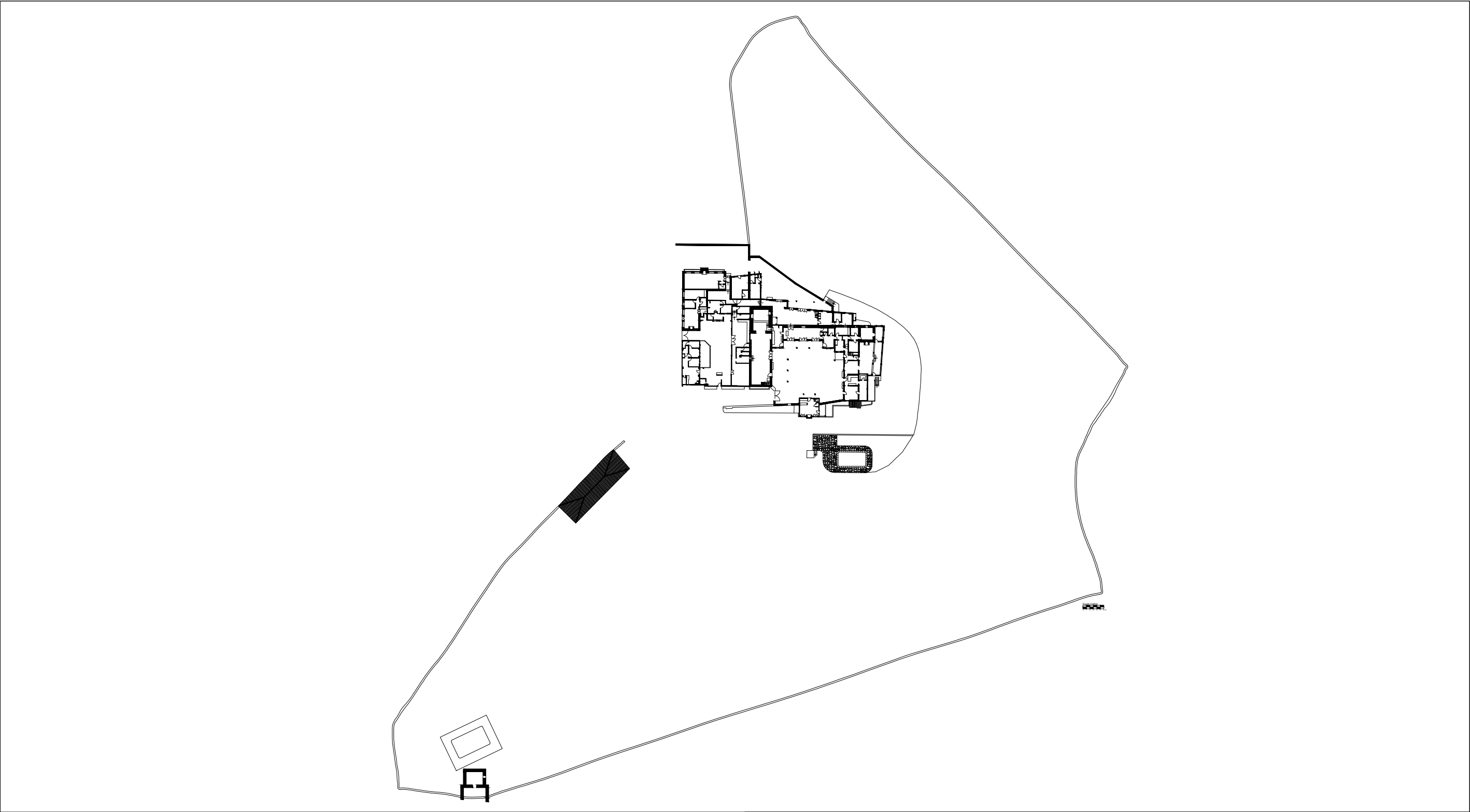
Observações:

Data: 27/ 02/ 2013	Levantamento gráfico do conjunto habitacional da Quinta da Anuncida Velha.	<div></div>
Local: Quinta da Anuncida Velha, Tomar.		
Escala Gráfica em metros	Alçado Poente.	
Rubrica do responsavel	Elaborado por: Adriano José Mendes Machado	<div>9/11</div>



Observações:

Data: 27/ 02/ 2013	Levantamento gráfico do conjunto habitacional da Quinta da Anuncida Velha.	<div></div> <div></div> <div></div>
Local: Quinta da Anuncida Velha, Tomar.		
Escala Gráfica em metros	Corte "C-D".	
Rubrica do responsavel	Elaborado por: Adriano José Mendes Machado	10/11



Observações:

Data: 27/ 02/ 2013	Levantamento gráfico do conjunto habitacional da Quinta da Anuncida Velha.	<div></div> <div>11/11</div>
Local: Quinta da Anuncida Velha, Tomar.	Planta do edificado.	
Escala Gráfica em metros		
Rubrica do responsavel	Elaborado por: Adriano José Mendes Machado	

Após a elaboração, exaustivamente destes levantamentos, reuniu-se, de entre a informação encontrada, aquela que descrevia não só o convento, como as obras que este espaço sofreu após a saída dos Frades Capuchos, e com base nela foi-se “desmontando” o edificado existente. Neste caso as informações encontradas foram as fontes escritas e gráficas, sendo que por fontes escritas entenda-se documentação eclesiástica, documentação privada e documentação da Administração do Estado, e por fontes gráficas entenda-se fotografias e desenhos.

Para além destas informações, todo o edificado habitacional foi analisado *in situ*, fazendo com que as informações escritas e gráficas, se fosse complementando e interligando entre si.

4.3. Análise do edificado exterior

A descoberta, do que teria sido o Convento da Anunciada, começou pela análise dos muros da sua cerca, passando para a ala Sul, que é hoje em dia a entrada principal da Quinta da Anunciada Velha depois tomei o sentido dos ponteiros do relógio, partindo para a ala Nascente, de seguida para a ala Norte e por ultimo a ala Poente.

Assim, podemos ver que o Convento da Anunciada havia tido uma cerca: “*A sobredita doadora [Isabel Teixeira] nos dava liberalmente tudo, quanto quiséssemos tomar daquela sua quinta, mas nós não tomámos senão o necessário, segundo o nosso modo de vida reformada, por cuja causa não estendemos a cerca do Convento a tudo quanto ella [Isabel Teixeira] oferecia com larga mão...*”³³. Sabendo-se também que a área delimitada pela cerca é de dimensões suficientes para o Convento: “*A cerca he a mesma, com que estava murada [a Quinta da Anunciada], não é demasiadamente grande, mas bastante, com pomares, e horta, ...*”³⁴.

Com isto, torna-se inquestionável que a cerca já ali figurava, antes da fundação do Convento da Anunciada. Por isso analisou-se com cuidado a planta do edificado, onde se pode ver que o murro da cerca que vem do lado nascente, foi cortado por duas vezes,

³³ SANTIAGO, Fr. Francisco de – Chronica da Santa Provincia de N. Senhora da Soledade, p. 841.

³⁴ SANTIAGO, Fr. Francisco de – Chronica da Santa Provincia de N. Senhora da Soledade, p. 848.

continuando de seguida, dentro do atual edificado, indo fechar a cerca, por este lado, no cunhal esquerdo da capela-mor da igreja. Já do lado sul, a cerca, iria fechar do lado direito do portão da entrada na quinta. Chegou-se a esta conclusão, após analisar a figura 3³⁵, onde em 1942, ainda era visível parte das fundações do muro da cerca, que vinha de sul, indo fechar deste lado a cerca, no portão de entrada na quinta.



Figura 3 – Quinta da Anunciada, 1942.

Desta forma, percebeu-se que todo o conjunto habitacional, que hoje se encontra adossado à parede sul da igreja, não fazia parte do Convento da Anunciada, pois para além de esta zona já ficar fora dos limites da cerca do convento, esta só teve iniciada a

³⁵ Fotografia do álbum particular Quinta da Anunciada Velha 1940-1970, de António Pinto da França.

sua construção em 1990³⁶, como podemos ver na ainda na figura 4³⁷ que em 1940, ainda não havia ali nenhuma edificação.



Figura 4 – Quinta da Anunciada Velha, 1940.

Com esta análise, tudo nos leva a crer, ser nesta zona que ficava a portaria do convento, que é descrita como sendo o alpendre da porta da igreja³⁸, pois perante os limites da cerca não se vislumbra melhor lugar, para a sua localização, facto que é coadjuvado, pelos relatos dos achados feitos em 1990, no decorrer da construção do atual edificado nesta zona, onde são referidos vestígios de uma parede que circundava a porta que se encontra na parede Sul da igreja³⁹,

Partindo agora para o lado nascente do convento, e analisando a Planta do Piso 0, vê-se na igreja, que a janela do lado direito no altar-mor, se encontra entaipada, desta forma, recorreu-se ao levantamento do Corte “C-D”, onde se nota que o motivo do entaipamento da janela, resultou da construção de uma lareira nessa zona.

Mais uma vez, torna-se notório que toda esta construção, ou seja, a lareira, bem como a dependência em que ela se encontra e as outras três dependências que se encontram para

³⁶ Arquivo Particular António Pinto da França – Fontes para história e arqueologia da Anunciada Velha, pasta III, maço 9, fl. 1.

³⁷ Fotografia do álbum particular Quinta da Anunciada Velha 1940-1970, de António Pinto da França.

³⁸ SANTIAGO, Fr. Francisco de – Chronica da Santa Provincia de N. Senhora da Soledade, p. 848.

³⁹ Arquivo Particular António Pinto da França – Fontes para história e arqueologia da Anunciada Velha, fl. 1.

o lado direito, não faziam parte do Convento da Anunciada. Facto este que resulta, não só da análise anterior, mas também da análise do projeto para a construção destas dependências⁴⁰, encontrado no decorrer da investigação e, da resposta ao pedido de execução da obra á Câmara Municipal de Tomar⁴¹, em 22 de Março de 1969.

Analisando-se agora a ala Norte, ao comparar a figura 5⁴², que mostra o atual Alçado Norte, com a figura 6⁴³, onde é visível o mesmo alçado, mas em 1941, é notório que houve uma grande modificação e reorganização do espaço, relativamente ao que existia.



Figura 5 – Alçado Norte, 2013.

⁴⁰ Arquivo Particular António Pinto da França – Fontes para história e arqueologia da Anunciada Velha, pasta III, maço 8, fl. 1.

⁴¹ Arquivo Particular António Pinto da França – Fontes para história e arqueologia da Anunciada Velha, pasta II, maço 3, fl. 1-2. (ver Anexo A2.8 e A2.9)

⁴² Fotografia de Inês Catarino, em 2013.

⁴³ Fotografia do álbum particular Quinta da Anunciada Velha 1940-1970, de António Pinto da França.



Figura 6 – Alçado Norte, 1941.

Assim recorreu-se novamente ao levantamento da atual Planta do Piso 0, onde com a ajuda da já referida figura 6⁴⁴, tendo como ponto de referencia a construção saliente, em relação ao restante edificado, presente no lado direito da figura supracitada, vê-se que o atual alçado (ver levantamento gráfico do Alçado Norte) se encontra dois níveis à frente do que terá sido o alçado norte do Convento da Anunciada, ou seja, se lermos a atual Planta do Piso 0, da direita para a esquerda, é notório, que a parede que em 1941 era o alçado norte, se encontra agora dois níveis atrás do alçado atual, não fazendo por isso parte do antigo Convento, todas as divisões atuais que se encontram na frente desta parede.

Por último, analisou-se o Alçado Poente, que como podemos ver pela figura 4, mostrada anteriormente, em 1940 não se afiguram vestígios de nenhuma edificação naquela zona, nem há vestígios de alguma vez ali ter existido alguma edificação que não fosse o muro ali existente até então.

⁴⁴ Fotografia do álbum particular Quinta da Anunciada Velha 1940-1970, de António Pinto da França.

Por conseguinte só se nos afigura ali ter existido o muro que dá continuidade á cerca, contudo, agora irei passar para a análise do interior do edificado, onde esta opinião se afigura mais credível.

4.4. Análise do edificado Interior

Começando pela porta, que hoje é utilizada como entrada principal na Quinta da Anunciada Velha, que faz a ligação da cerca à parede da igreja, não é nada mais que a antiga *Porta do Carro* do Convento da Anunciada⁴⁵, ora, tendo em conta a largura da porta e a geografia do terreno, que se encontra para o lado exterior do conjunto habitacional, não se nos vislumbra a possibilidade de, no lado Poente do Convento, ao nível do piso 0, ter ali existido alguma vez uma edificação, que não, o muro ali existente, como o referimos anteriormente.

Continuando a análise do conjunto habitacional, e sabendo que o Convento da Anunciada tinha um claustro, Sala do Capitulo, Sacristia, Via-Sacra, Enfermaria, e algumas oficinas, bem como uma laranjeira no meio do claustro, num alegrete⁴⁶, tentamos encontrar estas dependências no atual edifício.

Pra tal é necessário saber que, por norma, nos conventos capuchos, todas estas dependências se desenvolviam em torno do claustro, a sacristia ficava contigua à igreja, e a sala do capítulo ficava no piso 0, sendo que o refeitório e a cozinha ficavam do lado oposto ao da igreja. No Piso 1, figuravam os dormitórios, biblioteca, enfermaria, bem como a hospedaria⁴⁷. É claro que esta organização não era uniforme, podendo por vezes haver algumas modificações⁴⁸.

A tudo isto, se tinha acesso pela arcada do claustro, no piso 0, sendo que no piso 1, era pelas varandas do claustro e, a ligação entre estes dois pisos era feita por escadas⁴⁹, os frades tinham acesso à cerca do Convento, através de uma porta situada no *De*

⁴⁵ SANTIAGO, Fr. Francisco de – *Chronica da Santa Provincia de N. Senhora da Soledade*, p. 848.

⁴⁶ SANTIAGO, Fr. Francisco de – *Chronica da Santa Provincia de N. Senhora da Soledade*, p. 848.

⁴⁷ FIGUEIREDO, Paula – *Património arquitectónico: Edifícios conventuais capuchos*, p. 13.

⁴⁸ FIGUEIREDO, Paula – *Património arquitectónico: Edifícios conventuais capuchos*, p. 14.

⁴⁹ FIGUEIREDO, Paula – *Património arquitectónico: Edifícios conventuais capuchos*, p. 14.

Profundis, zona anexa do refeitório, que era utilizada, para leituras teológicas antes e depois das refeições, possibilitando assim a ligação a tudo quanto se encontrava dentro dos limites da cerca⁵⁰.

Posto isto, a sacristia encontrava-se do lado esquerdo do altar-mor, como o comprovam a escada de acesso presente ainda atualmente e visível no levantamento da Planta do Piso 0 e, ainda pela seguinte descrição: “*Com tudo foi-se revestir [na sacristia] para dizer a Missa, e entrando pela porta da Capella maior, lhe deo o cheiro de pão fresco.*”⁵¹ A sala do capítulo ficaria logo a seguir, pois do lado oposto à igreja, figurariam a cozinha, o refeitório, ficando a “*porta do carro*” em frente a estas dependências, pra assim facilitar o transporte e descarregamento dos bens necessários para o Convento.

O *De Profundis* estaria situado em frente a “*Porta do Carro*”, pois segundo um documento encontrado, ainda era visível, em 1942, no Alçado Sul da Quinta, na união com o Alçado Nascente, um portão e vestígios de uma escadaria, que levava ao edifício⁵², sendo de acreditar que seria esta a ligação que os frades tinham para aceder a tudo quanto se encontrava dentro dos limites da cerca.

Em relação ao refeitório, este por uma questão lógica, seria contíguo ao *De Profundis* e, por consequência, a cozinha, estaria contígua ao refeitório, bem como outras dependências, como as despensas.

Relativamente ao acesso para o piso superior, este era feito por meio de uma escadaria, sendo que por norma haveria duas escadarias, a *Regral*, que fazia a ligação entre a zona do refeitório e os dormitórios e, a das Matinas, que ligava a Via-Sacra à ala do corralto.⁵³ Contudo não era regra que assim fosse, pelo que no caso do Convento da Anunciada, só se afigura ter havido uma escadaria, encontrando-se esta na zona da cozinha, por ser este o lugar em que melhor resulta a sua utilização, permitindo a

⁵⁰ FIGUEIREDO, Paula – Património arquitectónico: Edifícios conventuais capuchos, p. 13.

⁵¹ SANTIAGO, Fr. Francisco de – Chronica da Santa Provincia de N. Senhora da Soledade, p. 847.

⁵² Arquivo Particular António Pinto da França – Fontes para história e arqueologia da Anunciada Velha, pasta II, maço 8, fl. 1.

⁵³ FIGUEIREDO, Paula – Património arquitectónico: Edifícios conventuais capuchos, p. 13.

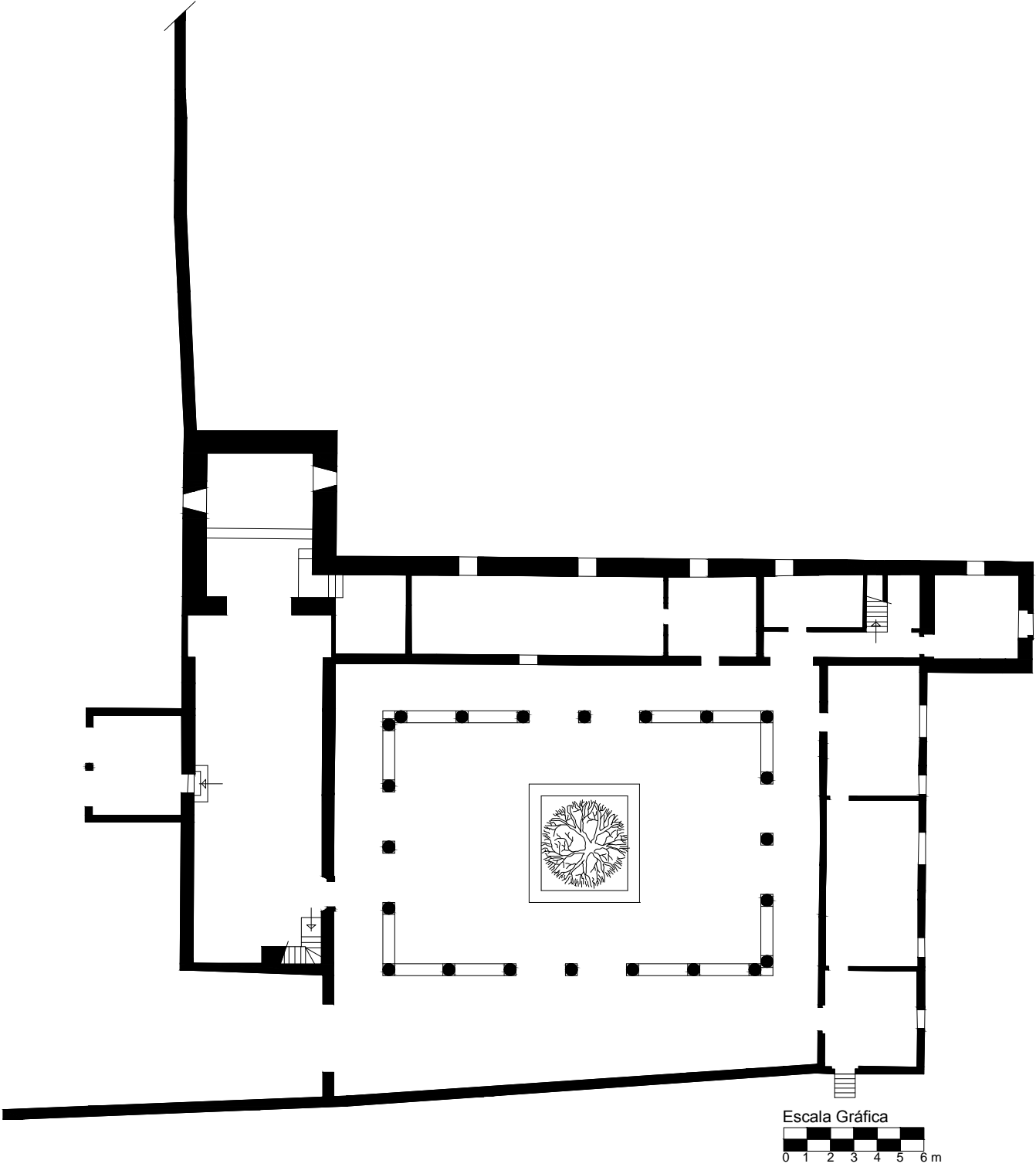
circulação direta entre os dormitórios e o refeitório e, do refeitório aos dormitórios e cora-alto.

Prosseguindo a análise do edificado, por cima da sala do capítulo encontrar-se-iam os dormitórios, pois era nesta ala, que mais rapidamente se tinha acesso ao cora-alto, facto que é ajudado, também, pela localização da porta de acesso ao cora-alto, que ainda hoje se encontra visível, como podemos ver no levantamento do Corte “C-D” e, pelo facto de esta ala ter uma vista privilegiada, sobre a natureza e os cursos de água, como era regra de São Francisco, pois do lado nascente, o terreno da Antiga Quinta do Cerzedo, terminava na ribeira da Beselga.

Por cima da cozinha e refeitório teríamos a enfermaria e a biblioteca, e por último a hospedaria teria lugar na ala oposta aos dormitórios.

Toda esta organização do piso 1 é tomada como a mais verosímil, pois desta maneira os hóspedes, teriam também eles, não só, um acesso rápido ao cora-alto para fazer as suas orações, como também a biblioteca para fazer o seu estudo.

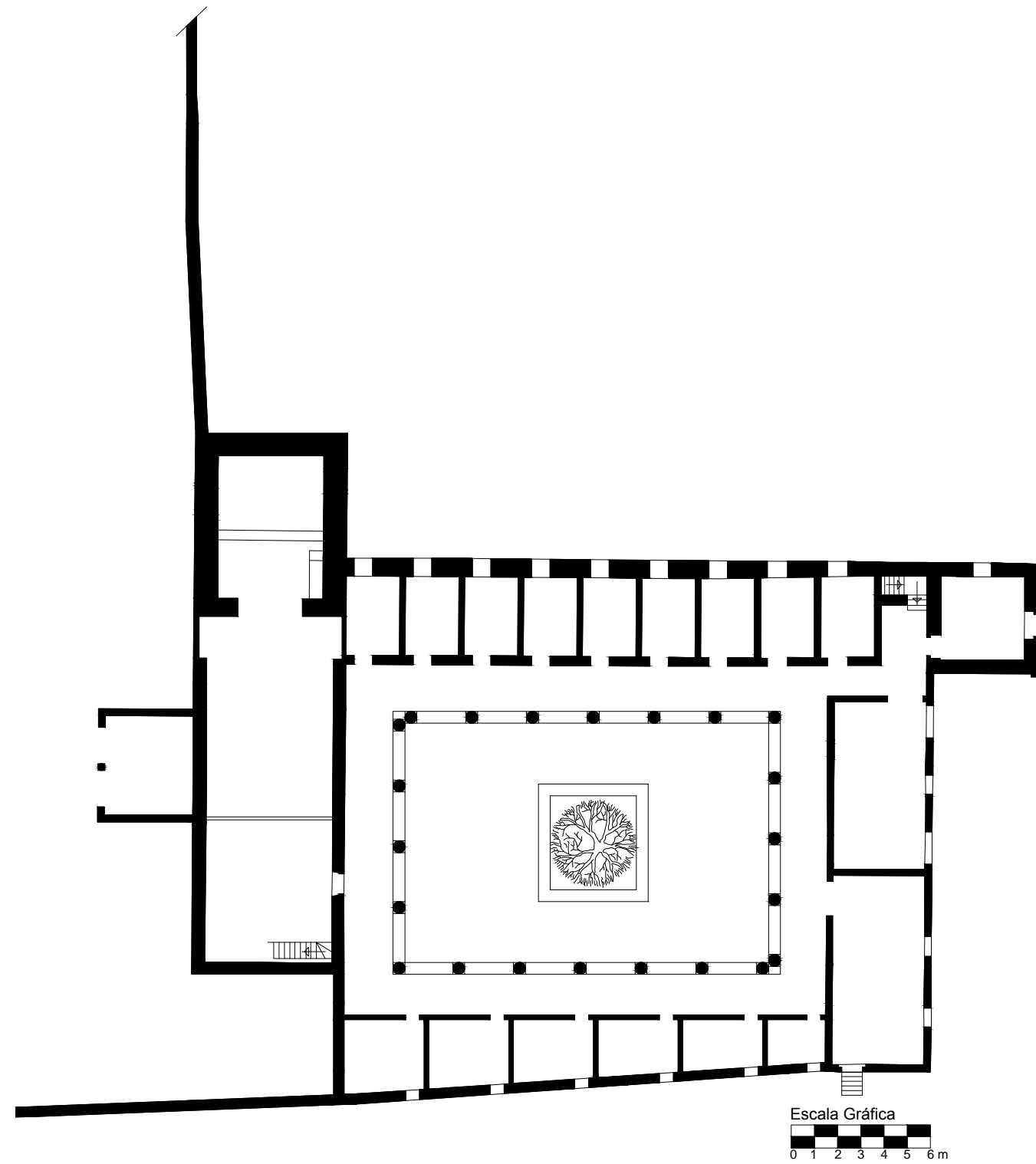
A reunião de toda esta informação teve como resultado os levantamentos gráficos, do que terá sido o todo do Convento da Anunciada, que a seguir se apresentam.



Escala Gráfica
0 1 2 3 4 5 6 m

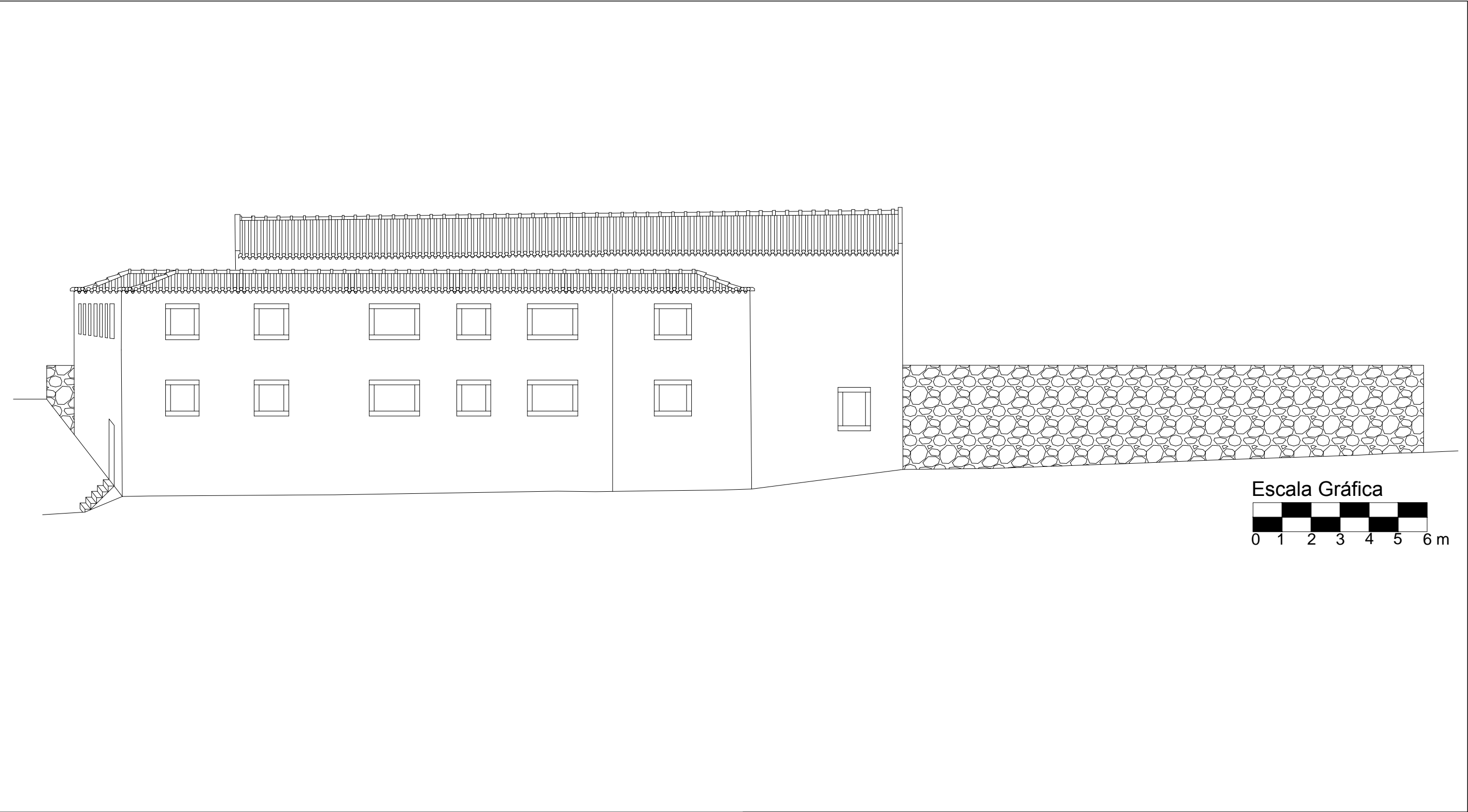
Observações:

Data: 25/ 04/ 2013	Reconstituição gráfica do Convento da Anunciada.	<div></div> <div>1/6</div>
Local: Quinta da Anuncida Velha, Tomar.	Planta do Piso 0.	
Escala Gráfica		
Rubrica do responsavel	Elaborado por: Adriano José Mendes Machado	



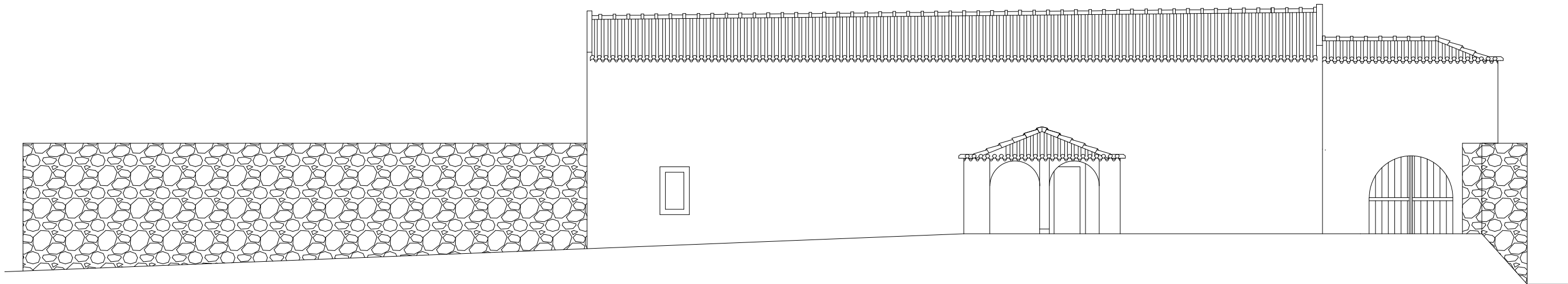
Observações:

Data: 25/ 04/ 2013	Reconstituição gráfica do Convento da Anunciada.	<div><div></div><div>N</div><div>2/6</div></div>
Local: Quinta da Anuncida Velha, Tomar.	Planta do Piso 1.	
Escala Gráfica	Elaborado por: Adriano José Mendes Machado	
Rubrica do responsavel		

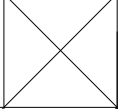
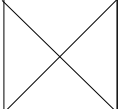


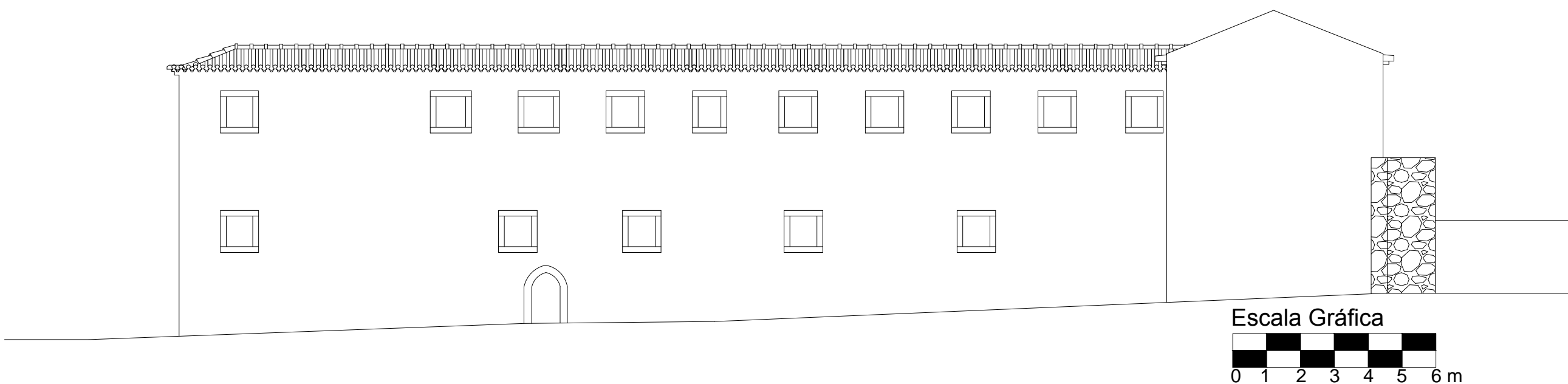
Observações:

Data: 25/ 04/ 2013	Reconstituição gráfica do Convento da Anunciada.	<div></div> <div></div> <div>3/6</div>
Local: Quinta da Anuncida Velha, Tomar.	Alçado Norte.	
Escala Gráfica		
Rubrica do responsavel	Elaborado por: Adriano José Mendes Machado	



Observações:

Data: 25/ 04/ 2013	Reconstituição gráfica do Convento da Anunciada.	
Local: Quinta da Anuncida Velha, Tomar.		
Escala Gráfica	Alçado Sul.	
Rubrica do responsavel	Elaborado por: Adriano José Mendes Machado	 4/6



Observações:

Data: 25/ 04/ 2013

Reconstituição gráfica do Convento da Anunciada.

Local: Quinta da
Anuncida Velha, Tomar.

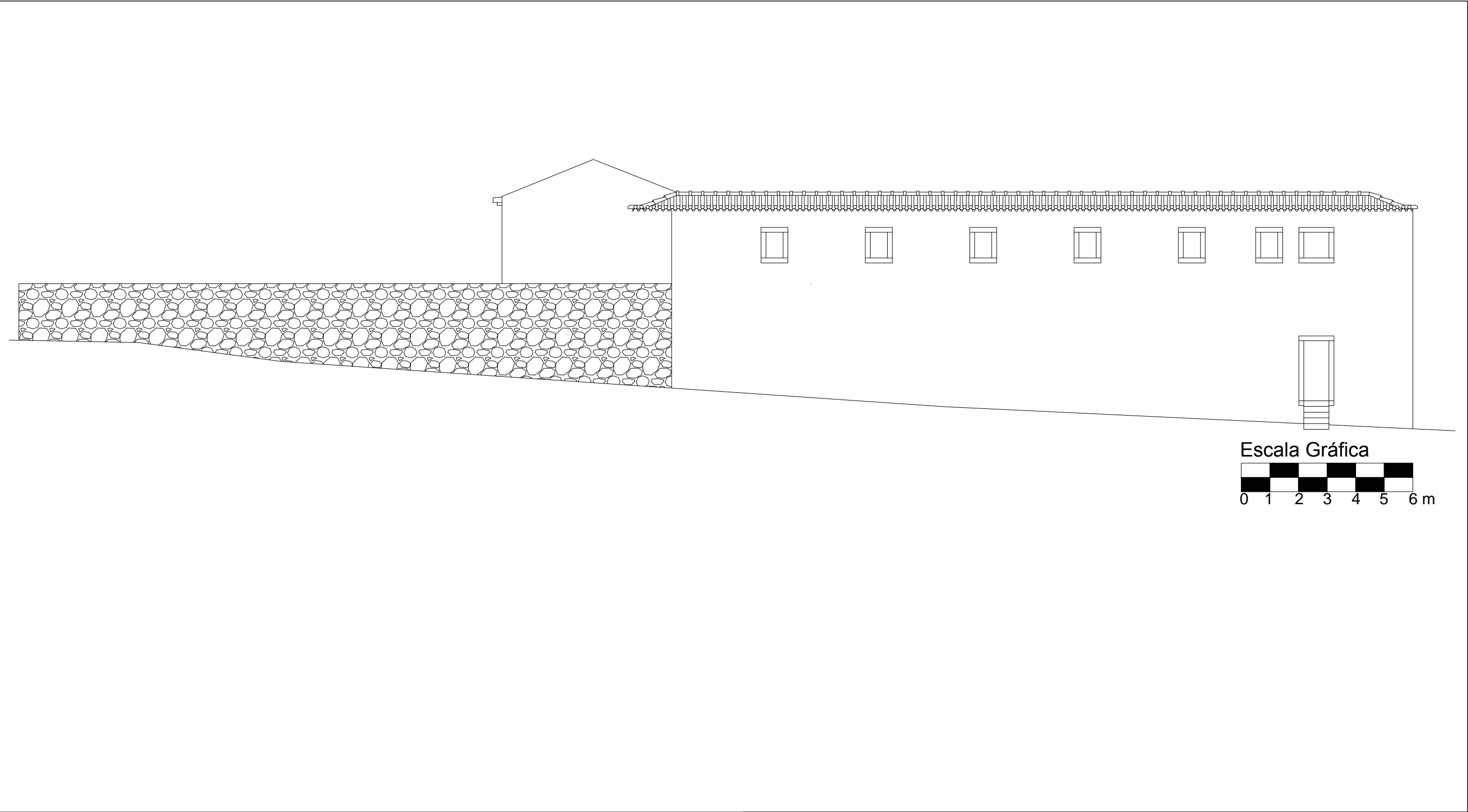
Alçado Nascente.

Escala Gráfica

Rubrica do responsavel

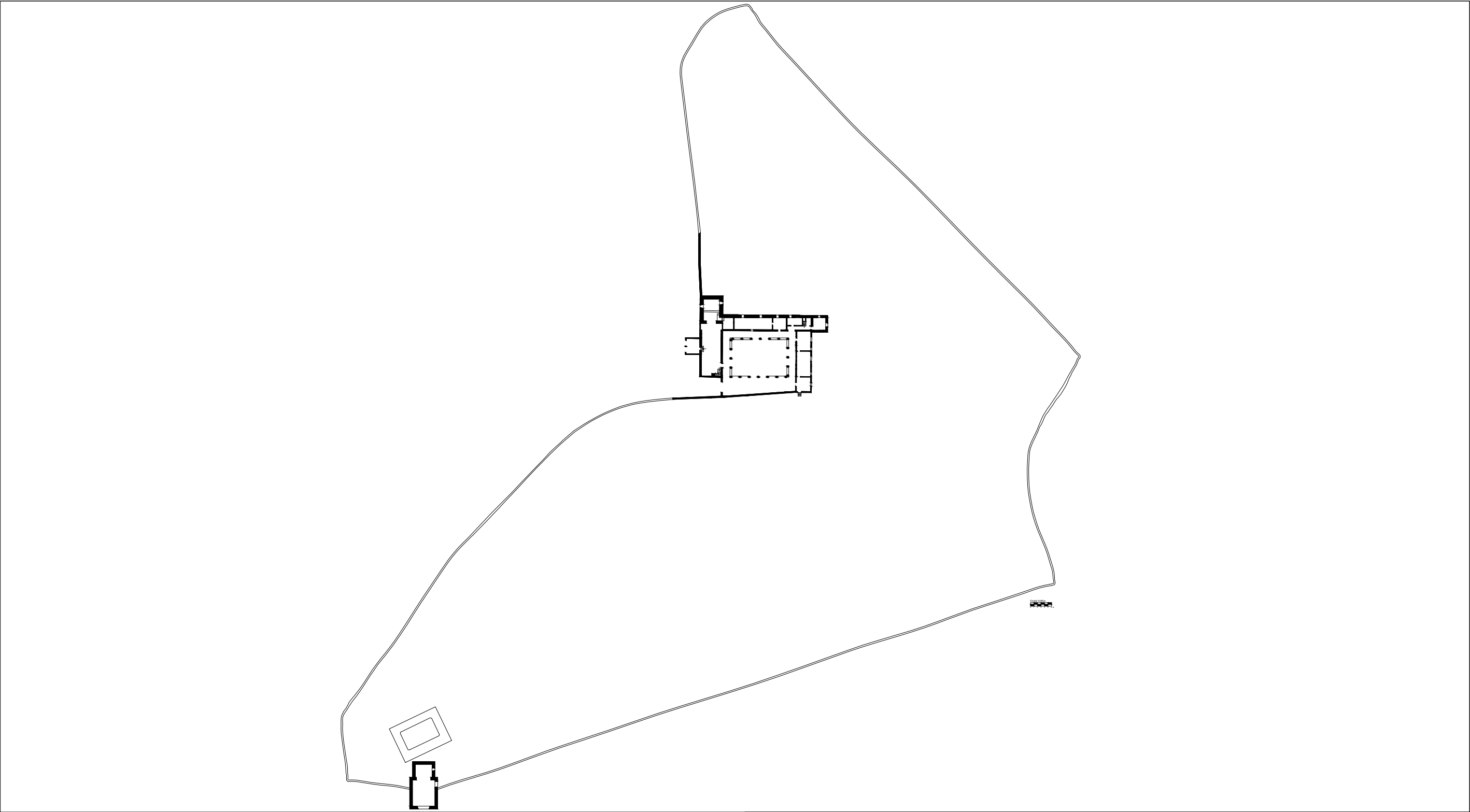
Elaborado por: Adriano José Mendes Machado

5
6



Observações:

Data: 25/ 04/ 2013	Reconstituição gráfica do Convento da Anunciada.	<div></div> <div></div> <div>6/6</div>
Local: Quinta da Anuncida Velha, Tomar.		
Escala Gráfica	Alçado Poente.	
Rubrica do responsavel	Elaborado por: Adriano José Mendes Machado	



Observações:

Data: 25/ 04/ 2013	Reconstituição gráfica do Convento da Anunciada e da sua Cerca.	
Local: Quinta da Anuncida Velha, Tomar.		
Escala Gráfica	Planta do Piso 0.	
Rubrica do responsavel	Elaborado por: Adriano José Mendes Machado	

4.5. Análise do edificado dentro da cerca do Convento

Partindo agora para o edificado, dentro dos limites da cerca do Convento, encontramos mais a sudeste, um tanque e uma torre numa espécie de promontório.

Relativamente ao tanque, este servia como reservatório da captação de água proveniente de uma fonte que se encontrava por de baixo da supracitada torre.⁵⁴

4.5.1.O Tanque da Quinta da Anunciada Velha

Era depois, a partir deste tanque (figura 7⁵⁵) que “... varias repartições de canos, por onde se conduzia a agua a varias partes da cercam e por hum deles largo, que corria junto a hum dilatado passeio, vinha a agua para outro tanque, que estava junto ao Convento, e desta he que hia ás oficinas delel.”⁵⁶



Figura 7 – Tanque.

⁵⁴ SANTIAGO, Fr. Francisco de – Chronica da Santa Provincia de N. Senhora da Soledade, p. 848.

⁵⁵ Fotografia do autor, 2013.

⁵⁶ SANTIAGO, Fr. Francisco de – Chronica da Santa Provincia de N. Senhora da Soledade, p. 848.

Com a descoberta desta descrição, é notório, que o Convento da Anunciada, não teria cisterna, pois é referido que a água vinha para um tanque junto do Convento e não para dentro dele e, que deste tanque ia para as oficinas, sem passar por mais nenhum tanque ou reservatório.

Contudo, apesar de hoje em dia, ser de difícil constatação este sistema hidráulico, de fazer chegar a água ao Convento, pois a geografia do atual terreno não se predispõe a tal facto, a verdade é que, tendo em conta a seguinte descrição: “... *foi encontrado um pavimento lajeado, a cerca de 50 cm abaixo do atual pavimento...*”, que acompanha a figura 8⁵⁷, ilustrando esta, uma escavação arqueológica em 1988/1989, efetuada na zona do claustro, encontrando-nos certamente perante o pavimento do antigo claustro.



Figura 8 – Escavação arqueológica de 1988/1989, na zona do antigo claustro.

⁵⁷ Fotografia do álbum particular Quinta da Anunciada Velha 1988 -1989, de António Pinto da França.

E se compararmos a figura 9⁵⁸ com a figura 10⁵⁹, onde podemos ver que o nível do chão, da primeira para a segunda figura, desceu aproximadamente de 70 cm. Sendo a figura 9 de 1942 e a figura 10 de 2013, isto quer dizer que, no tempo em que estes terrenos estavam sobre a alçada do Convento da Anunciada o nível do chão na zona circundante ao tanque, estava aproximadamente, pelo menos, 70 cm acima do atual, neste caso o modo de transporte da água, do tanque principal, até ao Convento, descrito anteriormente, trona-se verosímil, pois a inclinação do terreno e a força da gravidade encarregavam-se de fazer chegar a água ao convento, pelo encanamento supracitado. Este facto que é suportado, pela figura 11⁶⁰, onde podemos ver, no lado direito da figura, que este ainda era o modo de fazer chegar a água à Quinta da Anunciada Velha em 1950.



Figura 9 – Torre, 1942.

⁵⁸ Fotografia do álbum particular Quinta da Anunciada Velha 1940-1970, de António Pinto da França.

⁵⁹ Fotografia de Inês Catarino 2013.

⁶⁰ Fotografia do álbum particular Quinta da Anunciada Velha 1940-1970, de António Pinto da França.



Figura 10 – Torre, 2013.

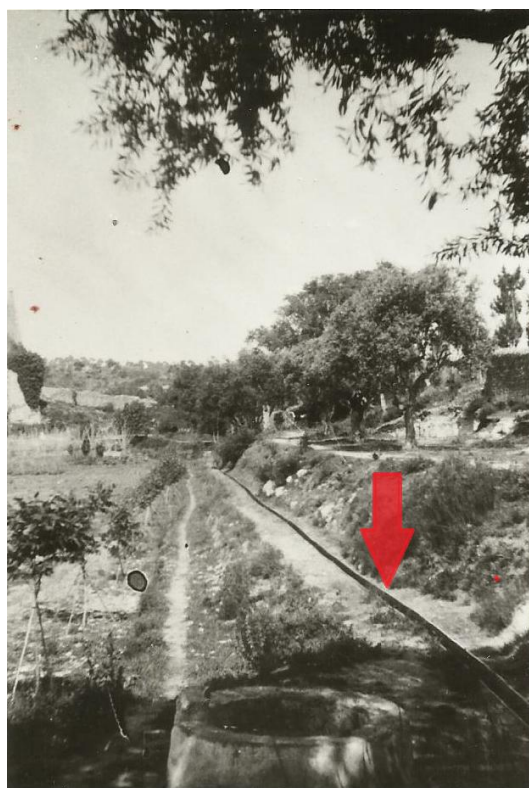
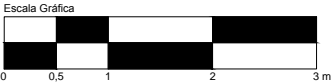
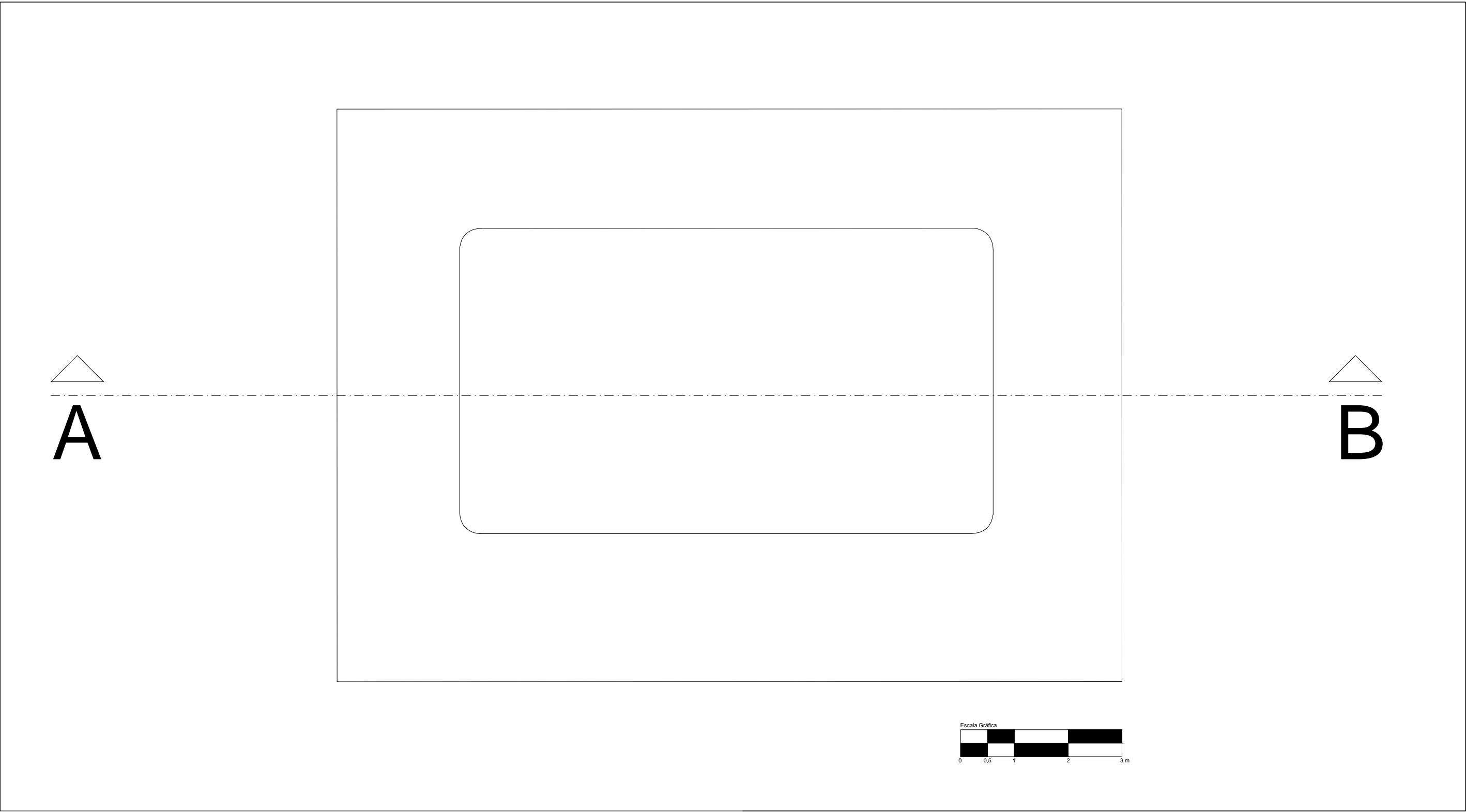


Figura 11 – Aqueduto, 1950.

Contudo, não se encontrou nenhuma informação que referisse, se o sistema hidráulico, apresentado anteriormente, era ou não obra dos Frades Capuchos, pelo que é de acreditar que tal sistema já existia, pois não pode ser esquecido o facto de estes terrenos já serem habitados desde, pelo menos, o século XII.

De seguida serão apresentados os levantamentos da planta e corte, do tanque tal como ele se encontra na atualidade.



Observações:

Data: 27/ 02/ 2013	Levantamento gráfico do conjunto habitacional da Quinta da Anuncida Velha.	<div></div> <div>N</div> <div>1/2</div>
Local: Quinta da Anuncida Velha, Tomar.	Planta do Tanque.	
Escala Gráfica em metros	Elaborado por: Adriano José Mendes Machado	
Rubrica do responsavel		



Observações:

Data: 27/ 02/ 2013

Local: Quinta da
Anuncida Velha, Tomar.

Escala Gráfica em
metros

Rubrica do responsavel

Levantamento grafico do conjunto habitacional da Quinta da
Anuncida Velha.

Corte "A-B" do tanque.

Elaborado por: Adriano José Mendes Machado

2
2

4.5.2.A Torre da Quinta da Quinta da Anunciada Velha

Já no que respeita á torre (figura 12⁶¹), esta foi a capela-mor do que em tempos foi a Capela de Nossa Senhora da Piedade⁶², mandada erguer, pelos Frades do Convento da Anunciada⁶³, sendo possível, que a sua traça seja da autoria de João de Castilho⁶⁴.

Pois aquando da construção da capela, João de Castilho encontrava-se no Convento de Cristo, a dirigir umas obras suas e, como os Frades do Convento da Anunciada e do Convento de Cristo viviam em constante comunhão, não é de descartar a hipótese, de estes últimos terem mandado João de Castilho fazer a traça da capela, como gesto de caridade para com os Frades do Convento da Anunciada.⁶⁵



Figura 12 – Torre, 2013.

⁶¹ Fotografia de Inês Catarino, em 2013.

⁶² META, Manuel Maria – Madalena: contributos para a história da freguesia, p. 18-19.

⁶³ SANTIAGO, Fr. Francisco de – Chronica da Santa Provincia de N. Senhora da Soledade, p. 848.

⁶⁴ EALO de SÁ, María – EL arquiteto Juan de Castillo “El constructor del mundo”, p. 329.

⁶⁵ Arquivo Particular António Pinto da França – Fontes para história e arqueologia da Anunciada Velha, pasta V, maço 1, fl. 1-8.

Assim ao fazer-se os levantamentos da planta, alçados e cortes da mesma e, ao analisar-se *in situ*, esta construção, constatou-se que as fundações das paredes laterais, iam para além do atual muro, o que leva a crer, que esta capela, teria uma dupla função, pois ao mesmo tempo que servia para a população vizinha vir orar, sendo um modo de angariar mais esmolas, pois os Frades Capuchos são uma Ordem Mendicante, ou seja, viviam das esmolas que lhes eram dadas⁶⁶, serviria também, como Casa de Fresco⁶⁷, para os frades meditarem, repousarem e refrescarem-se depois do trabalho no campo ou nas hortas. Visto que não pode ser esquecido o facto de que na maior parte das vezes, estas Casas de Fresco, estão relacionadas com a presença de água, o que neste caso se torna evidente, pois esta capela está assente em cima de uma fonte⁶⁸.

Com o recurso a estes dados, e recorrendo de novo às bases da Arqueologia da Arquitetura, procurou-se recuperar ao nível conjectural, o que teria sido esta capela, no tempo do Convento da Anunciada.

Assim, a fachada da capela seria imediatamente a seguir ao muro da cerca, pois não se encontraram vestígios de nenhuma construção para lá desse limite. Relativamente à parede, que hoje tem a função de fachada, esta encontra-se a ocupar o lugar onde outrora marcava presença o arco que faria a separação entre o altar-mor e o resto do corpo da igreja (figura 13⁶⁹).

⁶⁶ SANTIAGO, Fr. Francisco de – Chronica da Santa Provincia de N. Senhora da Soledade, p. 845.

⁶⁷ MOREIRA, Rafael – Relatório sobre a Quinta da Anunciada Velha, fl. 6-7.

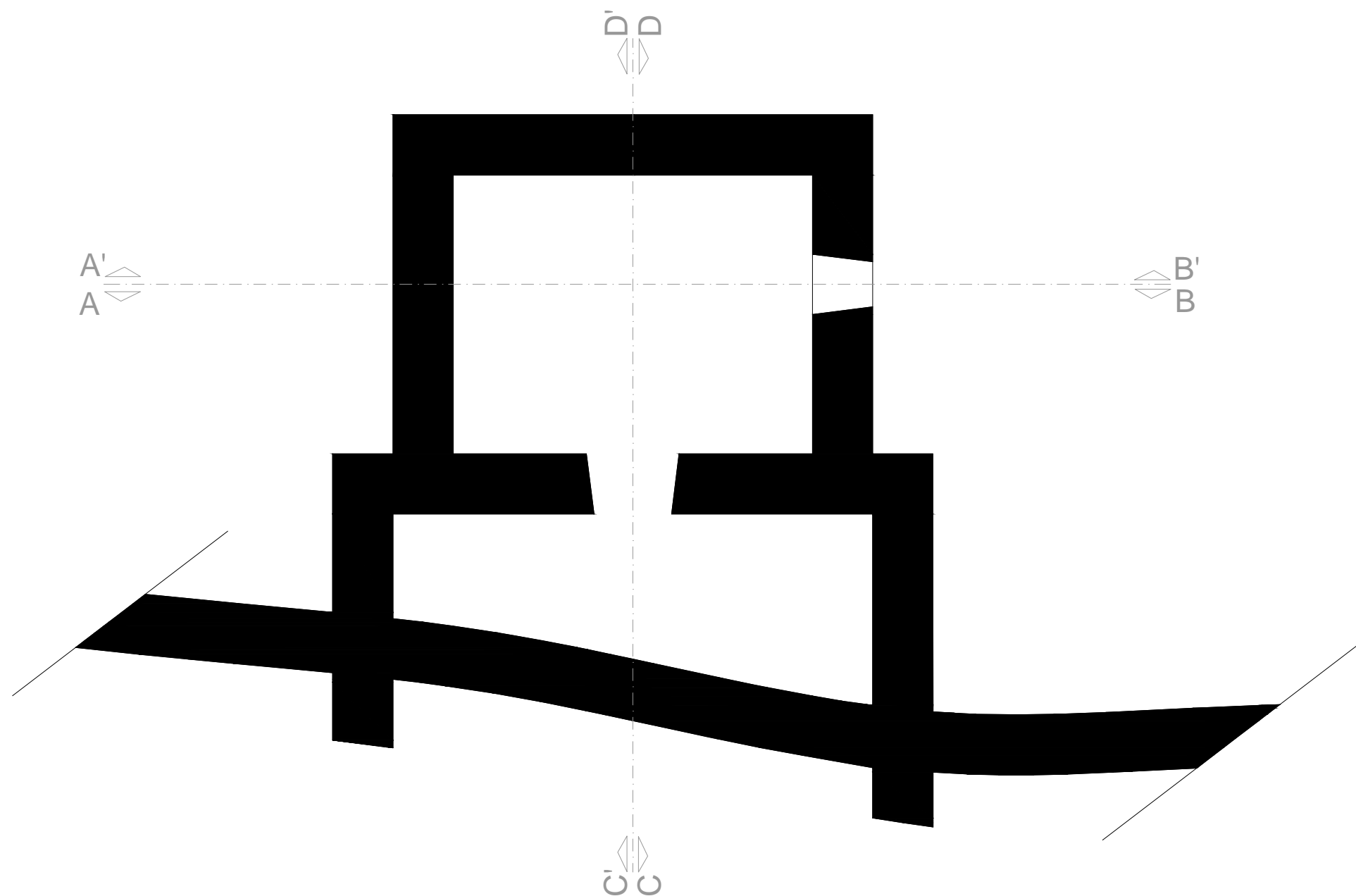
⁶⁸ SANTIAGO, Fr. Francisco de – Chronica da Santa Provincia de N. Senhora da Soledade, p. 848.

⁶⁹ Fotografia de Inês Catarino, em 2013.

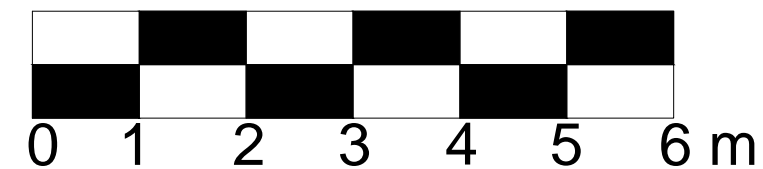


Figura 13 – Marcas dos arranques das paredes laterais da capela.

Em seguida serão apresentados os levantamentos da construção atual, bem como a planta do que terá sido a extinta Capela de Nossa Senhora da Piedade.



Escala Gráfica



Observações:

Data: 27/ 02/ 2013

Local: Quinta da
Anuncida Velha, Tomar.

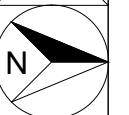
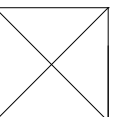
Escala Gráfica

Rubrica do responsavel

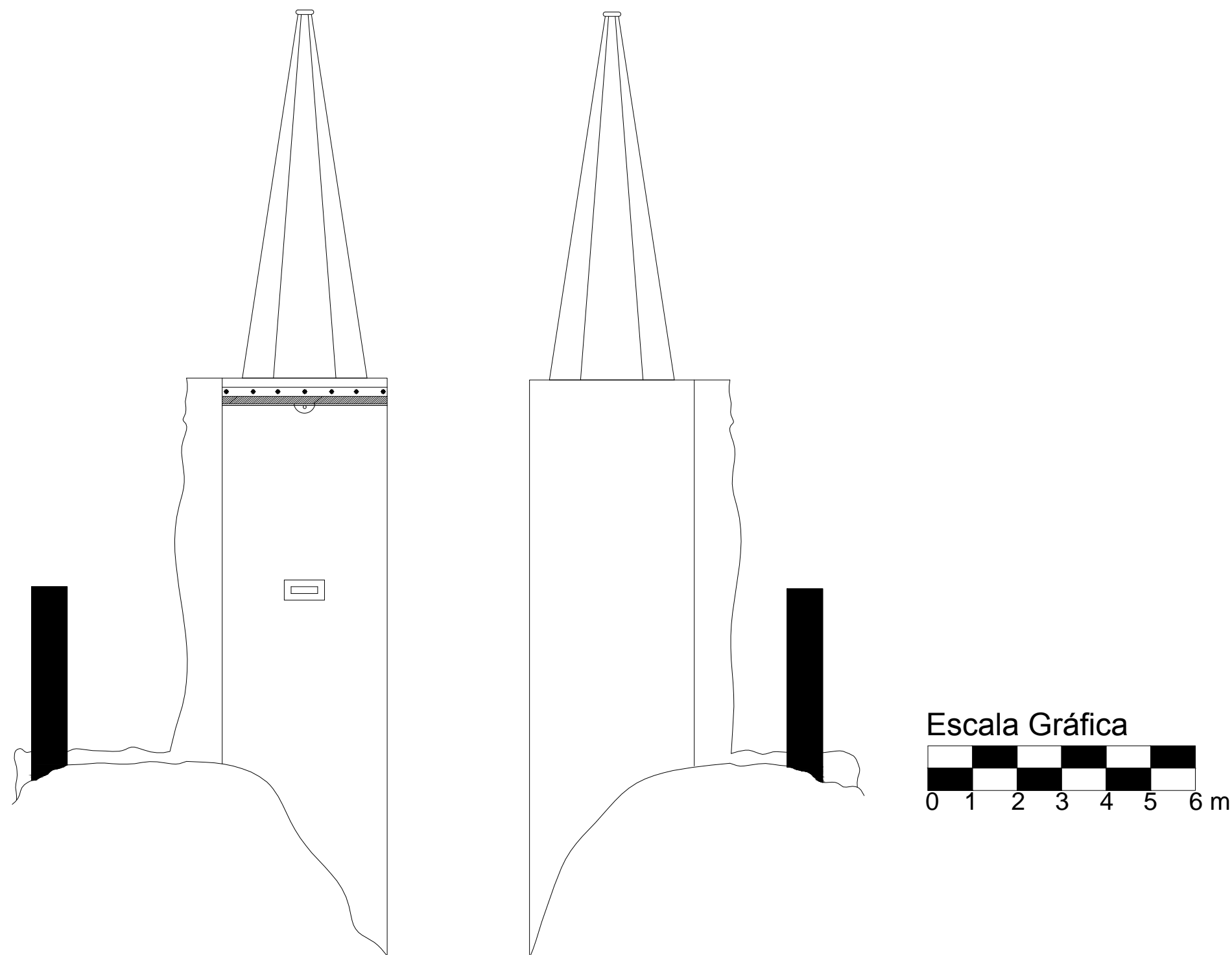
Levantamento gráfico da capela-mor, da extinta Capela de
Nossa senhora da Piedade, da Quinta da Anunciada Velha

Planta do Piso 0

Elaborado por: Adriano José Mendes Machado



1
5



Observações:

Data: 27/ 02/ 2013

Local: Quinta da
Anunciada Velha, Tomar.

Escala Gráfica

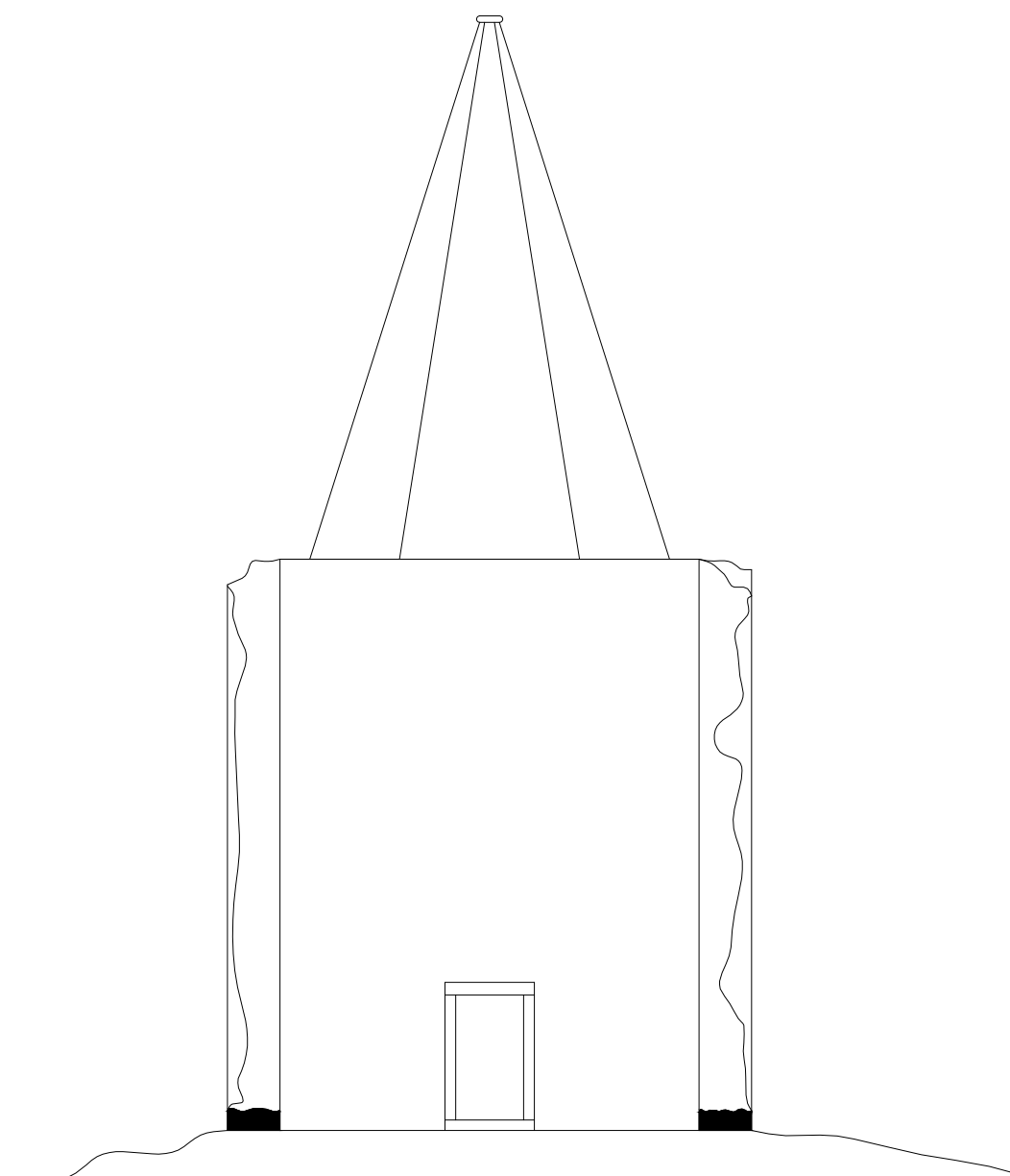
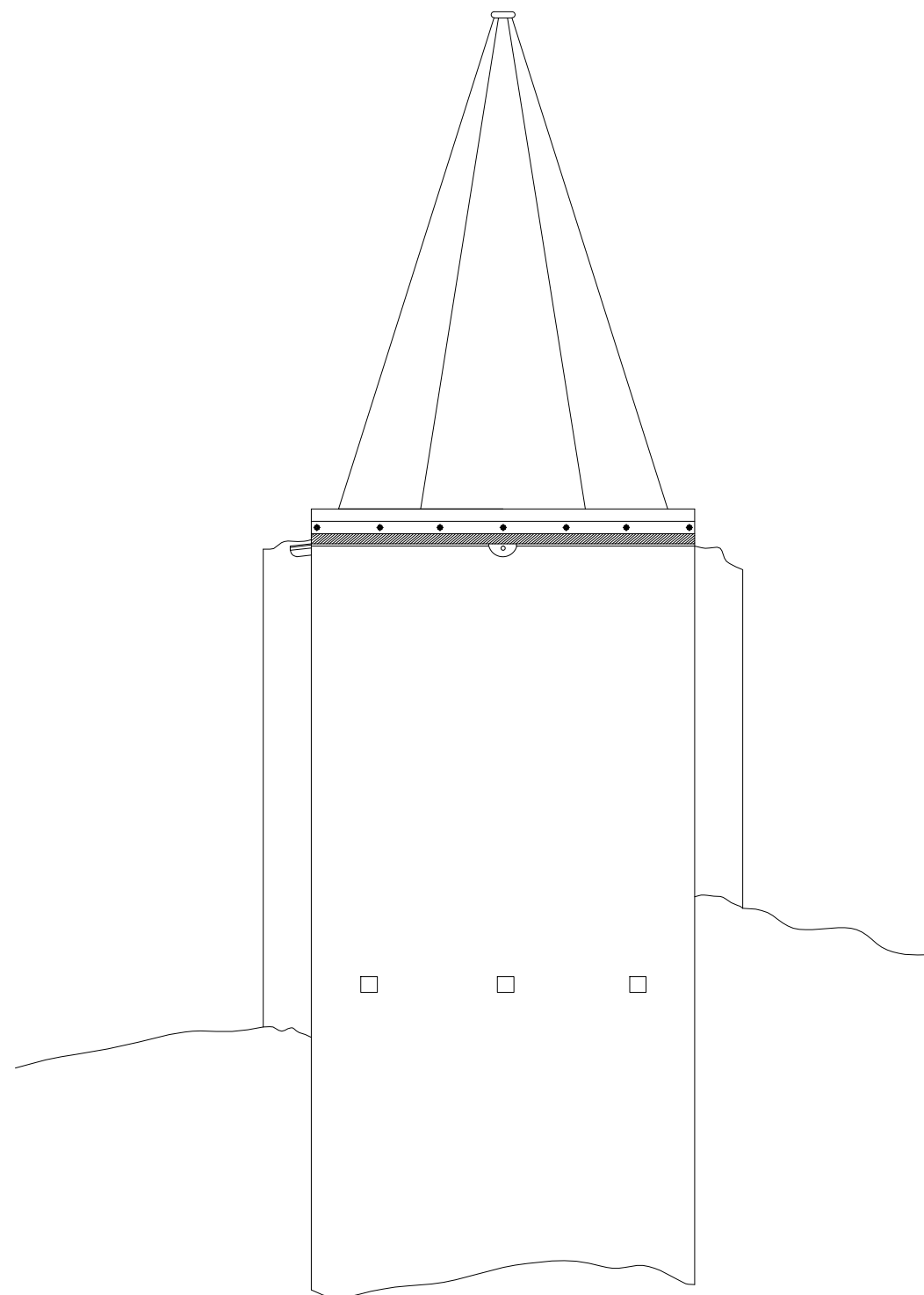
Rubrica do responsavel

Levantamento gráfico da capela-mor, da extinta Capela de
Nossa senhora da Piedade, da Quinta da Anunciada Velha

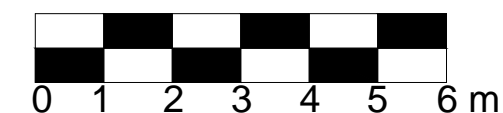
Alçado Norte e Sul (respetivamente).

Elaborado por: Adriano José Mendes Machado

2/5



Escala Gráfica



Observações:

Data: 27/ 02/ 2013

Local: Quinta da
Anuncida Velha, Tomar.

Escala Gráfica

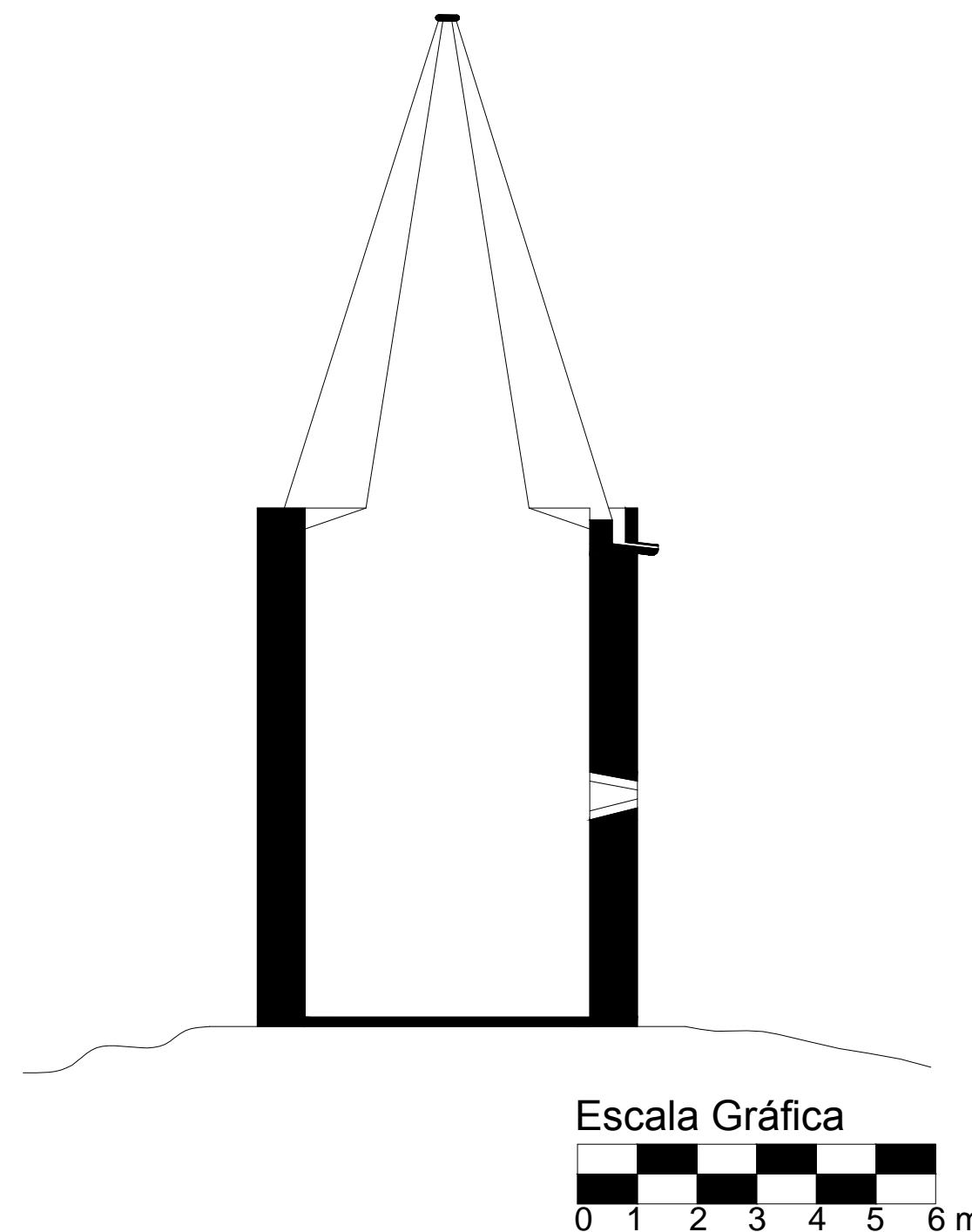
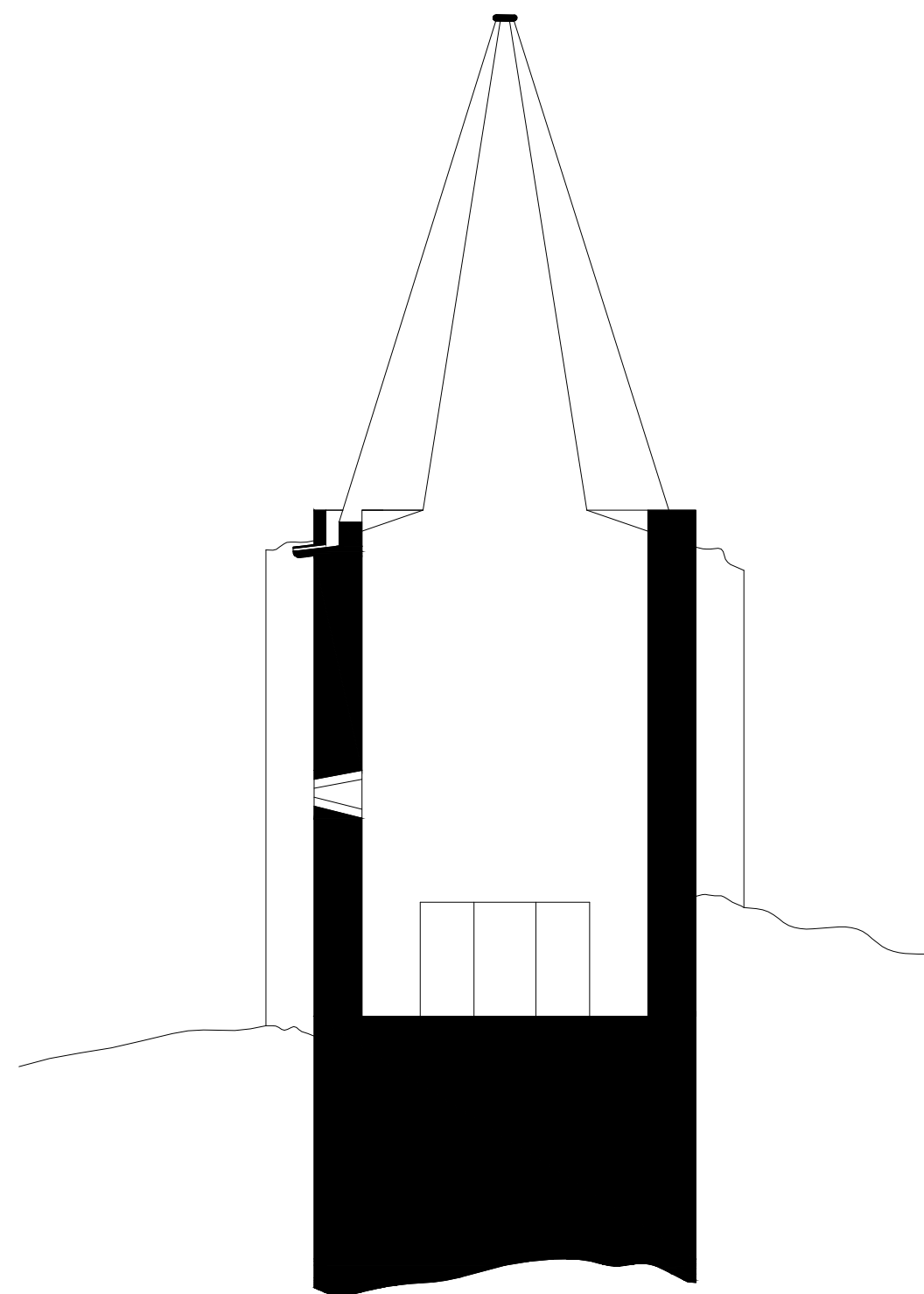
Rubrica do responsavel

Levantamento gráfico da capela-mor, da extinta Capela de
Nossa senhora da Piedade, da Quinta da Anunciada Velha

Alçado Nascente e Poente (respetivamente).

Elaborado por: Adriano José Mendes Machado

3/5



Observações:

Data: 27/ 02/ 2013

Local: Quinta da
Anunciada Velha, Tomar.

Escala Gráfica

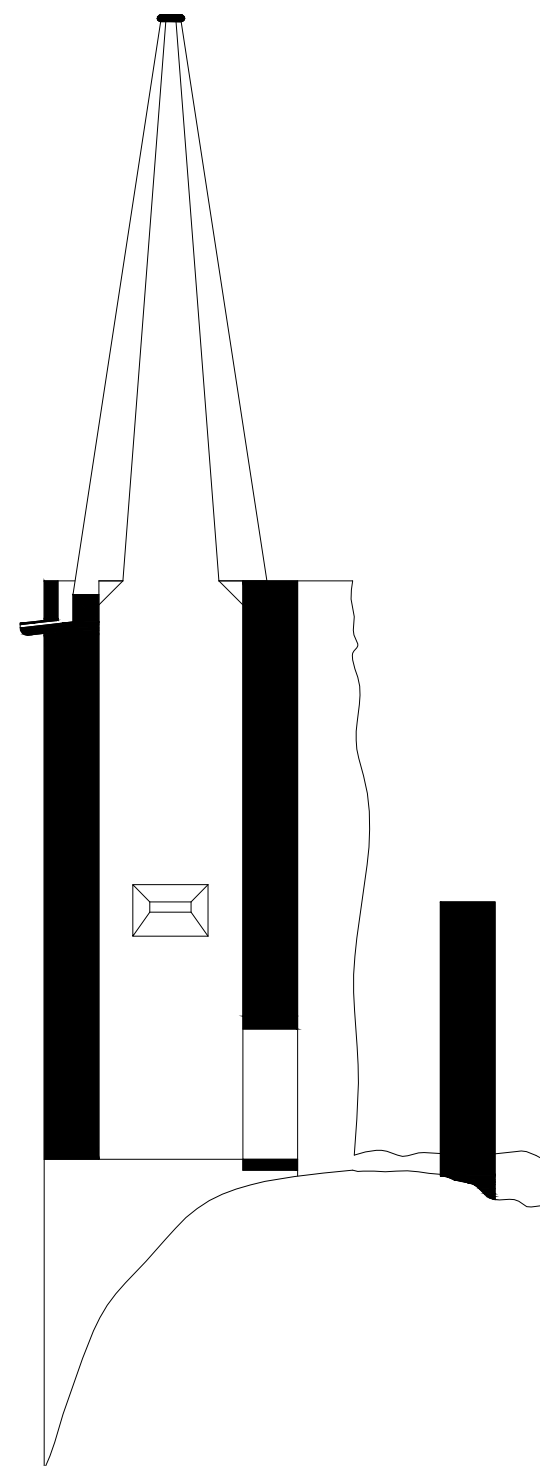
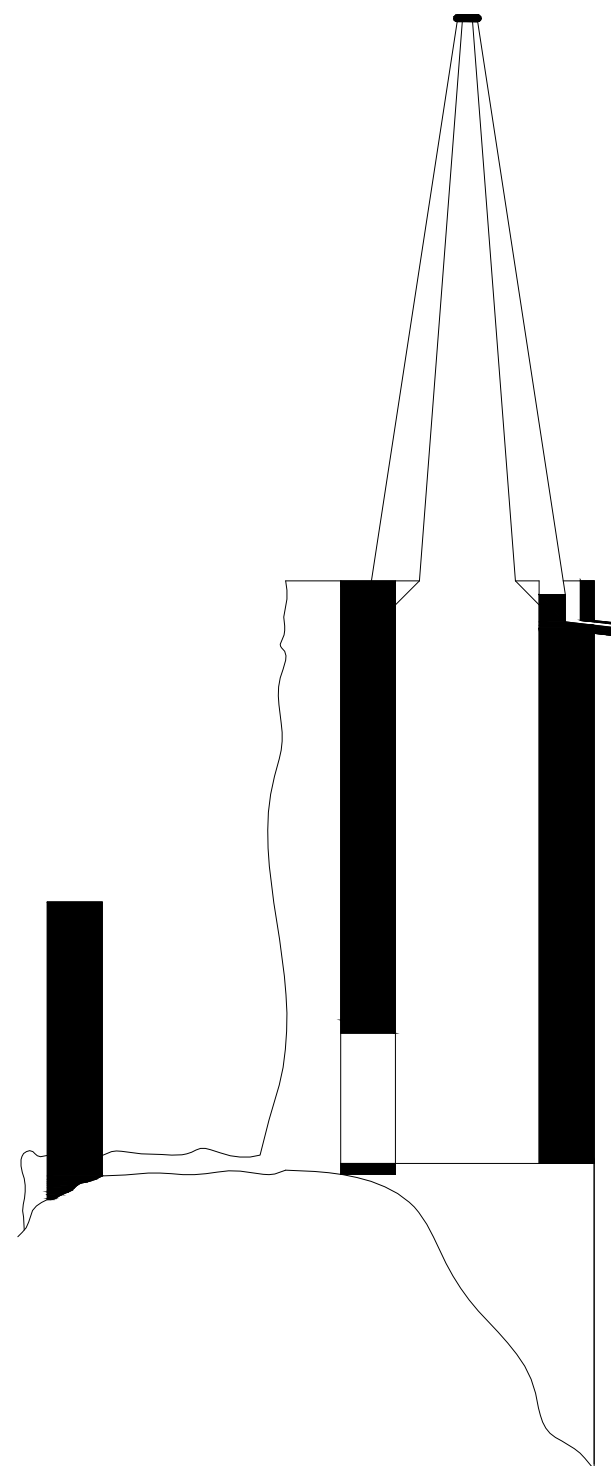
Rubrica do responsavel

Levantamento gráfico da capela-mor, da extinta Capela de
Nossa senhora da Piedade, da Quinta da Anunciada Velha

Cortes "A-B" e "A'-B' " (respetivamente).

Elaborado por: Adriano José Mendes Machado

4
5



Observações:

Data: 27/ 02/ 2013

Local: Quinta da
Anunciada Velha, Tomar.

Escala Gráfica

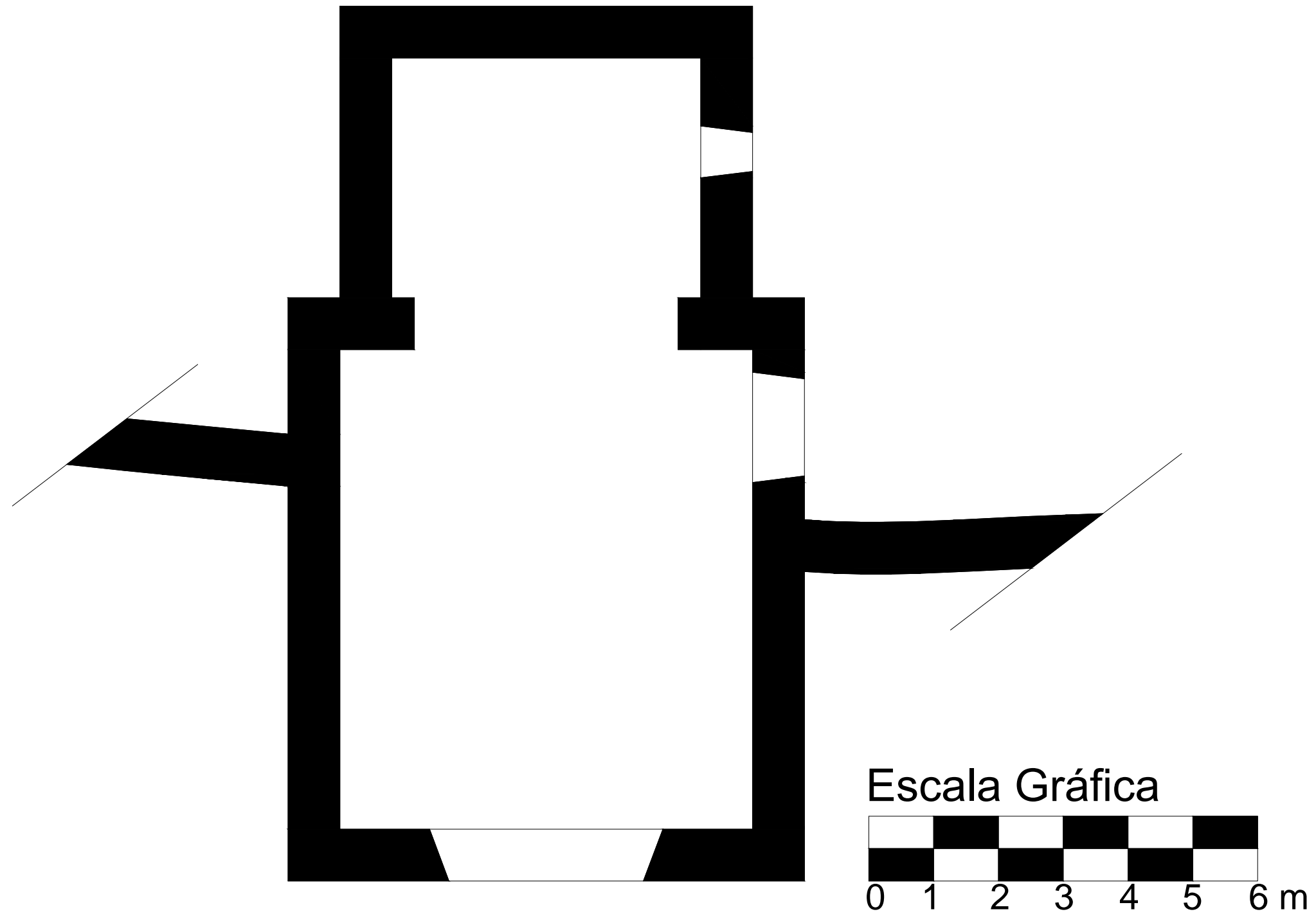
Rubrica do responsavel

Levantamento gráfico da capela-mor, da extinta Capela de
Nossa senhora da Piedade, da Quinta da Anunciada Velha

Cortes "C-D" e "C'-D' " (respetivamente).

Elaborado por: Adriano José Mendes Machado

5
5



Observações:

Data: 27/ 02/ 2013

Local: Quinta da
Anuncida Velha, Tomar.

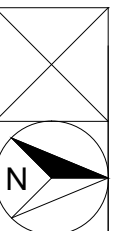
Escala Gráfica

Rubrica do responsavel

Reconstituição gráfica da capela-mor, da extinta Capela de
Nossa senhora da Piedade, da Quinta da Anunciada Velha.

Planta do Piso 0

Elaborado por: Adriano José Mendes Machado



1
1

5. Diagnóstico

5.1. Introdução

Como todo o conjunto habitacional, da Quinta da Anunciada Velha, se encontra hoje em dia a ser utilizado, não só como morada dos proprietários, bem como acumula ainda a utilização de Quinta de turismo rural, faz com que todo este conjunto seja regularmente inspecionado e alvo de pequenas intervenções, pelo que não apresenta problemas que mereçam cuidados de maior.

Pelo contrário, o que merece especial atenção ao nível da conservação e restauro é a antiga capela-mor da extinta Capela de Nossa Senhora da Piedade, pois sendo este, um dos cartões-de-visita da atual Quinta, encontra-se bastante degradado.

5.2. Levantamento do Estado de Conservação

A capela de Nossa Senhora da Piedade era de extrema importância, para os Frades deste Convento, pois no Alçado Nascente desta capela, do lado exterior, encontrava-se “*pintado N.S.P.S. Francisco recebendo as Chagas no Monte Alverne*”⁷⁰ e, no seu interior, no altar-mor encontrava-se “*pintada a Imagem de N. Senhora da Piedade*”⁷¹. Esta pintura foi visível até por volta de 1968, quando a parede foi caiada e a pintura tapada, permanecendo assim até aos dias de hoje.⁷²

Desta forma a tabela 1, mostra as vantagens de se fazer uma intervenção de conservação e restauro neste local.

⁷⁰ SANTIAGO, Fr. Francisco de – Chronica da Santa Provincia de N. Senhora da Soledade, p. 848.

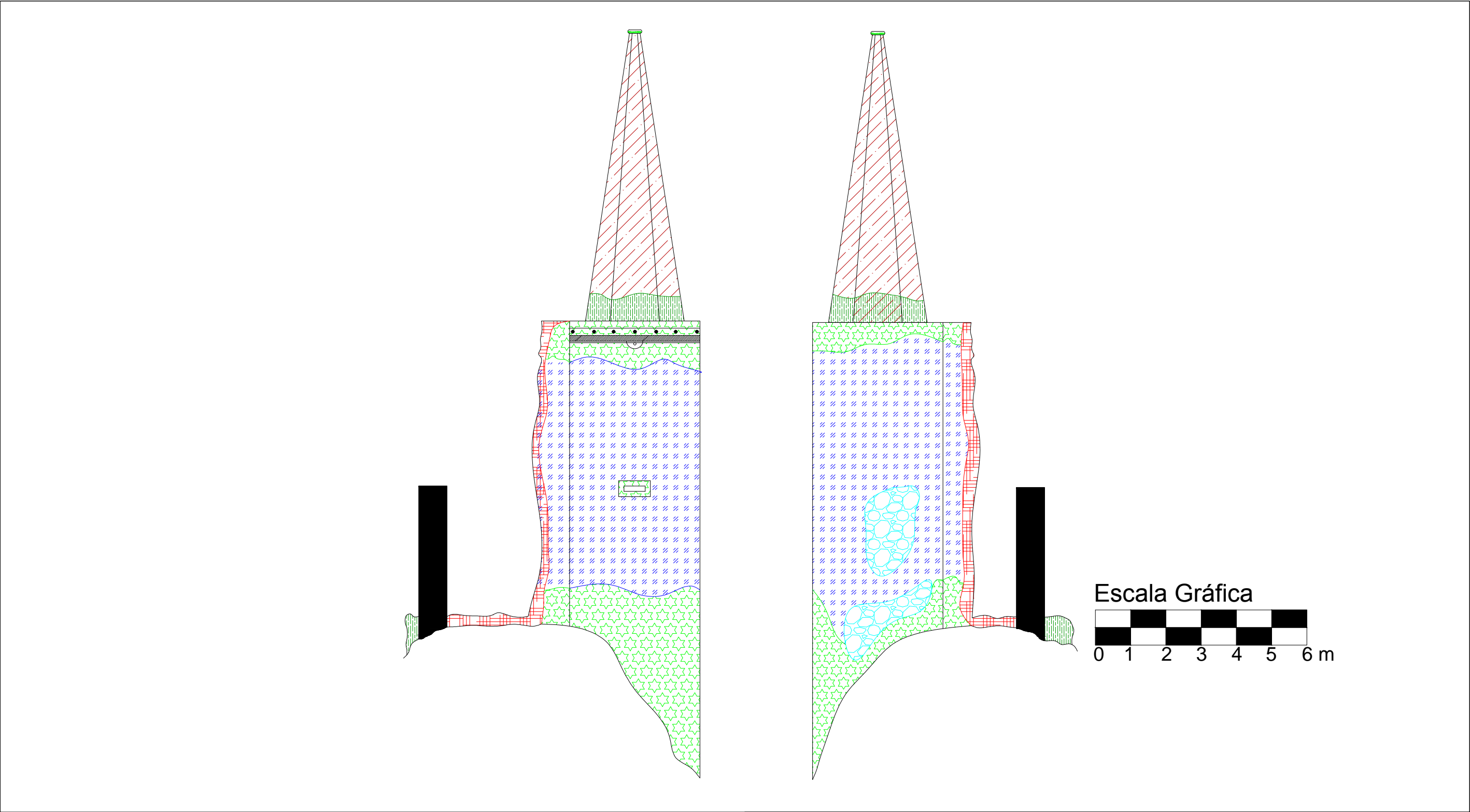
⁷¹ SANTIAGO, Fr. Francisco de – Chronica da Santa Provincia de N. Senhora da Soledade, p. 848.

⁷² FRANÇA, Sofia Pinto da – Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar, p. 25.


Tabela 1 – Vantagens de efetuar uma intervenção na capela-mor.


Organização		
	Pontos Fortes	Pontos Fracos
Oportunidades	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Qualidade Estética e Histórica <ul style="list-style-type: none"> - A intervenção vai possibilitar a melhor leitura das formas ✓ Capela do Século XVI <ul style="list-style-type: none"> - Manutenção da memória local ✓ Património Classificado <ul style="list-style-type: none"> - Salvaguarda/proteção ✓ Um dos Cartões-de-visita da Quinta <ul style="list-style-type: none"> - Valorização ✓ Localização privilegiada (quem vai para a Quinta passa obrigatoriamente por ela) <ul style="list-style-type: none"> - Fácil difusão e disseminação 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Mau estado de conservação <ul style="list-style-type: none"> - Necessidade de intervenção de conservação e restauro e possibilidade de parceria entre o IPT, Quinta da Anunciada Velha e Direção Geral de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo ✓ Localização (encontra-se numa elevação) <ul style="list-style-type: none"> - Esta localização de grande visibilidade expõe-na aos ventos aumentando a degradação por agentes externos
Ameaças	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Não é a zona mais importante da Quinta <ul style="list-style-type: none"> - Possibilidade de mostrar algo que se encontrava desvalorizado e oculto pela sujidade e vegetação ✓ Inexistência de plano de manutenção <ul style="list-style-type: none"> - Possibilidade de criação de um plano de manutenção atualizado que siga os novos conceitos e que possa ser constantemente atualizado 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Sujidade <ul style="list-style-type: none"> - Necessidade de limpeza profunda ✓ Vegetação excessiva (árvores e arbustos) <ul style="list-style-type: none"> - Desflorestação da área circundante para a proteção do monumento ✓ Muita incidência aos ventos (encontra-se numa elevação) <ul style="list-style-type: none"> - Necessidades gerais de revisões constantes ✓ Falta de visibilidade (não é visível a quem, não se desloque para a Quinta) <ul style="list-style-type: none"> - Necessidade de programa educativo para que se reconheça/valorize também este monumento.


Assim sendo, procedeu-se à identificação, documentação e localização, *in situ*, das formas de degradação que afetam esta edificação, tanto no que concerne ao exterior, como ao interior, passado posteriormente, toda esta informação para um levantamento topográfico da estrutura, digitalizado e computadorizado, de modo a obter os mapeamentos de patologias, que a seguir se apresentam.





Legenda:


 Colonização biológica

 Argamassa disfuncional

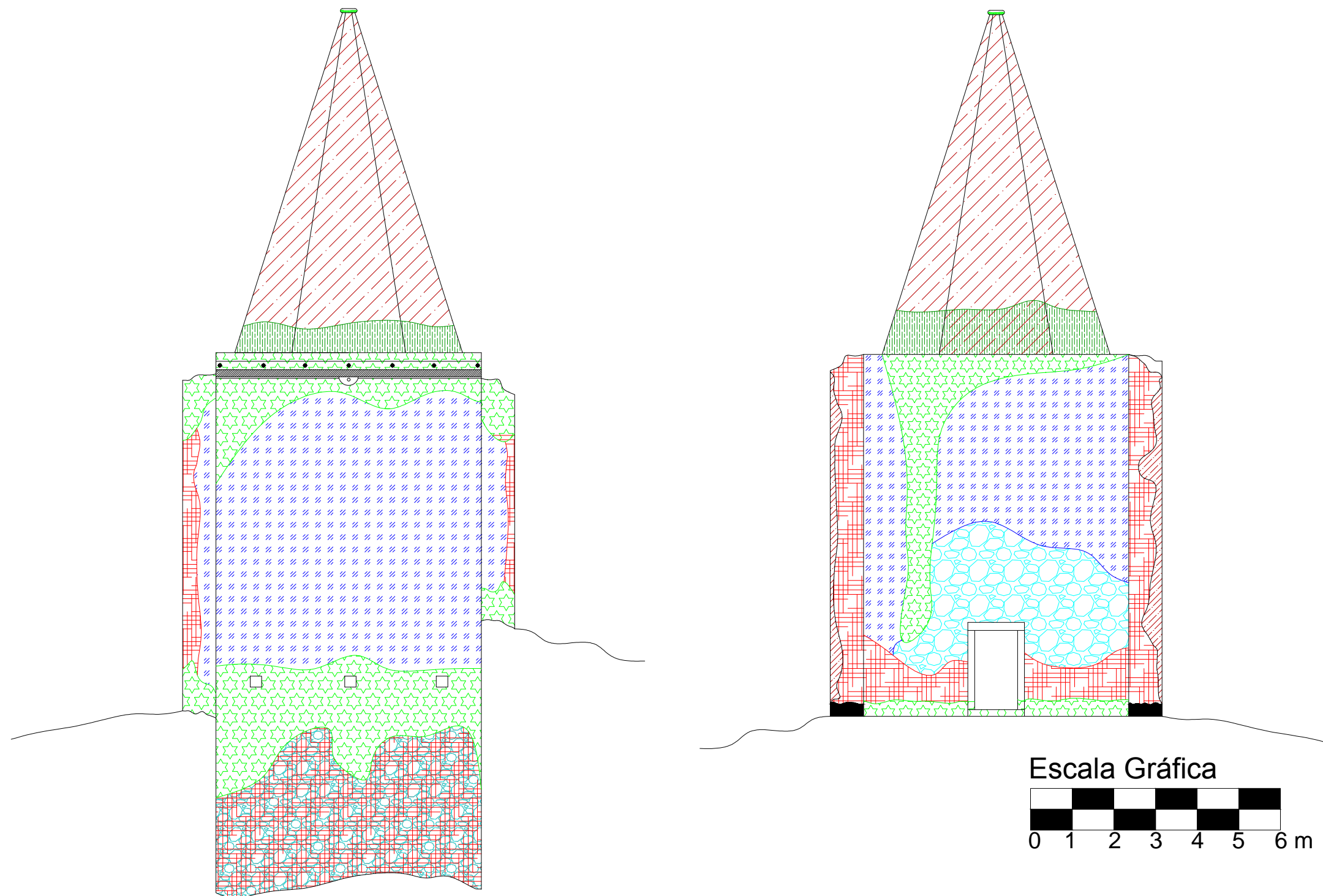
 Erosão diferenciada

 Plantas superiores







 Argamassa inadequada

 Fisuração

Data: 27/ 02/ 2013	Mapeamento de patologias da capela-mor, da extinta Capela de Nossa Senhora da Piedade, da Quinta da Anunciada Velha	
Local: Quinta da Anuncida Velha, Tomar.		
Escala Gráfica	Alcado Norte e Sul (respetivamente).	
Rubrica do responsavel	Elaborado por: Adriano José Mendes Machado	
		1/4



Legenda:

	Colonização biológica		Argamassa disfuncional		Erosão diferenciada
	Plantas superiores		Argamassa inadequada		Fisuração

Data: 27/ 02/ 2013

Local: Quinta da Anuncida Velha, Tomar.

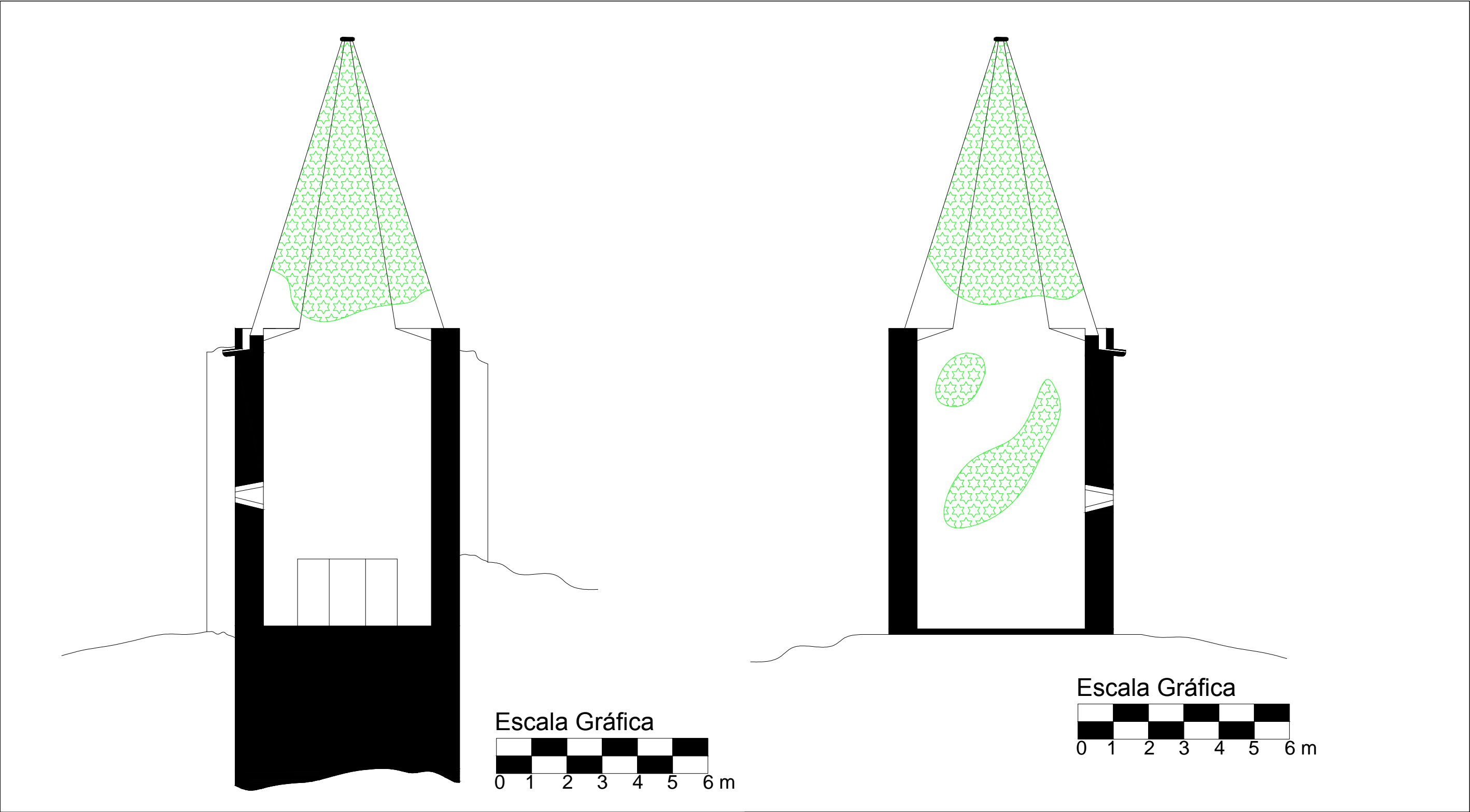
Escala Gráfica

Rubrica do responsavel







Mapeamento de patologias da capela-mor, da extinta Capela de Nossa Senhora da Piedade, da Quinta da Anunciada Velha

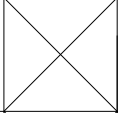
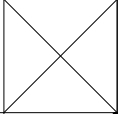

Alçado Nascente e Poente (respetivamente).

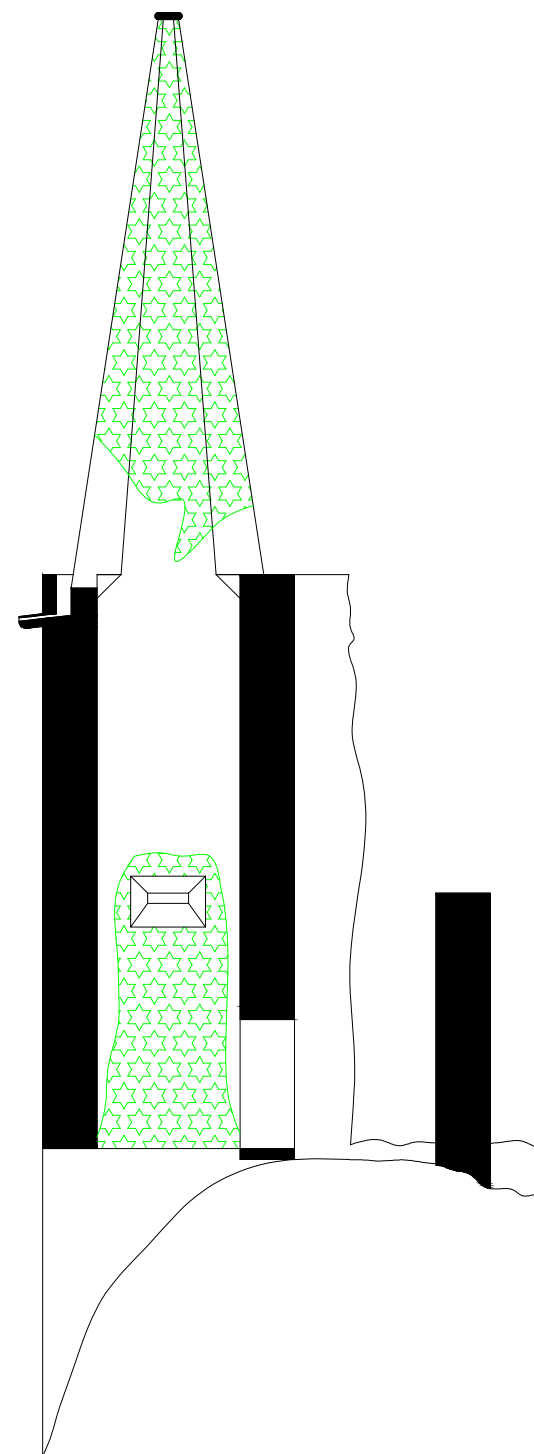
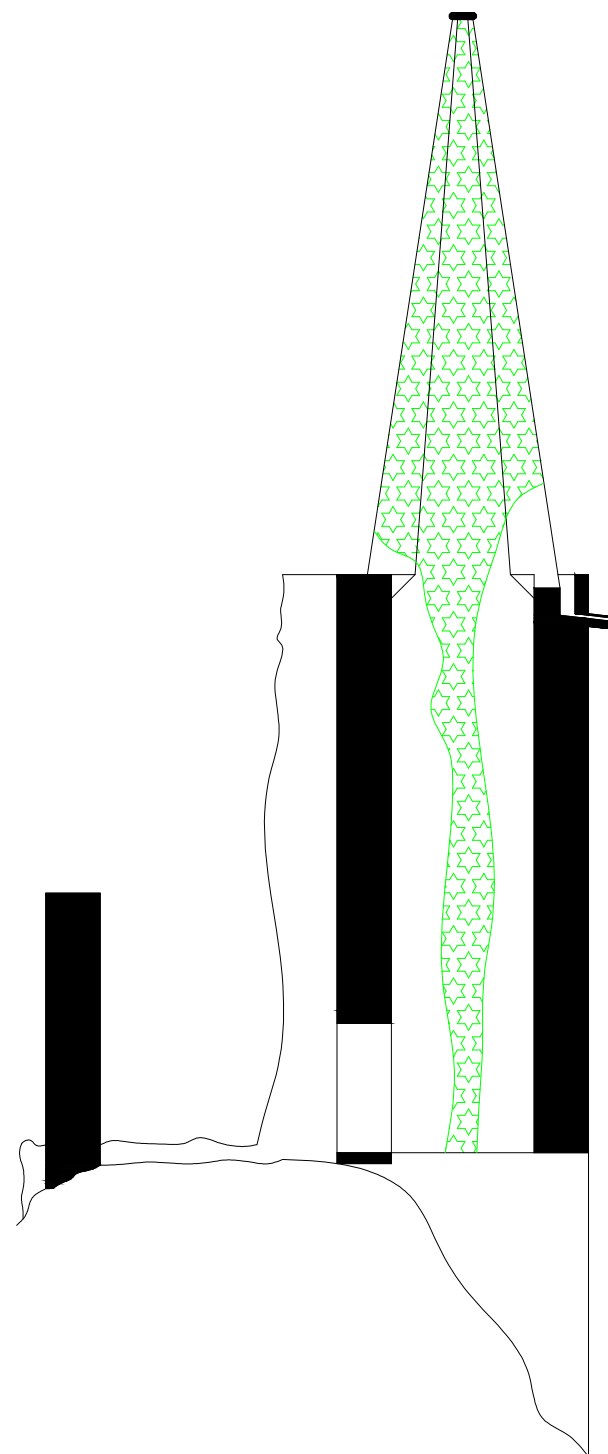
Elaborado por: Adriano José Mendes Machado




Legenda:

- | | | |
|---|--|---|
|  Colonização biológica |  Argamassa disfuncional |  Erosão diferenciada |
|  Plantas superiores |  Argamassa inadequada |  Fisuração |


Data: 27/ 02/ 2013	Mapeamento de patologias da capela-mor, da extinta Capela de Nossa Senhora da Piedade, da Quinta da Anunciada Velha	
Local: Quinta da Anuncida Velha, Tomar.		
Escala Gráfica		
Rubrica do responsavel		
	Cortes "A-B" e "A'-B' " (respectivamente).	
	Elaborado por: Adriano José Mendes Machado	
		




Legenda:




Colonização biológica




Argamassa disfuncional




Erosão diferenciada



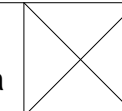
Plantas superiores



Argamassa inadequada



Fisuração

Data: 27/ 02/ 2013	Mapeamento de patologias da capela-mor, da extinta Capela de Nossa Senhora da Piedade, da Quinta da Anunciada Velha		
Local: Quinta da Anunciada Velha, Tomar.			
Escala Gráfica			Cortes "C-D" e "C'-D' " (respetivamente).
Rubrica do responsavel			Elaborado por: Adriano José Mendes Machado

5.3. Técnicas e materiais de execução

O estudo das técnicas e materiais de execução, empregues numa determinada construção, podem fornecer dados importantes, não só sobre a história construtiva do elemento em causa, mas também sobre as técnicas e matérias de execução, empregues em determinado período civilizacional.

Contudo, devido a todas as obras, que o conjunto habitacional foi sofrendo no decorrer das suas sucessivas ocupações, bem como o facto de o próprio Convento ter por base antigas construções, já existentes naquele local antes da sua fundação, a análise das técnicas e matérias de execução referentes ao Convento da Anunciada tronar-se-ia imprecisa.

Pois mesmo as construções, que foram erguidas pelos frades, encontram-se hoje cobertas por rebocos modernos e, visto que todo o conjunto habitacional se encontra sobre uma ocupação permanente, não se trona excluível a remoção dos rebocos, para se poder efetuar a análise das técnicas e materiais de execução, empregues nestas frações.

Contudo, foram analisadas as técnicas e materiais de execução de algumas áreas do conjunto habitacional, com o objetivo de perceber e registar as técnicas e matérias utilizadas, tanto para erguer todo aquele conjunto habitacional, bem como para o manter erguido.

Já no que respeita à antiga capela-mor da extinta Capela de Nossa Senhora da Piedade, as análises das técnicas e materiais de execução, já se tornam mais precisas, pois esta construção não foi alvo de um tão grande número de desvirtuamentos, como o resto do conjunto habitacional, mantendo-se assim, mais fiel ao original.

Assim sendo, no que respeita ao conjunto habitacional, analisou-se *in situ* a parede interior norte do piso -1 (figura 14⁷³), parede que corresponderia ao Alçado Norte do Convento da Anunciada e, foram analisadas também as paredes respeitantes ao túnel de

⁷³ Fotografia do autor, em 2013.

aproveitamento das águas pluviais, provenientes do Claustro (figura 15⁷⁴) no piso -1. Foi também utilizada, a figura 6, já mostrada anteriormente, para auxiliar esta análise.



Figura 14 – Parede interior Norte: interior do lagar.

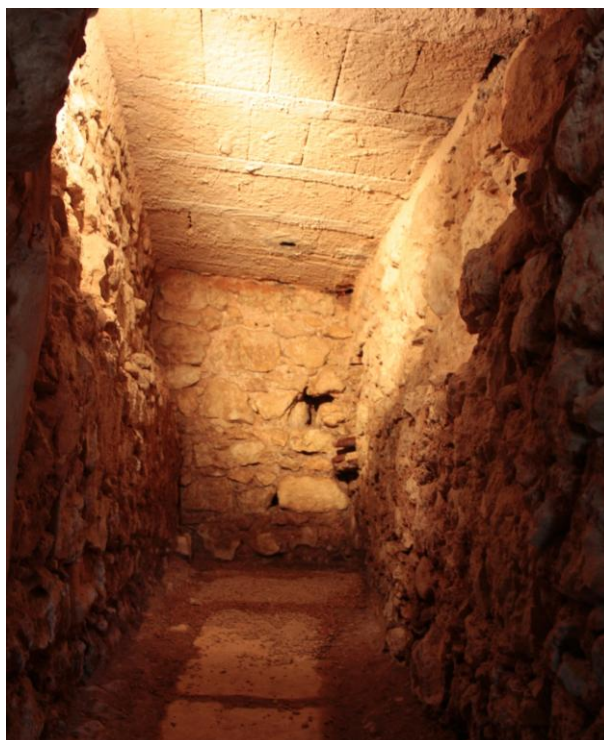


Figura 15 – Túnel.

⁷⁴ Fotografia de Inês Catarino, em 2013.

Desta forma, as técnicas e materiais de execução utilizados foram a alvenaria de pedra, ou seja, blocos de pedra, colocada justa e sobre posta, sucessivamente, unida entre si por meio de uma argamassa, formando uma estrutura ou uma parede⁷⁵ e, alvenaria de tijolo, neste caso a técnica é a mesma, só se fazendo a substituição da pedra pelo tijolo⁷⁶.

Em relação a capela-mor da antiga capela, as técnicas e materiais de execução utilizados foram a alvenaria de pedra, para a base e paredes (figura 16⁷⁷). Já o teto, em coruchéu, foi conseguido através de alvenaria em tijolo, como é possível ver, através da falta de reboco, pelo exterior (figura 17⁷⁸).

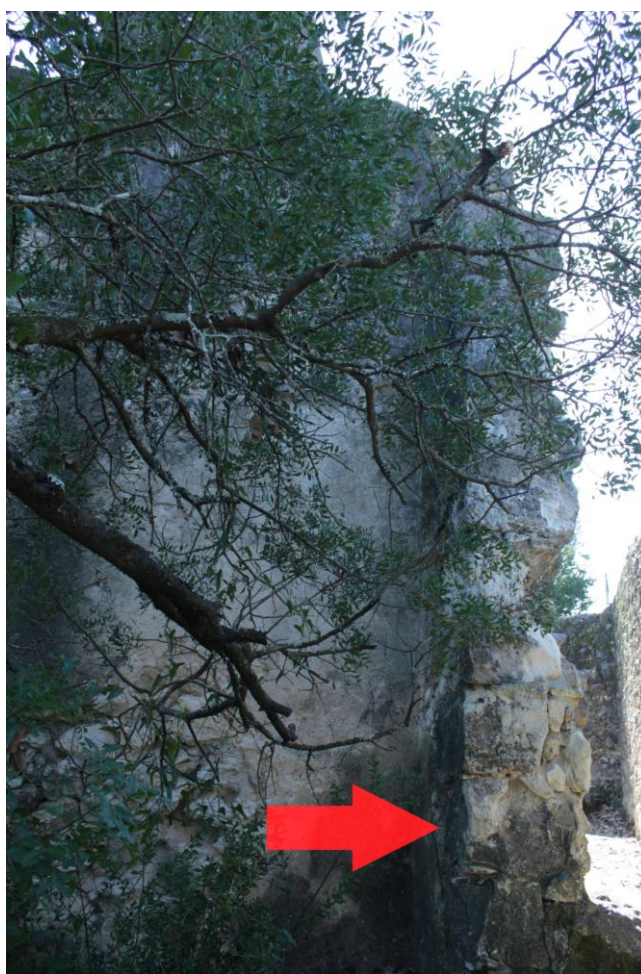


Figura 16 – Alvenaria de pedra.

⁷⁵ SEGURADO, João Emílio dos Santos – Alvenaria e Cantaria, p. 2-5.

⁷⁶ SEGURADO, João Emílio dos Santos – Alvenaria e Cantaria, p. 2-5.

⁷⁷ Fotografia de Inês Catarino, em 2013.

⁷⁸ Fotografia de Inês Catarino, em 2013.



Figura 17 – Alvenaria em tijolo.

5.4. Análise de argamassas

As argamassas são um constituinte fundamental, nas construções de alvenaria, conferindo à estrutura, onde são empregues, uma maior coesão e sustentabilidade.

Assim sendo, foram analisadas dez argamassas, neste caso, argamassas de cal, com o objetivo de tentar perceber, se para a mesma função, neste caso de reboco e assentamento, independentemente da época construtiva, o traço utilizado para produzir as argamassas, se tinha mantido ao longo dos tempos. A tabela 2 apresenta a designação dada a cada amostra, com a indicação do local onde foi recolhida a mesma.

Tabela 2 – Designação de cada amostra, com a indicação do local onde foi recolhida.

Amostra	Designação	Localização
1	QAV 1 ⁷⁹	Assentamento de alvenaria do Alçado Nascente da capela-mor
2	QAV 2	Reboco do Alçado Nascente da capela-mor
3	QAV 3	Assentamento de alvenaria do Alçado Sul da capela-mor (base)
4	QAV 4	Reboco do Alçado Sul da capela-mor
5	QAV 5	Assentamento de alvenaria do muro da cerca (zona de aproveitamento das águas pluviais)
6	QAV 6	Assentamento de alvenaria da ponte da ribeira da Beselga (Ponte dos Frades)
7	QAV 7	Assentamento de alvenaria do túnel de aproveitamento das águas pluviais do antigo claustro
8	QAV 8	Assentamento de alvenaria da parede interior norte do lagar
9	QAV 9	Reboco da parede interior norte do lagar (do lado esquerdo da porta)
10	QAV 10	Reboco da parede interior norte do lagar (do lado direito da porta)

As argamassas foram analisadas, por duas vezes, tendo por base o método denominado de Método Simples⁸⁰, sendo a primeira análise elaborada no Laboratório de Física, Química e Rx, do Departamento de Conservação e Restauro e a segunda análise decorreu no Laboratório de Química do Departamento de Engenharia Química.

O método analítico em causa tem como objetivo determinar as proporções dos três principais componentes de uma argamassa, dita, tradicional, sendo esta determinação traduzida pela separação gravimétrica dos constituintes por solubilização parcial da amostra.⁸¹

Desta forma teremos o ligante, basicamente carbonato de cálcio (CaCO_3), solúvel em ácido clorídrico (HCl), ou seja, $\text{CaCO}_3 + 2\text{HCl} \rightarrow \text{CaCl}_2 + \text{CO}_2\uparrow + \text{H}_2\text{O}$, os finos, ou seja, impurezas finas, como a argila, ou componentes hidráulicos, como o pó de tijolo, e por fim o agregado.

⁷⁹ QAV – Quinta da Anunciada Velha. 1 – Número da amostra.

⁸⁰ TEUTÓNICO, J. M. – Laboratory Manual for Arquitectural Conservators, p. 113-116.

⁸¹ TEUTÓNICO, J. M. – Laboratory Manual for Arquitectural Conservators, p. 113.

5.4.1.Primeira análise

Esta análise foi feita sob a orientação do Doutor Vítor Gaspar, no Laboratório de Física, Química e Rx, do Departamento de Conservação e Restauro.

5.4.1.1.Equipamento Utilizado

Na primeira análise o equipamento utilizado foi: Balança analítica; Almofariz; Estufa; Gobelet de 500 ml; Frasco de esguicho; Proveta de 100 ml; Papel de Filtro; Varetas de vidro; Lâmpada de IV; Erlenmeyer de 250 ml.

5.4.1.2.Reagentes utilizados

Os reagentes utilizados foram, HCl a 14% e água destilada.

5.4.1.3.Método de recolha e preparação da amostra

As amostras foram recolhidas, dos locais a analisar, com o recurso a escopro e maceta (figura 18⁸²), sendo no caso das argamassas de reboco, foram retiradas as camadas correspondentes à caiação, por estas não fazerem parte da constituição da argamassa, diminuindo assim a ocorrência de erros.

Posto isto, foram retiradas, de cada uma destas primeiras amostras, cerca de 25 g, sendo o restante das amostras, guardado para futuras análises.

⁸² Fotografia do autor, em 2013.



Figura 18 – Recolha de amostras.

Posto isto, foram etiquetados, 10 cadinhos, fazendo-se corresponder cada um a uma amostra, e a sua massa foi registada, as amostras foram depois desagregadas, uma a uma com recurso a um almofariz (figura 19⁸³), sendo este limpo com etanol⁸⁴ (figura 20⁸⁵), entre cada desagregação, para remover resíduos deixados pela amostra anterior (figura 21⁸⁶) e colocadas dentro do cadinho correspondente, sendo de seguida secas em estufa a 110 °C, durante 24 horas (figura 22⁸⁷). Após as 24 horas as amostras foram retiradas da estufa e colocadas, dentro de um exsicador, para arrefecerem lentamente.

⁸³ Fotografia de autor, em 2013.

⁸⁴ Álcool etílico.

⁸⁵ Fotografia de autor, em 2013.

⁸⁶ Fotografia de autor, em 2013.

⁸⁷ Fotografia de autor, em 2013.



Figura 19 – Desagregação da amostra.



Figura 20 – Limpeza do pilão.



Figura 21 – Limpeza do almofariz.



Figura 22 – Amostras na estufa.

Posteriormente cada amostra foi pesada, registrando-se a sua massa na tabela 3.

Tabela 3 – Massa do cadinho e da amostra.

Amostra	Massa do cadinho (g)	Massa da amostra (g)
QAV 1	59,50	25,09
QAV 2	58,90	25,12
QAV 3	58,80	25,11
QAV 4	60,50	25,12
QAV 5	60,50	25,15
QAV 6	68,80	25,16
QAV 7	58,50	25,12
QAV 8	57,70	25,14
QAV 9	59,70	25,13
QAV 10	55,80	25,11

5.4.1.4. Procedimento

As amostras foram colocadas, nos Erlenmeyer (figura 23⁸⁸) e humedecidas com água destilada (figura 24⁸⁹), sendo de seguida submersas com cerca de 25 ml de HCl a 14 %, com a ajuda de uma pipeta graduada (figura 25⁹⁰).



Figura 23 – Colocação da amostra no Erlenmeyer.

⁸⁸ Fotografia de autor, em 2013.

⁸⁹ Fotografia de autor, em 2013.

⁹⁰ Fotografia de autor, em 2013.



Figura 24 – Humedecimento da amostra.



Figura 25 – Ataque da amostra com ácido.

Durante a digestão do CaCO_3 , os papéis de filtro⁹¹ foram sendo etiquetados (figura 26⁹²) adequadamente, fazendo-se corresponder cada papel de filtro a uma amostra, de modo a que não ocorresse a troca dos mesmos, sendo de seguida registada a massa do filtro, como podemos ver na tabela 4.



Figura 26 – Papel de filtro etiquetado.

Tabela 4 – Massa do papel de filtro.

Papel de filtro	Massa do papel de filtro (g)
1	1,52
2	1,51
3	1,50
4	1,51
5	1,50
6	1,54
7	1,51
8	1,50
9	1,47
10	1,48

Após o término da digestão do CaCO_3 , ou seja, deixou de ser visível a reação de efervescência, foi adicionado ao Erlenmeyer cerca de 75 ml de água destilada (figura 27⁹³), o que não está correto. Pois apesar da reação de efervescência ter terminado, visivelmente, isso não quer dizer, que todo o CaCO_3 tenha sido digerido. Pelo que os 25

⁹¹ Whatman, Cat No 1001 125.

⁹² Fotografia de autor, em 2013.

⁹³ Fotografia de autor, em 2013.

ml de HCl a 14%, utilizados para fazer a digestão, podem não ter sido suficientes para digerir todo o CaCO_3 presente na amostra, uma vez que não foi adicionado mais HCl a 14 %, para ver se ocorria mais reação de efervescência ou não⁹⁴, sendo este o modo mais seguro de garantir, que todo o CaCO_3 havia sido digerido.



Figura 27 – Junção de água destilada à amostra.

Para além disso, se de facto o CaCO_3 não tiver sido totalmente solubilizado, pois não temos garantias de que este tinha sido, os resíduos deste podem perfeitamente ser contabilizados no decorrer da análise, como finos ou mesmo agregado, introduzindo-se logo à partida um erro desnecessário nas análises das argamassas. Contudo, continuou-se a análise.

Desta feita, o papel de filtro, já etiquetado, foi dobrado em quatro partes e colocado num funil, onde foi humedecido com água destilada, para o fazer aderir às paredes do funil (figura 28⁹⁵), de modo a que não houve-se fuga de finos. O funil foi colocado por cima do *gobelet* de modo a que este retivesse a água de filtragem.

⁹⁴ TEUTÓNICO, J. M. – Laboratory Manual for Arquitectural Conservators, p. 114.

⁹⁵ Fotografia do autor, em 2013.



Figura 28 – Filtro no funil.

Com a ajuda de uma vareta, a amostra, que se encontrava dentro do Erlenmeyer, foi agitada, de modo a provocar a suspensão dos finos, sendo de seguida o líquido, com o material em suspensão, passado pelo filtro (figura 29⁹⁶), tendo o cuidado de reter as partículas de agregado, no fundo do Erlenmeyer.



Figura 29 – Filtragem.

Este processo foi repetido cerca de quatro vezes, sendo o agregado transferido de seguida, para um peneiro, com a malha de 75 μ m, para ser lavado novamente por mais quatro vezes (figura 30⁹⁷), para depois ser transferido, para um cadinho (figura 31⁹⁸),

⁹⁶ Fotografia do autor, em 2013.

⁹⁷ Fotografia do autor, em 2013.

previamente pesado, sendo depois colocado na estufa a 105 °C durante 12 horas, para secar, pelo que seria mais sensato colocá-lo na estufa durante 24 horas⁹⁸. Após a secagem, foi registada a massa do agregado com o cadinho, estes dados encontram-se presentes na tabela 5.



Figura 30 – Lavagem do agregado.



Figura 31 – Colocação do agregado no cadinho.

⁹⁸ Fotografia do autor, em 2013.

⁹⁹ TEUTÓNICO, J. M. – Laboratory Manual for Arquitectural Conservators, p. 114.

Tabela 5 – Massa do agregado seco com a massa do cadinho.

Amostra	Massa do agregado seco + cadinho (g)
QAV 1	76,74
QAV 2	75,69
QAV 3	75,41
QAV 4	77,13
QAV 5	78,32
QAV 6	86,53
QAV 7	75,82
QAV 8	77,07
QAV 9	78,12
QAV 10	73,45

Esta etapa da análise, não está correta, pois em primeiro lugar a amostra que se encontra dentro do Erlenmeyer, deveria ser lavada, agitada e filtrada, até não haver mais finos, visíveis, em suspensão, ou seja, até a água ficar transparente e incolor¹⁰⁰, pois assim garantimos, que todos os finos foram filtrados.

Para além disto, o ato de transferir o agregado do Erlenmeyer para o peneiro e, depois do peneiro para o cadinho, vais fazer com que haja uma perda desnecessária de partículas de agregado, criando novamente, mais um erro na análise da argamassa.

Em relação aos finos retidos no papel de filtro, estes foram secos com o calor emitido pela lâmpada de IV, durante o tempo necessário até secar. Mais uma vez, esta etapa não está correta, pois não há garantias de que o papel de filtro seque efetivamente, pois o que para uma pessoa pode ser seco, para outra pode não o ser. Incluindo o facto que por um descuido, podemos queimar o papel de filtro, se o expusermos durante um longo período de tempo ao calor emitido pela lâmpada.

O papel de filtro, com os finos secos, foi pesado e registada a sua massa na tabela 6.

¹⁰⁰ TEUTÓNICO, J. M. – Laboratory Manual for Arquitectural Conservators, p. 114.

Tabela 6 – Massa do papel de filtro com os finos secos.

Papel de filtro	Massa do papel de filtro + finos secos (g)
1	2,10
2	1,97
3	1,96
4	2,50
5	2,17
6	2,20
7	2,54
8	1,56
9	2,80
10	2,43

Contudo, este procedimento foi repetido para as dez amostras recolhidas, chegando-se assim à massa do agregado (Mf), que foi obtida através da subtração da massa do cadinho seco (Mc), à massa do cadinho com o agregado seco (Ma), ou seja, $Ma - Mc = Mf$.

A massa dos finos (Mf) foi obtida através da subtração da massa do papel de filtro limpo (Mp), à massa do papel de filtro com os finos secos (Ms), ou seja, $Ms - Mp = Mf$.

A massa do ligante (Ml) foi obtida através da subtração da massa do agregado (Ma) mais a massa dos finos (Mf), à massa inicial da amostra (Mi), ou seja, $Mi - (Ma + Mf) = Ml$.

No que respeita as percentagens, a percentagem de agregado (% a) foi obtida, dividindo a massa do agregado (Ma) pela massa inicial da amostra (Mi) e multiplicando de seguida o resultado obtido, por 100, ou seja, $(Ma / Mi) \times 100 = \% a$.

A percentagem de finos (% f) foi obtida da mesma maneira, mas substituindo a massa do agregado pela massa dos finos, ou seja, $(Mf / Mi) \times 100 = \% f$.

A percentagem de ligante (% l) foi obtida, através da subtração, à percentagem total (100 %) do resultado obtido da soma das percentagens de agregado (% a) com a de finos (% f), ou seja, $100 \% - (\% a + \% f) = \% l$.

Todos estes resultados encontram-se representados na tabela 7.

Tabela 7 – Massa e percentagem dos componentes das amostras.

Amostra	Massa do agregado	Massa dos finos	Massa do ligante	% de agregado	% de finos	% de ligante
QAV 1	17,24	0,57	7,28	68,70	2,29	29,01
QAV 2	16,80	0,45	7,88	66,83	1,80	31,37
QAV 3	16,61	0,46	8,05	66,12	1,83	32,05
QAV 4	16,63	0,99	7,50	66,20	3,96	29,84
QAV 5	17,82	0,67	6,65	70,88	2,68	26,44
QAV 6	17,73	0,65	6,78	70,46	2,59	26,94
QAV 7	17,32	1,03	6,78	68,94	4,09	26,97
QAV 8	19,37	0,36	5,40	77,07	1,44	21,48
QAV 9	18,42	1,33	5,38	73,30	5,28	21,42
QAV 10	16,65	0,95	6,51	70,29	3,77	25,94

5.4.1.5.Cálculo do Traço Mássico

O traço de uma argamassa dá conta de uma proporção, que se obtém, dividindo a quantidade de cada constituinte, pela quantidade do constituinte menos abundante.

Desta forma, o cálculo do traço mássico serviu para poder comparar então se para a mesma função, neste caso de reboco e assentamento, independentemente da época construtiva, o traço utilizado para produzir as argamassas, se tinha mantido ao longo dos tempos.

O cálculo do traço mássico das amostras analisadas foi obtido, calculando-se o quociente entre duas frações, o ligante e o agregado, considerando-se que a fração hidráulica, ou seja os finos, teve origem nas outras duas frações de forma proporcional.

A tabela 8 apresenta o traço obtido para cada amostra, segundo o método de cálculo supracitado.

Tabela 8 – Traços mássicos das amostras.

Amostra	Traço mássico
QAV 1	1 : 2,4
QAV 2	1 : 2,1
QAV 3	1 : 2,1
QAV 4	1 : 2,2
QAV 5	1 : 2,7
QAV 6	1 : 2,6
QAV 7	1 : 2,6
QAV 8	1 : 3,6
QAV 9	1 : 3,4
QAV 10	1 : 2,7

5.4.2.Segunda análise

Esta segunda análise surgiu da necessidade de ter de repetir a análise de todas as argamassas, pois como fui referindo ao longo da primeira análise, esta não foi realizada corretamente, pelo que por iniciativa própria resolveu-se repetir a análise das argamassas.

Desta vez as análises foram feitas, no Laboratório do Departamento de Engenharia Química, utilizando o mesmo método, usado na elaboração da primeira análise, mas, com algumas modificações, de modo a diminuir o erro, derivado da própria análise.

5.4.2.1.Equipamento Utilizado

Nesta segunda análise o equipamento utilizado foi: Balança analítica; Almofariz; Estufa; *Gobelet* de 500 ml; Frasco de esguicho; Espátula; Papel de Filtro; Funil de Büchenr e kitassato e Caixa de Petri.

5.4.2.2.Reagentes utilizados

Os reagentes utilizados foram, HCl a 14% e água destilada.

5.4.2.3. Método de recolha e preparação da amostra

Visto as amostras já terem sido recolhidas, como foi mencionado na primeira análise e, às argamassas de reboco, já terem sido retiradas as camadas correspondentes à caiação, por estas não fazerem parte da constituição da argamassa, diminuindo assim a ocorrência de erros, foram retiradas cerca de 20 g de cada amostra guardada, e o restante foi guardado novamente para futuras análises.

Posto isto, os *gobelets* foram etiquetados, fazendo-se corresponder cada um a uma amostra e pesados, sendo registada a sua massa. Em seguida as amostras foram desagregadas, uma a uma, com recurso a um almofariz, sendo este limpo com etanol, entre cada desagregação, para remover resíduos deixados pela amostra anterior e, colocadas dentro do *gobelet* correspondente, sendo secas em estufa a 110 °C, durante 24 horas. Após as 24 horas as amostras foram retiradas da estufa e colocadas, dentro de um exsiccador, para arrefecerem lentamente (figura 32¹⁰¹).



Figura 32 – Amostras no exsiccador.

¹⁰¹ Fotografia do autor, em 2013.

Posteriormente cada amostra foi pesada, registrando-se a sua massa na tabela 9.

Tabela 9 – Massa do cadinho e da amostra.

Amostra	Massa do cadinho (g)	Massa da amostra (g)
QAV 1	130,07	20,12
QAV 2	149,40	20,13
QAV 3	170,60	20,12
QAV 4	128,88	20,11
QAV 5	132,29	20,16
QAV 6	145,08	20,13
QAV 7	147,14	20,11
QAV 8	147,72	20,13
QAV 9	131,05	20,12
QAV 10	126,82	20,14

5.4.2.4. Procedimento

As amostras foram colocadas, nos *gobelet* e, humedecidas com água destilada, sendo de seguida adicionado, HCl a 14% (figura33¹⁰²), até que se desse a completa dissolução dos carbonatos, ou seja, até que não houve-se mais reação de efervescência, após a adição de mais HCl a 14%.



Figura 33 – Ácido na amostra.

¹⁰² Fotografia do autor, em 2013.

Durante a digestão do CaCO_3 , os papéis de filtro foram pesados, nas caixas de Petri, previamente etiquetadas adequadamente, fazendo-se corresponder cada papel de filtro a uma amostra, de modo a que não ocorresse a troca dos mesmos, sendo de seguida registada a sua massa na tabela 10.

Tabela 10 – Massa do papel de filtro (com a caixa de Petri).

Papel de filtro	Massa do papel de filtro + caixa de Petri (g)
QAV 1	40,57
QAV 2	40,03
QAV 3	39,77
QAV 4	39,00
QAV 5	50,72
QAV 6	36,00
QAV 7	40,56
QAV 8	39,84
QAV 9	49,60
QAV 10	40,01

Desta feita, o papel de filtro foi colocado no funil de Büchner, onde foi humedecido com água destilada, para o fazer aderir ao fundo do funil (figura 34¹⁰³), de modo a que não houve-se fuga de finos.



Figura 34 – Filtro no funil.

¹⁰³ Fotografia do autor, em 2013.

O funil de Büchenr foi colocado no kitassato e este foi ligado a uma bomba de vácuo. Após o término da digestão do CaCO_3 , ou seja, deixou de ser visível a reação de efervescência, após a colocação de mais HCl a 14 %, a bomba de vácuo foi ligada e, a amostra que se encontrava dentro do *gobelet*, foi agitada, de modo a provocar a suspensão dos finos, sendo de seguida o líquido, com o material em suspensão, passado pelo filtro (figura 35¹⁰⁴), tendo o cuidado de reter as partículas de agregado, no fundo do *gobelet*.



Figura 35 – Filtragem da amostra.

As areias que ficaram dentro do *gobelet*, foram lavadas com água destilada, sendo esta água vertida para o funil de Büchenr. Este processo foi repetido várias vezes, até a água resultante da lavagem permanecer transparente e incolor¹⁰⁵, pois assim garantiu-se, que todos os finos, visíveis, foram filtrados.

Em relação ao papel de filtro, este foi retirado do funil de Büchenr e colocado dentro da caixa de Petri, sendo de seguida seco, juntamente com o *gobelet* com as areias, em estufa a 110 °C durante 24 horas.

¹⁰⁴ Fotografia do autor, em 2013.

¹⁰⁵ TEUTÓNICO, J. M. – Laboratory Manual for Arquitectural Conservators, p. 114.

Após a secagem, o papel de filtro, na caixa de Petri, este foi pesado, bem como o *gobelet*, com as areias, sendo a sua massa registada na tabela 11.

Tabela 11 – Massa dos finos com papel de filtro e massa do agregado com goblet.

Amostra	Massa dos finos secos + papel de filtro na caixa de Petri (g)	Massa do agregado + goblet (g)
QAV 1	41,66	141,38
QAV 2	41,00	156,15
QAV 3	40,65	179,04
QAV 4	39,98	136,63
QAV 5	51,92	142,57
QAV 6	37,62	156,48
QAV 7	41,81	160,05
QAV 8	43,22	162,91
QAV 9	51,18	142,10
QAV 10	42,70	135,25

Este procedimento foi repetido para as dez amostras recolhidas, chegando-se assim à massa do agregado (Mf), que foi obtida através da subtração da massa do cadinho seco (Mc), à massa do cadinho com o agregado seco (Ma), ou seja, $Ma - Mc = Mf$.

A massa dos finos (Mf) foi obtida através da subtração da massa do papel de filtro limpo (Mp), à massa do papel de filtro com os finos secos (Ms), ou seja, $Ms - MP = Mf$.

A massa do ligante (Ml) foi obtida através da subtração da massa do agregado (Ma) mais a massa dos finos (Mf), à massa inicial da amostra (Mi), ou seja, $Mi - (Ma+Mf) = Ml$.

No que respeita às percentagens, a percentagem de agregado (% a), foi obtida, dividindo a massa do agregado (Ma) pela massa inicial da amostra (Mi) e multiplicando de seguida o resultado obtido, por 100, ou seja, $(Ma / Mi) \times 100 = \% a$.

A percentagem de finos (% f), foi obtida da mesma maneira, mas substituindo a massa do agregado pela massa dos finos, ou seja, $(Mf / Mi) \times 100 = \% f$.

A percentagem de ligante (% l) foi obtida, através da subtração, à percentagem total (100 %) do resultado obtido da soma das percentagens de agregado (% a) com a de finos (% f), ou seja, $100 \% - (\% a + \% f) = \% l$.

Todos estes resultados encontram-se representados na tabela 12.

Tabela 12 – Massa e percentagem dos componentes das amostras.

Amostra	Massa do agregado	Massa dos finos	Massa do ligante	% de agregado	% de finos	% de ligante
QAV 1	11,31	1,09	7,73	56,19	5,42	38,40
QAV 2	6,74	0,98	12,41	33,50	4,85	61,65
QAV 3	8,44	0,87	10,81	41,93	3,35	53,72
QAV 4	7,75	0,98	11,38	38,56	4,86	56,58
QAV 5	10,29	1,20	8,67	51,03	5,95	43,02
QAV 6	11,40	1,62	7,10	56,65	8,05	35,29
QAV 7	12,91	1,26	5,94	64,22	6,24	29,54
QAV 8	15,20	3,37	1,57	75,47	16,75	7,77
QAV 9	11,05	1,58	7,50	74,89	7,85	37,25
QAV 10	8,43	2,69	9,02	41,85	13,35	44,79

5.4.2.5. Cálculo do Traço Mássico

O traço das argamassas foi obtido através da forma mencionada anteriormente, assim o cálculo do traço mássico serviu para poder comparar, então se para a mesma função, neste caso de reboco e assentamento, independentemente da época construtiva, o traço utilizado para produzir as argamassas, se tinha mantido ao longo dos tempos.

Para o cálculo do traço mássico considerou-se que a fração hidráulica, ou seja os finos, teve origem nas outras duas frações, ligante e agregado, de forma proporcional.

A tabela 13 apresenta o traço obtido para cada amostra.

Tabela 13 – Traços mássicos das amostras.

Amostra	Traço mássico
QAV 1	1 : 1,4
QAV 2	1 : 1,8
QAV 3	1 : 1,2
QAV 4	1 : 1,4
QAV 5	1 : 1,1
QAV 6	1 : 1,6
QAV 7	1 : 2,2
QAV 8	1 : 9,7
QAV 9	1 : 1,5
QAV 10	1 : 1,1

5.4.3. Discussão de resultados

Com ficou patente, durante a realização da primeira análise, os resultados obtidos não devem ser tidos em conta para nenhum estudo futuro, devido ao acumular de erros, de que esta análise foi alvo.

Já no que respeita a segunda análise, apesar de ela ter sempre um erro associado, recorrente do próprio método utilizado, os resultados, são confiáveis, pelo que estes podem vir a ser utilizados em futuros estudos, se assim se achar pertinente.

Em relação ao objetivo, com que esta análise foi feita, após compararmos os traços mássicos obtidos para cada amostra, podemos concluir que, no caso da QAV, apesar da função das argamassas ser diferentes, todas as amostras, apresenta, um traço mássico muito semelhante, à exceção da amostra QAV 8 que apresenta um traço mássico, completamente díspar de todos os outros.

Tal facto pode ter várias origens, como por exemplo, estarmos perante uma campanha de obras que ocorreram todas na mesma altura e o traço da argamassa utilizado, foi sendo replicado e neste caso as argamassa podem já não ser as originais, ou o traço da argamassa utilizado nos vários edificadoss, foi sendo transmitido através das gerações e, foi sendo aplicado sucessivamente ou também pode ser mera coincidência. Já no que respeita a amostra QAV 8, a disparidade do traço mássico, em relação às outras amostras, pode dever-se, por exemplo, ao facto de podermos estar na presença de uma

argamassa original, ou esta argamassa ser de uma época diferente das outras argamassas analisadas, sendo feita por uma outra mão, pelo que o traço é tão díspar.

6. Proposta de intervenção para a Capela de Nossa Senhora
da Piedade

6.1.Introdução

A proposta de intervenção apresentada baseia-se nos princípios da intervenção mínima e, é elaborada com base no mapeamento de patologias mostrado anteriormente, sendo desta forma, a proposta de intervenção feita para a capela-mor da extinta Capela da Nossa Senhora da Piedade, pois o resto de conjunto habitacional, como já foi referido, não apresenta problemas.

6.2.Proposta de Intervenção

A intervenção deve partir do exterior, para o interior, pois são visíveis infiltrações nas paredes do lado interior, provenientes do teto da capela-mor, não sendo por isso conveniente que se comece a intervenção pelo interior, bem como esta deve ser feita de cima para baixo, para não se correr o risco de criar problemas, nas zonas, já tratadas e intervencionadas, criando assim um maior stress nos materiais constituintes do edificado.

Desta forma, a proposta de intervenção elaborada, para o exterior da capela-mor, é a seguinte:

1. Registo gráfico e fotográfico durante toda a intervenção.
2. Desflorestação do terreno envolvente.
3. Execução de testes de limpeza para remoção de crostas e depósitos.
4. Limpeza por via química, segundo resultados obtidos durante os testes de limpeza e limpeza mecânica para remoção dos depósitos superficiais ou de difícil remoção.
5. Aplicação de biocida à base de sais amónia quaternária nas zonas com presença de colonização biológica, seguido da remoção de microrganismos por pulverização e escovagem.
6. Remoção de elementos metálicos.

7. Abertura de juntas disfuncionais e refechamento com argamassa tradicional à base de cal e areia com tonalidade idêntica e, compatível com os materiais pré-existent¹⁰⁶.
8. Aplicação de camada de proteção à base de siloxanos.

Para o interior da capela-mor a proposta de intervenção é a seguinte:

1. Registo gráfico e fotográfico durante toda a intervenção.
2. Pré-consolidação dos rebocos.
3. Abertura de janelas de sondagem, para ver onde se localizam as pinturas murais
4. Execução de testes de limpeza para remoção das camadas de cal usada na caiação da parede
5. Limpeza por via química, segundo resultados obtidos durante os testes de limpeza e limpeza mecânica para remoção dos depósitos superficiais ou de difícil remoção.
6. Remoção de elementos metálicos.
7. Pré-consolidação das camadas policromas.
8. Execução dos testes de limpeza, para as camadas policromas
9. Limpeza das camadas policromas
10. Abertura de juntas disfuncionais e refechamento com argamassa tradicional à base de cal e areia com tonalidade idêntica e, compatível com os materiais pré-existent¹⁰⁶.
11. Aplicação de camada de proteção.

¹⁰⁶ Para tal, pode-se utilizar os resultados obtidos na segunda análise, para as amostra QAV 1, QAV2, QAV3 e QAV4.

7. Plano de Monitorização, Inspeção e Manutenção

7.1. Introdução

O Plano de Monitorização, Inspeção e Manutenção é o melhor meio de prevenir, futuras intervenções, profundas, no património, contribuindo para a preservação do mesmo. Pois nem os materiais, nem os restauros duram para todo o sempre, visto que novos problemas vão aparecendo.

7.2. Plano

Este plano tem como objetivo unir os proprietários da Quinta da Anunciada Velha, à Instituição de Ensino (IPT), Organismos de Gestão do património em bem da proteção do Património.

Pois *“A manutenção e a reparação são uma parte fundamental do processo de conservação do património. Estas ações têm que ser organizadas através de uma investigação sistemática, inspeção, controle, acompanhamento e provas. Há que informar, prever a possível degradação, e tomar as medidas preventivas adequadas”*¹⁰⁷

Assim será apresentado de seguida o Plano de Monitorização, Inspeção e Manutenção (Tabela 14) elaborado, para a capela-mor da extinta Capela da Nossa Senhora da piedade do Convento da Anunciada, hoje Quinta da Anunciada Velha.

¹⁰⁷ CARTA de Cracóvia: Princípios para a conservação e o restauro do património construído.

Tabela 14 – Plano de Monitorização, Inspeção e Manutenção.

1. Identificação e Descrição		
Capela-mor da Capela da Nossa Senhora da Piedade, da Quinta da Anunciada Velha		
1.1 O que se espera do plano de monitorização/ inspeção/ Manutenção? Prevenir o surgimento de novas formas de degradação e alteração, identificar possíveis problemas antecipadamente para facilitar o tratamento.	1.2 Pessoas/entidades envolvidas no processo? Quinta da Anunciada Velha, Direção Geral de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, comunidade	1.3 O que já está estudado e /ou pode ser estudado? Relatório de intervenções anteriores na Quinta ou em parte dela, trabalhos académicos executados, identificação das patologias
↓		
2. Avaliação e Análises		
2.1 Significado valor cultural Património Classificado construído no século XVI, com elevada relevância estética e histórica	2.2 Ameaças físicas Possibilidade de formação de colonização biológica acentuada, depósito de águas pluviais.	2.3 Gestão do Património Atualmente é gerido pelos proprietários da Quinta, com responsabilidade da Direção Geral de Cultura e Vale do Tejo como património classificado
↓		
3. Resposta		
3.1 Estabelecer o propósito e as políticas Evitar a degradação do património, prever e diagnosticar antecipadamente possíveis agentes de degradação, principalmente depósitos superficiais e colonização biológica, principais alterações/degradações encontradas, valorizar o respeito pelo património		
3.2 Conjunto de ações 1. Recolha de amostras colonização biológica para testes laboratoriais a cada 2 anos; 2. Testes não destrutivos <i>in situ</i> ; alteração da cor, aparecimento de manchas, eficácia e durabilidade das argamassas e hidrofugante, velocidade de ultra-sons, tubo de Karsten, ensaio micro-gotas 1 vez por ano; 3. Pequenas intervenções (aplicação de biocida, hidrofugantes, revisão das juntas e rebocos) quando necessárias devem ser feitas por um especialista; 4. Verificação, da acumulação de água no telhado, sistematicamente nas estações chuvosas, no caso de acumulação de águas deverá proceder-se a uma avaliação e intervenção mais profunda no sistema de escoamento de águas; 5. Verificação de nidificação de aves em qualquer parte da capela, principalmente na caleira de escoamento das águas pluviais, qualquer ninho deve ser retirado de imediato.		
3.3 Desenvolver estratégias Criação de protocolos de cooperação entre a Quinta da Anunciada Velha, Câmara Municipal de Tomar, IPT e DRCLVT. Programa educativo com o intuito de tornar a comunidade local numa mais valia para a proteção do Património, identificando possíveis vandalismos e incentivando à participação nas discussões relativas ao património durante a revisão do Plano Diretor Municipal.		
3.4 Sintetizar e preparar o plano de manutenção Fiscalização periódica onde proprietários, agentes públicos e instituição de ensino trabalhem em conjunto.		
↓		
Revisão Periódica do Plano de Manutenção		

Considerações Finais

Antes de concluir este trabalho, gostaria de alertar, para o facto de poder ainda haver mais documentação, relativa à Quinta da Anunciada Velha (Convento da Anunciada), no Arquivo Municipal de Tomar, pois não pude consultar o mesmo, embora tenha requerido formalmente esta consulta, nunca obtive qualquer resposta por parte deste organismo público, ao meu pedido, mesmo tendo deixado o meu contato telefónico, eletrónico e morada fiscal.

Gostaria ainda de sugerir, que o Método Simples de análise de argamassas, utilizado no Laboratório de Física, Química e Rx, fosse revisto, pois como ficou patente ao longo de todo o capítulo 5.3, este método não é fiável, originando muitos erros na análise e, bastante graves, pelo que esta problemática deve ser urgentemente resolvida dentro da maior brevidade possível.

Conclusão

Muito do património rural português é ainda hoje desconhecido por muitos e para muitos, não sendo devidamente valorizado, estudado e preservado, acabando por ser largado ao abandono, caindo no esquecimento, acabando mesmo por desaparecer, levando consigo uma parte da nossa história, deixando lacunas na nossa memória, que nunca mais vão poder ser colmatadas.

Com este trabalho pretendemos e, na nossa opinião conseguimos, preservar, conservar e sobre tudo valorizar ainda mais este lugar, fazendo com que, a história, a memória, ou seja, o património presente na Quinta da Anunciada Velha, não fosse esquecido, nem perdido nos tempos. Muito pelo contrário, trouxe para a luz, aquilo que já quase não passava de uma breve referência, para agora podermos ver uma hipótese do que terá sido o Convento da Anunciada, marcando assim ainda mais na história a sua existência.

Pois neste trabalho ele foi registado, documentado e, sobre tudo valorizado, abrindo caminho a novos trabalhos e novas formas de valorização.

Como por exemplo a criação de um mapa turístico da Quinta da Anunciada Velha, onde fossem assinalados todos os locais de interesse histórico, e nesses locais fosse colocada uma placa identificativa com uma pequena informação história do sítio, dando assim a possibilidade a quem visita este local, de ficar a saber mais sobre ela, sendo que esta é só uma sugestão.

Este documento, permite ainda mostrar, que o trabalho do conservador restaurador, vai muito para além das intervenções nas obras de arte, pois ele é dotado de ferramentas, que lhe permitem efetuar, uma grande abrangência de trabalhos sobre o património e para o património, sendo tais competências fornecidas, pelo curso de Conservação e Restauro do Instituto Politécnico de Tomar.

Pois tais competências vão possibilitar ao conservador restaurador um melhor desempenho no papel de preservação do nosso património, como ficou patente neste trabalho.

Referências bibliográficas

ARQUIVO Nacional da Torre do Tombo – Livro das Escrituras, 2ª Parte.

ARQUIVO Particular António Pinto da França – Fontes para a história e arqueologia da Anunciada Velha. Pasta I, documento não publicado.

ARQUIVO Particular António Pinto da França – Fontes para a história e arqueologia da Anunciada Velha. Pasta II, documento não publicado.

ARQUIVO Particular António Pinto da França – Fontes para a história e arqueologia da Anunciada Velha. Pasta III, documento não publicado.

CARTA de Cracóvia: Princípios para a conservação e o restauro do património construído [em linha]. Cracóvia: Igespar, 2000. [Consult. 17 Jun. 2013]. Disponível na internet: URL <<http://www.igespar.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf>>.

EALO de SÁ, María – EL arquiteto Juan de Castillo “El constructor del mundo”. Cantábria: Colegio de Arquitectos de Cantábria, 2009.

SEGURADO, João Emílio dos Santos – Alvenaria e cantaria. 4ª ed. Lisboa: Livraria Aillaud e Bertrand, 1966.

TEUTÓNICO, J. M. – Laboratory Manual for Arquitectural Conservators. Rome: ICCROM, 1988. p. 113-115.

FRANÇA, Sofia Pinto da – Recordações da Anunciada Velha. In TRINCÃO, Carlos – Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar. Tomar: Câmara Municipal de Tomar. Nº 25 (2005), p. 15-32.

META, Manuel Maria – Madalena: contributos para a história da freguesia. Tomar: Sport Club Operário de Cem Soldos, 1997.

MOREIRA, Rafael – Relatório sobre a Quinta da Anunciada Velha. Documento não publicado.

PARENTI, R – Una vision geral de la Arqueología de la Arquiteutura. ACTAS Arqueología de la arquitectura: El método arqueológico aplicado al processo de estudio y de intervención en edificios históricos. Burgos: JUNTA DE CASTILLA Y LEÓN, 1996. ISBN 84-7846-619-3. p. 13-21.

SALAMANTINO, Isidro Velazquez – Entrada que en el reino de Portugal hizo la S. C. R. M. de Don Philippe, invictíssimo rey de las espanhas, segundo deste nombre, primero de Portugal, assi com su real presencia, como com el excito de su felice campo. Espanha: Manuel de Lyra Acosta de Symon Lopez Libero, S. d. p. 105.

SANTIAGO, Fr. Francisco de – Chronica da Santa Provincia de N. Senhora da Soledade. Tomo I, Livro X, Capitulo I a XIV. Lisboa: Oficina Miguel Manescalda da Costa, 1762. p. 827-891.

Bibliografia

AAVV – Illustrated glossary on stone deterioration patterns. France: International Council on Monuments and sites, 2008. ISBN: 978-2-918086-00-0.

AAVV – Restauracion Y Conservacio de Monumentos. Madrid: Ministerio de Cultua, Direccion General de Bellas Artes y Archivos, 1991.

ADRIANO, Patrícia [et al.] – Determinação da composição de argamassas antigas [em linha]. [Consult. 25 Maio 2013]. Disponível na internet: <URL: http://www.apfac.pt/congresso2007/comunicacoes/Paper%2054_07.pdf>.

AIRES-BARROS, Luís – Alteração e Alterabilidade de Rochas. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação, 1991.

AIRES-BARROS, Luís - As Rochas dos Monumentos Portugueses: tipologia e patologias. Volume I, Cadernos 3. Lisboa: Ministério da Cultura, IPPAR, 2001.

AIRES-BARROS, Luís - As Rochas dos Monumentos Portugueses: tipologia e patologias. Volume II, Cadernos 3. Lisboa: Ministério da Cultura, IPPAR, 2001.

ARCE, Ignacio – El estudio de los acabamentos y revestimientos de la arquitectura. ACTAS Arqueología de la arquitectura: El método arqueológico aplicado al processo de estudio y de intervención en edificios históricos. Burgos: JUNTA DE CASTILLA Y LEÓN, 1996. ISBN 84-7846-619-3. p. 87-101.

ASHURST, John; DIMES, Francis G. – Conservation of Buildings & decorative Stone. London: Butterworth-Heinemann, 1999. ISBN: 0 7505 3898 2

ANDREWS, K. R. – The concept of corporate strategy. 2ª ed. Homewood: Dow Jones-Irwin, 1980.

ARCE, Ignacio [et al.] – Tratado de Rehabilitacion: Metodología de la Restauración y de la rehabilitación. Madrid: Editorial Munilla-Ilería. Tomo 2 (1999). ISBN 84-89150-33-8.

ARGILLÉS, Josep M^a Adell [et al.] – Tratado de Rehabilitacion: Patología y técnicas de intrevención. Fachadas y cubiertas. Madrid: Editorial Munilla-lería. Tomo 4 (1999). ISBN 84-89150-26-5.

BARBOSA, Álvaro José – Os Sete Montes de Tomar: recuperação do Convento de Cristo. Casal de Cambra: S. e., 2003. ISBN 972-8801-03-3.

BAUD, G. – Manual de Construção. São Paulo: Livraria Editora LTDA, S. d.

CABALLERO ZOREDA, L. – El análisis estratigráficas de construciones históricas. ACTAS Arqueología de la arquitectura: El método arqueológico aplicado al processo de estudio y de intervención en edificios históricos. Burgos: JUNTA DE CASTILLA Y LEÓN, 1996. ISBN 84-7846-619-3. p. 55-73.

CÀMARA, L. – La documentación gráfica: fotogrametria y bases de datos. ACTAS Arqueología de la arquitectura: El método arqueológico aplicado al processo de estudio y de intervención en edificios históricos. Burgos: JUNTA DE CASTILLA Y LEÓN, 1996. ISBN 84-7846-619-3. p. 23-39.

CAMPANELLA, Chistian – Obras de Conservação e Restauro Arquitectónico: Condições Técnicas Especiais. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 2003. ISBN 972-98786-5-X.

CANEVA, G. [et al.] – Il Controllo del Degradado Biologico: I Biocidi nel Resaturo dei Materiali lapidei. Fiesole: Nardini Editore, 1996.

CAPITAL, Antón – Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración. Madrid: Alianza Editorial, 1988. ISBN 84-206-7075-8.

CASTRO, Elda de – Tratamentos de conservação de pedra em monumentos. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 1984.

CHAROLA, A. Elena [et al.] – Recomendações para a manutenção. Mosteiro dos Jerónimos: a intervenção de conservação do claustro. Cadernos 7. Lisboa: Ministério da Cultura, IPPAR, Word Monuments Fund Portugal, 2006. p. 181-185.

CONDE, Manuel Sílvio Alves – Tomar Medieval: o espaço e os homens (séculos XIV-XV). Cascais: Património histórico, 1988.

COSTA, Fernando Manuel da Conceição – O Claustro da Micha do Convento de Cristo: contributos para a sua conservação e valorização. Évora: Universidade de Évora, 2009. Dissertação de Mestrado em Recuperação do Património Arquitetónico e Paisagístico.

DEMAS, Martha - Planning for Conservation and Management of Archeological Sites: a values-based approach. Management Planning for Archaeological Sites. Corinth: International Workshop Organized by GETT Conservation Institute, 2000. p. 27-50.

EALO DE SÁ, María – El Arquitecto Juan de Castillo: Documentos Históricos. S. l.: Merindad de Trasmiera. Vol. II (1992). ISBN 84-604-2843-5.

FEIJOO MATTÍNEZ, S.; FERNÁNDEZ MIER, M. – Experiencias de la aplicación de análisis en los edificios de Santa Eulalia de Mérida, la Torre de Hércules, San Pedro el Viejo de Arlanza y Parroquial de Lain. ACTAS Arqueología de la arquitectura: El método arqueológico aplicado al proceso de estudio y de intervención en edificios históricos. Burgos: JUNTA DE CASTILLA Y LEÓN, 1996. ISBN 84-7846-619-3. p. 141-151

FEILDEM, Bernard M. – Conservation of Historic Buildings. London: Butterworth, 1989. ISBN 0-408-10782-0.

FERREIRA, Carlos Antero – Restauro dos Monumentos Históricos, Restaurar porquê? Restaurar o quê? Restaurar quando e como? Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, 1992.

FERREIRA, Maria João; DUARTE, Teresa – Urbanismo medieval da cidade de Tomar. Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar. Tomar: Câmara Municipal de Tomar. Nº 10 (1992).

FIGUEIREDO, Paula – Património arquitectónico: Edifícios conventuais capuchos [em linha]. Sacavém: IGESPAR, 2010. [Consult. 5 Nov. 2012]. Disponível na internet: <URL:

http://www.monumentos.pt/site/DATA_SYS/MEDIA/Estudos%20e%20Documentos/KIT05.pdf>.

FRANÇA, António Pinto da – Achega para a história da Quinta da Anunciada Velha.
TRINCÃO, Carlos – Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar. Tomar: Câmara Municipal de Tomar. Nº 25 (2005), p. 97-132.

GARAI-OLAUN, A. Azkarate – Algunos ejemplos de análisis estratigráfico en la arquitectura del País Vasco. ACTAS Arqueología de la arquitectura: El método arqueológico aplicado al proceso de estudio y de intervención en edificios históricos. Burgos: JUNTA DE CASTILLA Y LEÓN, 1996. ISBN 84-7846-619-3. p. 123-139.

GARCÍA DE MIGUELA, J. M. – La caracterización de los materiales aplicada al estudio de la conservación histórica. ACTAS Arqueología de la arquitectura: El método arqueológico aplicado al proceso de estudio y de intervención en edificios históricos. Burgos: JUNTA DE CASTILLA Y LEÓN, 1996. ISBN 84-7846-619-3. p. 41-53.

GARNER, Lawrence – Dry Stone Walls. S. l.: Shire Publications Ltd, 1984. ISBN 0 85263 66 0.

GONZÁLEZ-VARAS, Ignacio – Conservación de Bienes culturales: Teoría, historia, principios y normas. Madrid: Ediciones Cátedra, 1999. ISBN 84-376-1721-9.

JOKILEHTO, Jukka – A History of Architectural Conservation. 1ª ed. London: Butterworth-Heinemann, 1999. ISBN 07506 3793 5.

JORGE, Virgolino Ferreira – Arquitectura, medida e número na igreja cisterciense de São João de Tarouca [em linha]. Évora: Universidade de Évora, S. d. [Consul. 5 Abr. 2013]. Disponível na internet: <URL: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4443.pdf>>.

LATORRE, P. – La arqueología de la arquitectura. Consecuencias metodológicas de su aplicación al proyecto de restauración. ACTAS Arqueología de la arquitectura: El método arqueológico aplicado al proceso de estudio y de intervención en edificios históricos. Burgos: JUNTA DE CASTILLA Y LEÓN, 1996. ISBN 84-7846-619-3. p. 103-121.

LAZZARINI, Lorenzo; TABASSO, Marisa L. – Il Restauro Della Pietra. Padova: CEDAM, 1986.

LÓPEZ MULLOR, A. – Estudio arqueológico del conjunto del castillo de Castelldefels (Barcelona). ACTAS Arqueología de la arquitectura: El método arqueológico aplicado al processo de estudio y de intervención en edificios históricos. Burgos: JUNTA DE CASTILLA Y LEÓN, 1996. ISBN 84-7846-619-3. p. 153-167.

MONFORTE, Fr. Manuel – Chonica da Provincia da Piedade. Livro III, Capitulo I a II. Lisboa, 1696. p. 275-282.

PAMPLONA, M. [et al.] – Documentar para melhor conservar: O uso de produtos consolidantes e hidrófugos em intervenções de conservação em monumentos portugueses construídos em pedra. Conservar Património. Lisboa: ARP. Nº 6 (2007). ISSN 1646-043X.

PARENTI, R. – Individualización de las unidades estratigráficas murais. ACTAS Arqueología de la arquitectura: El método arqueológico aplicado al processo de estudio y de intervención en edificios históricos. Burgos: JUNTA DE CASTILLA Y LEÓN, 1996. ISBN 84-7846-619-3. p. 75-85.

PEREIRA, Paulo – De Aurea Aetate, o coro do convento de Tomar e a Simbologia Manuelina. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, 2003. ISBN 972-8736-22-3.

PINTO, Ricardo Santos – Tomar na terra dos templários... Passos de Ferreira: Héstia editores, S. d. ISBN 972-8741-10-3.

PONTE, Salete da – Anunciada Velha revisitada. In TRINCÃO, Carlos – Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar. Tomar: Câmara Municipal de Tomar. Nº 25 (2005), p. 97-132.

PONTE, Salete da – Interfaces Culturais em Tomar cidade. Tomar: S. e.: 2012.

PROENÇA, Nuno – Conservação e restauro do exterior da Torre de Belém. Torre de Belém. Cadernos 1. Lisboa: Ministério da Cultura, IPPAR, 2000. p. 99-112.

QUIRÓS CASTILLO, J. Antonio – Indicadores cronológicos de âmbito local: cronologia y mensicronología. ACTAS Arqueología de la arquitectura: El método arqueológico aplicado al processo de estudio y de intervención en edificios históricos. Burgos: JUNTA DE CASTILLA Y LEÓN, 1996. ISBN 84-7846-619-3. p. 179-187.

ROMÁN, Consuelo Asha [et al.] – Tratado de Rehabilitacion: Patología y técnicas de intrevención. Las instalaciones. Madrid: Editorial Munilla-Iería. Tomo 5 (1999). ISBN 84-89150-30-3.

ROSA, Amorim – História de Tomar. Tomar: Gabinete de Estudos Tomarense. Vol. I (1965).

ROSA, Amorim – História de Tomar. Santarém: Assembleia Distrital de Santarém. Vol. II (1982).

ROSA, Amorim – Crónica dos acontecimentos ocorridos no termo Tomar, desde 1137 até final do século passado. Anais do Município de Tomar. Tomar: Câmara Municipal de Tomar. Vol. VII (1454-1580), 1971.

RUIZ, José Zurita – Dicionário básico de construção. 2ª ed. Lisboa: Plátano, 1990. ISBN 972-707-036-1.

SOUSA, Hipólito José Campos de – Materiais Para Alvenaria, Apreciação de algumas produções e sugestões visando a melhoria da sua Qualidade. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Engenharia, 1988. Tese de Mestrado em Construção de Edifícios.

SOUSA, João Maria de – Notícia descritiva e histórica da cidade de Tomar. Tomar: Fábrica Mendes Godinho SA, 1991.

STEWART, John; MOORE, James – Chemical Techniques of Historic Mortar Analysis. Bulletin of the Association for Preservation Technology [em linha]. S. l.: Association for Preservation Technology International (APT). Vol. 14, Nº 1 (1982), p. 11-16. [Consul. 3 Mar. 2013]. Disponível na internet: <URL: <http://www.jstor.org/discover/10.2307/1494020?uid=3738880&uid=2134&uid=2129&uid=2&uid=70&uid=4&sid=21102561200567>>.

TAVRES, Martha V.; AGUIAR, José; VEIGA, Rosário – Uma metodologia de estudo para a conservação de rebocos antigos: o restauro através da técnica de consolidação [em linha]. [Consult. 20 Maio 2013]. Disponível na internet: <URL: http://conservarcal.lnec.pt/pdfs/MT_VI_SBT_A.pdf>.

VIGGIANI, Carlo – Geotechnical Engineerring for the preservation of Munuments and Historic Sites. Rotterdam: Brookfield, 1997. ISBN 90 5410 871 1.

ZUMALDE IGARTUA, I. - Cómo utilizar las fuentes escritas en el análisis de la Arquitectura. ACTAS Arqueología de la arquitectura: El método arqueológico aplicado al processo de estudio y de intervención en edificios históricos. Burgos: JUNTA DE CASTILLA Y LEÓN, 1996. ISBN 84-7846-619-3. p. 169-177.

Anexos

A1. Outros trabalhos realizados durante o estágio

A1.1.Fuste de um pelourinho

No início do estágio surgiu a oportunidade de intervir um fuste (figura 36¹⁰⁸), em pedra calcária, de um pelourinho proveniente de Pombal.



Figura 36 – Fuste em pedra calcária.

O fuste encontrava-se com sujidades superficiais, colonização biológica e, estava fraturado aproximadamente a $\frac{2}{3}$ da sua altura.

¹⁰⁸ Fotografia de autor, em 2012

Pois isto, iniciou-se a intervenção fazendo uma limpeza superficial, para remover poeiras e terras (figura 37¹⁰⁹). Em seguida aplicou-se biocida, á base de OTI e sais de amónio quaternário¹¹⁰, a pincel, envolvendo a peça, em manga plástica, durante um tempo de cura de 5 dias, sendo em seguida toda a superfície com pulverizada água destilada e escovada, com escovas de cerdas de náilon, insistindo nas zonas de colonização biológica (figura 38¹¹¹).



Figura 37 – Limpeza de poeiras.

¹⁰⁹ Fotografia do autor, em 2012.

¹¹⁰ Biotin T[®].

¹¹¹ Fotografia do autor, em 2012.



Figura 38 – Remoção do biocida.

Após a secagem da peça, seguiu-se a colagem dos dois fragmentos com uma resina epóxida¹¹², com o reforço de um espigão¹¹³, para tal, foi encontrado o centro dos dois fragmentos (figura 39¹¹⁴) e, procedeu-se à furação dos mesmos (figura 40¹¹⁵), 10 cm para cada um dos lados, em seguida foi colocada a resina, dentro das furações e, alguns pontos de colagem, na superfície de contacto entre as duas partes (figura 41¹¹⁶), deixando secarem a resina, em seguida sobre tenção.



Figura 39 – Centro do fragmento.

¹¹² Epo 121.

¹¹³ Espigão utilizado era de aço inoxidável.

¹¹⁴ Fotografia do autor, em 2012.

¹¹⁵ Fotografia do autor, em 2012.

¹¹⁶ Fotografia de autor, em 2012.



Figura 40 – Furo para colocar o espigão.



Figura 41 – Colagem.

Com o término da secagem da resina, procedeu-se a micro-estucagem (figura42¹¹⁷) da junta da zona de fratura, com uma argamassa de cal hidráulica pó de pedra, resultante do furo feito na peça e pigmento natural (figura 43¹¹⁸), dando assim por finalizada esta intervenção.



Figura 42 – Micro-estucagem na zona de fratura.

¹¹⁷ Fotografia do autor, em 2012.

¹¹⁸ Fotografia do autor, em 2012.



Figura 43 – Micro-estucagem terminada.

A1.2.Santa Ana

Foi intervencionada também uma escultura retratando de Santa Ana (figura 44¹¹⁹), em pedra calcária, policromada, que se encontrava no Laboratório de Matérias Pétreas, esta peça já tinha passado pelos seguintes tratamentos:

1. Pré-fixação.
2. Limpeza Química.



Figura 44 – Imagem da Santa Ana.

¹¹⁹ Fotografia do autor, em 2013.

Assim sendo, e visto que esta intervenção tinha como princípio a intervenção mínima, executou-se, apenas o preenchimento da lacuna, da face e lábio inferior, ao nível da policromia, pois estas lacunas prejudicavam a leitura visual da obra (figura 45¹²⁰). Posteriormente executou-se a reintegração cromática das lacunas preenchidas e, procedeu-se ainda, à aplicação de camada de proteção final.



Figura 45 – Lacuna ao nível do rosto.

Desta forma, começou-se por limpar toda a lacuna com um desengordurante¹²¹ (figura 46¹²²), preenchendo de seguida a lacuna, com uma pasta acrílico vinílica¹²³ (figura 47¹²⁴), sendo de seguida feito o nivelamento, com lixas de várias granulometrias, após a secagem da pasta (figura 48¹²⁵).

¹²⁰ Fotografia do autor, em 2013.

¹²¹ Fel de boi.

¹²² Fotografia do autor, em 2013.

¹²³ Modostuc®.

¹²⁴ Fotografia do autor, em 2013.

¹²⁵ Fotografia do autor, em 2013.

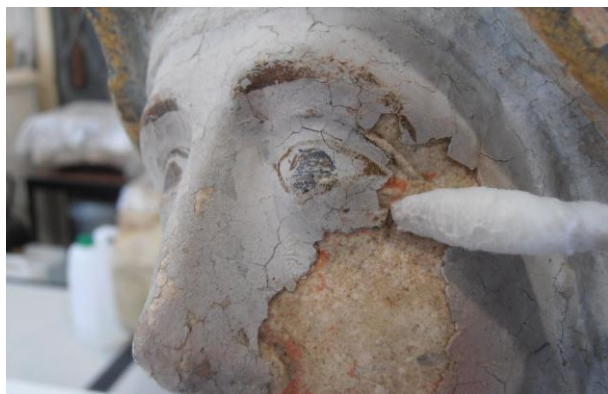


Figura 46 – Limpeza com fel de boi.



Figura 47 – Preenchimento da lacuna.



Figura 48 – Nivelamento.

Após o nivelamento terminado, todas as lacunas foram reintegradas cromaticamente, onde a técnica utilizada foi o mimético, com tintas acrílicas (figura 49¹²⁶).



Figura 49 – Após reintegração cromática.

Em seguida, depois de a reintegração estar seca, foi aplicada uma camada de cera microcristalina em hidrocarboneto aromático¹²⁷, a pincel, sobre toda a policromia (figura 50¹²⁸).

¹²⁶ Fotografia do autor, em 2013.

¹²⁷ White Spirit.

¹²⁸ Fotografia do autor, em 2013.



Figura 50 – Aplicação da camada de proteção.

Para finalizar a intervenção, após a evaporação do solvente da cera, passou-se um pano sobre toda a escultura, para que a camada de proteção ficasse uniforme e polida (figura51¹²⁹).

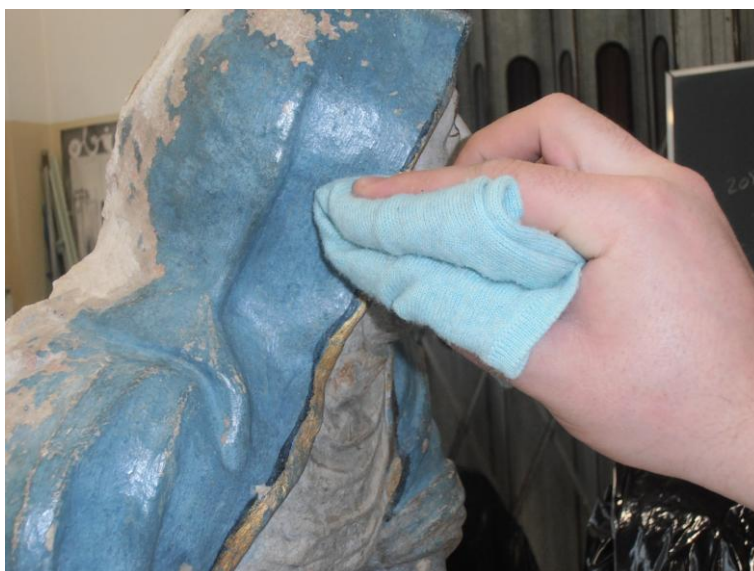


Figura 51 – Polimento final.

¹²⁹ Fotografia do autor, em 2013.

A1.3.Capela do Carril

Durante a intervenção de conservação e restauro da Capela de Santa Quitéria – Carril, Torres novas, intervencionou-se o pavimento do altar-mor da capela.

Assim sendo a intervenção no pavimento, baseou-se na abertura de juntas disfuncionais, com recurso a maceta e ponteiro e refechamento das mesmas com uma argamassa de cal e areia.

Houve ainda a necessidade de refazer volumetricamente três lacunas, presentes em dois degraus do altar-mor. Para tal foi utilizada uma estrutura em rede de aço inoxidável, fixada a pedra, com uma resina epóxida¹³⁰ e espigões de aço inoxidável. Após a secagem da resina, toda a estrutura foi cheia e revestida, com uma argamassa de cal e areia, com tonalidade idêntica, aos materiais pré-existentes, até se obter a continuidade formal pretendida.

Para além disto, surge ainda a oportunidade de colaborar, na intervenção dos painéis de azulejos, que se encontrava a decorrer, fazendo o assentamento de alguns azulejos, ajustamento de outros, com recurso a rebarbadora e ainda, limpeza final dos mesmos.

A1.4.Conservação no quotidiano - Intervenção em Materiais Pétreos (caso prático)

Em 24 de Abril, participei, como orador, na Conferência – Conservação no quotidiano, no Instituto Politécnico de Tomar, com o tema Intervenção em Materiais Pétreos (caso prático), onde foi apresentada a intervenção de conservação e restauro efetuada no Portal Lateral Norte, da igreja de São João Batista, de Tomar, em 2012, na qual também participei na altura.

¹³⁰ Epo 121[®].

A1.5. “do nada ao conteúdo, a produção local de Olaria Medieval”

Com a organização da Feira Medieval de Torres Novas 2013, projetaram-se os expositores (figura 52¹³¹) que iriam albergar as peças de terracota da exposição “do nada ao conteúdo, a produção local de Olaria Medieval”, da responsabilidade de Cristina Reis, que iria estar presente da alcaidaria do Castelo de Torres Novas, durante a Feira Medieval (figura 53¹³²).

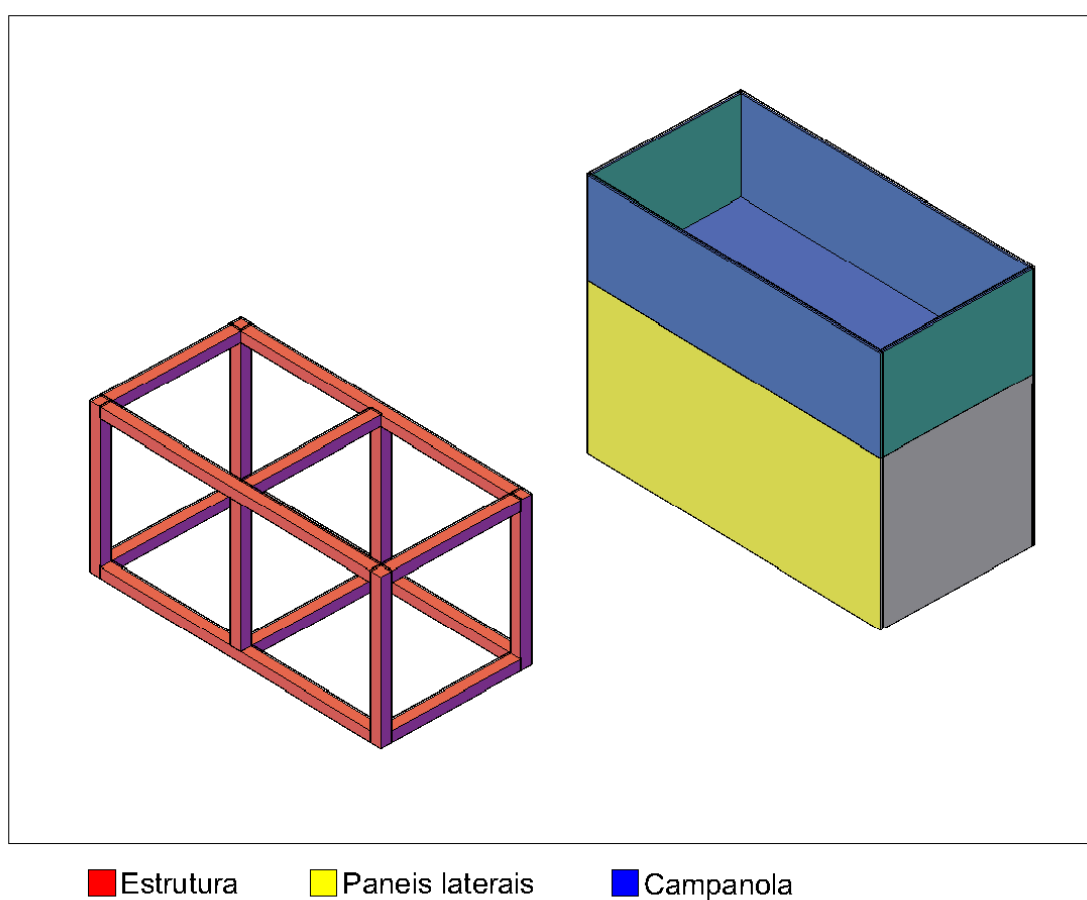


Figura 52 – Desenho dos expositores.

¹³¹ Projetado pelo autor, em 2013.

¹³² Fotografia de Cristina Reis, em 2013.



Figura 53 – Expositores na exposição.

A1.6. Análise de argamassas do Convento de Cristo

Como o decorrer intervenção que se realizou no alambor do Convento de Cristo de Tomar, foram retiradas 9 amostras de argamassa, que foram analisadas, com objetivo de obter o traço mássico correspondente a cada amostra, para se poder utilizar os resultados obtidos em estudos futuros.

O método utilizado foi o Método Simples¹³³, que tem como objetivo determinar as proporções dos três principais componentes de uma argamassa, dita, tradicional, sendo esta determinação traduzida pela separação gravimétrica dos constituintes por solubilização parcial da amostra.¹³⁴

Assim sendo teremos o ligante, basicamente carbonato de cálcio (CaCO_3), solúvel em ácido clorídrico (HCl), ou seja, $\text{CaCO}_3 + 2\text{HCl} \rightarrow \text{CaCl}_2 + \text{CO}_2\uparrow + \text{H}_2\text{O}$, os finos, ou seja, impurezas finas, como a argila, ou componentes hidráulicos, como o pó de tijolo, e por fim o agregado.

A1.6.1. Equipamento Utilizado

Nesta análise o equipamento utilizado foi: Balança analítica; Almofariz; Estufa; *Gobelet* de 500 ml; Frasco de esguicho; Espátula; Papel de Filtro; Funil de Büchenr e Kitassato; Caixa de Petri.

A1.6.2. Reagentes utilizados

Os reagentes utilizados foram, HCl a 14% e água destilada.

¹³³ TEUTÓNICO, J. M. – Laboratory Manual for Arquitectural Conservators, p. 113-116.

¹³⁴ TEUTÓNICO, J. M. – Laboratory Manual for Arquitectural Conservators, p. 113.

A1.6.3.Método de recolha e preparação da amostra

Visto as amostras já terem sido recolhidas, foram retiradas mais cerca de 20 g de cada amostra guardada, e o restante foi guardado novamente para futuras análises.

Posto isto, os *gobelets* foram etiquetados, fazendo-se corresponder cada um a uma amostra e, pesados, sendo registada a sua massa, de seguida as amostras foram desagregadas, uma a uma, com recurso a um almofariz, sendo este limpo com etanol, entre cada desagregação, para remover resíduos deixados pela amostra anterior e, colocadas dentro do gobelet correspondente, sendo secas em estufa a 110 °C, durante 24 horas. Após as 24 horas as amostras foram retiradas da estufa e colocadas, dentro de um exsiccador, para arrefecerem lentamente.

Posteriormente cada amostra foi pesada, registando-se a sua massa na tabela 15.

Tabela 15 – Massa do cadinho e da amostra.

Amostra	Massa do cadinho (g)	Massa da amostra (g)
CCA 1 ¹³⁵	138,13	20,12
CCA 2	142,50	20,12
CCA 3	116,42	20,12
CCA 4	146,52	20,62
CCA 5	118,18	20,39
CCA 6	139,86	20,15
CCA 7	120,91	20,24
CCA 8	139,53	20,13
CCA 9	121,33	20,17

A1.6.4.Procedimento

As amostras foram colocadas, nos *gobelet*, humedecidas com água destilada, sendo de seguida adicionado, HCl a 14%, até que se desse a completa dissolução dos carbonatos, ou seja, até que não houve-se mais reação de efervescência, após a adição de mais HCl a 14%.

¹³⁵ CCA – Convento de Cristo (Alambor). 1 – Número da amostra.

Durante a digestão do CaCO_3 , os papéis de filtro foram pesados, nas caixas de Petri, já previamente etiquetadas adequadamente, fazendo-se corresponder cada papel de filtro a uma amostra, de modo a que não ocorresse a troca dos mesmos, sendo de seguida registada a sua massa na tabela 16.

Tabela 16 – Massa do papel de filtro (com a caixa de Petri).

Papel de filtro	Massa do papel de filtro + caixa de Petri (g)
CCA 1	36,04
CCA 2	36,38
CCA 3	39,74
CCA 4	37,11
CCA 5	37,24
CCA 6	36,04
CCA 7	39,66
CCA 8	36,41
CCA 9	40,78

Desta feita, o papel de filtro foi colocado no funil de Büchenr, onde foi humedecido com água destilada, para o fazer aderir ao fundo do funil, de modo a que não houve-se fuga de finos.

O funil de Büchenr foi colocado no kitassato e este foi ligado a uma bomba de vácuo. Após o término da digestão do CaCO_3 , ou seja, deixou de ser visível a reação de efervescência, a bomba de vácuo foi ligada e, a amostra que se encontrava dentro do *gobelet*, foi agitada, de modo a provocar a suspensão dos finos, sendo de seguida o líquido, com o material em suspensão, passado pelo filtro, tendo o cuidado de reter as partículas de agregado, no fundo do *gobelet*.

As areias que ficaram dentro do *gobelet*, foram lavadas com água destilada, sendo esta água vertida para o funil de Büchenr. Este processo foi repetido várias vezes, até a água

resultante da lavagem permanecer transparente e incolor¹³⁶, pois assim garantimos, que todos os finos foram filtrados.

Em relação ao papel de filtro, este foi retirado do funil de Büchner e colocado dentro da caixa de Petri, sendo de seguida seco, junta com o gobelet com as areias, em estufa a 110 °C durante 24 horas.

Após a secagem, o papel de filtro, na caixa de Petri, foi pesado, bem com o *gobelet*, com as areias, sendo a sua massa registada na tabela 17.

Tabela 17 – Massa dos finos secos com papel de filtro e do agregado com gobelet.

Amostra	Massa dos finos secos + papel de filtro na caixa de Petri (g)	Massa do agregado + gobelet (g)
CCA 1	37,74	153,13
CCA 2	37,23	157,89
CCA 3	41,46	129,70
CCA 4	37,60	150,38
CCA 5	38,49	133,10
CCA 6	38,25	154,67
CCA 7	41,04	136,31
CCA 8	38,77	153,46
CCA 9	42,00	131,02

Este procedimento foi repetido para as dez amostras recolhidas, chegando-se assim à massa do agregado (Mf), que foi obtida através da subtração da massa do cadinho seco (Mc), à massa do cadinho com o agregado seco (Ma), ou seja, $Ma - Mc = Mf$.

A massa dos finos (Mf) foi obtida através da subtração da massa do papel de filtro limpo (Mp), à massa do papel de filtro com os finos secos (Ms), ou seja, $Ms - MP = Mf$.

A massa do ligante (Ml) foi obtida através da subtração da massa do agregado (Ma) mais a massa dos finos (Mf), à massa inicial da amostra (Mi), ou seja, $Mi - (Ma+Mf) = Ml$.

¹³⁶ TEUTÓNICO, J. M. –Laboratory Manual for Arquitectural Conservators, Rome 1988, ICCROM, p. 114.

No que respeita as percentagens, a percentagem de agregado (% a), foi obtida, dividindo a massa do agregado (Ma) pela massa inicial da amostra (Mi) e multiplicando de seguida o resultado obtido, por 100, ou seja, $(Ma / Mi) \times 100 = \% a$.

A percentagem de finos (% f) foi obtida da mesma maneira, mas substituindo a massa do agregado pela massa dos finos, ou seja, $(Mf / Mi) \times 100 = \% f$.

A percentagem de ligante (% l) foi obtida, através da subtração, à percentagem total (100 %) do resultado obtido da soma das percentagens de agregado (% a) com a de finos (% f), ou seja, $100 \% - (\% a + \% f) = \% l$.

Todos estes resultados encontram-se representados na tabela 18.

Tabela 18 – Massa e percentagem dos componentes da amostra.

Amostra	Massa do agregado	Massa dos finos	Massa do ligante	% de agregado	% de finos	% de ligante
CCA 1	15,00	1,71	3,42	74,53	8,48	16,99
CCA 2	15,39	0,85	3,89	76,56	4,23	19,31
CCA 3	13,29	1,73	5,11	66,02	8,58	25,40
CCA 4	3,86	0,48	16,28	18,73	2,33	78,94
CCA 5	14,93	1,25	4,21	76,70	5,23	18,07
CCA 6	14,81	2,21	3,12	73,54	10,96	15,51
CCA 7	15,39	1,38	3,46	76,07	6,82	17,12
CCA 8	13,92	2,36	3,85	69,16	11,72	19,13
CCA 9	9,69	1,22	9,26	48,03	6,03	45,93

A1.6.5.Cálculo do Traço Mássico

O traço de uma argamassa dá conta de uma proporção, que se obtém, dividindo a quantidade de cada constituinte, pela quantidade do constituinte menos abundante.

O cálculo do traço mássico das amostras analisadas foi obtido, calculando-se o quociente entre duas frações, o ligante e o agregado, considerando-se que a fração hidráulica, ou seja os finos, teve origem nas outras duas frações de forma proporcional.

A tabela 19 apresenta o traço obtido para cada amostra, segundo o método de cálculo supracitado.

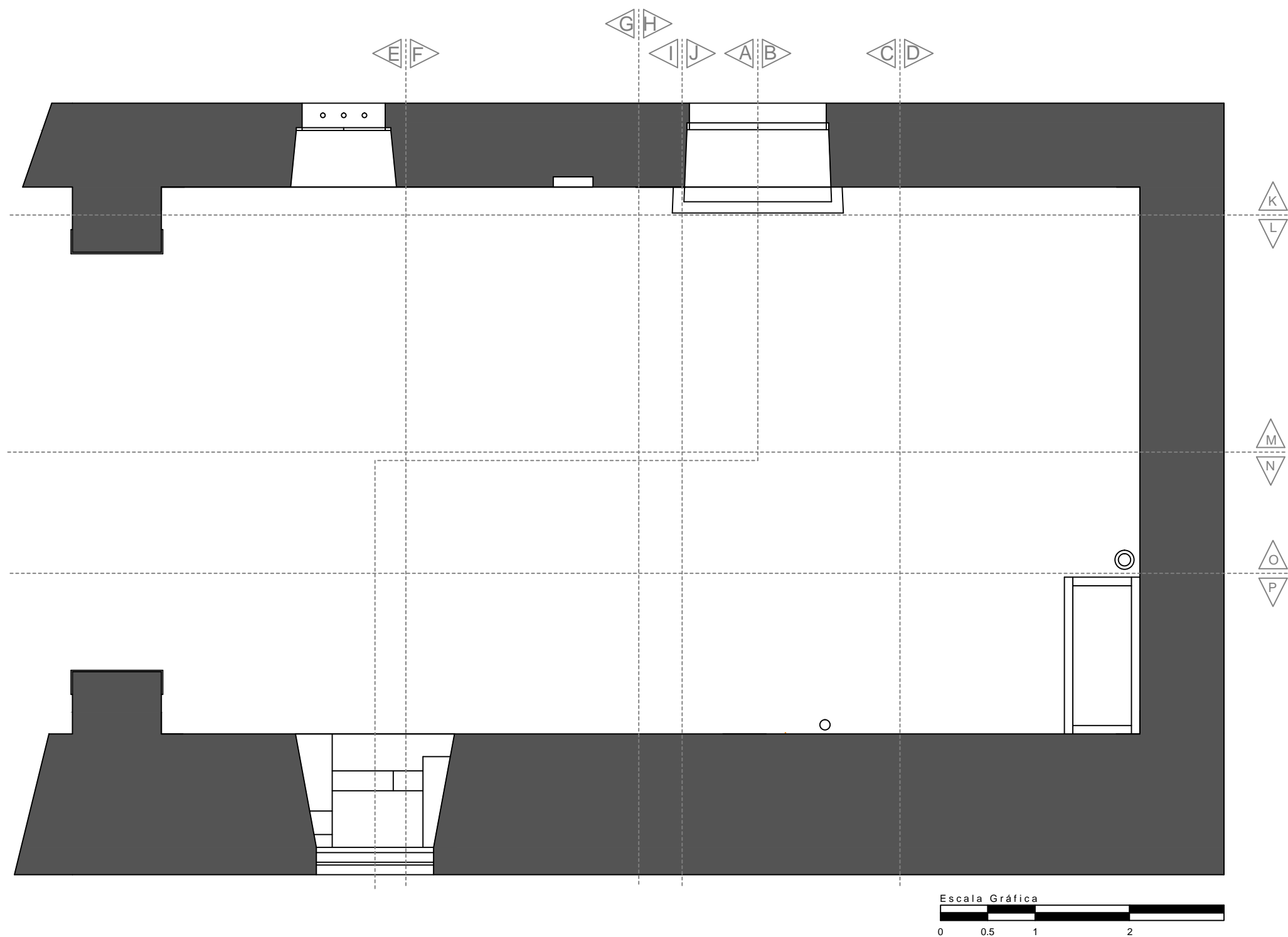
Tabela 19 – Traços mássicos das amostras.

Amostra	Traço mássico
CCA 1	1 : 4,4
CCA 2	1 : 3,9
CCA 3	1 : 2,6
CCA 4	1 : 4,2
CCA 5	1 : 3,5
CCA 6	1 : 4,7
CCA 7	1 : 4,4
CCA 8	1 : 3,6
CCA 9	1 : 1,0

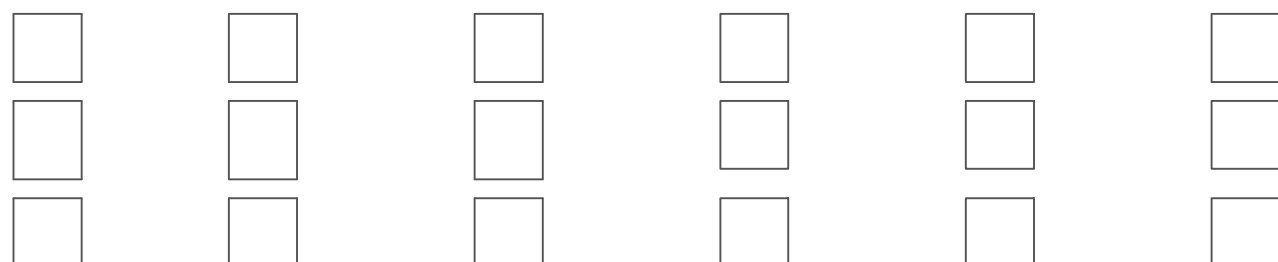
A1.7.Acompanhamento e Apoio técnico

Durante o segundo semestre do ano letivo 2012 / 2013, foi feito o acompanhamento e prestado apoio técnico nas aulas práticas da unidade curricular de Conservação e Restauro 1, do 1º ano da licenciatura de Conservação e Restauro do Instituto Politécnico de Tomar, que decorreram nas cavalariças do Convento de Cristo em Tomar.

Nestas aulas, auxiliaram-se os alunos presentes, na realização e coordenação de alguns trabalhos práticos *in situ*, fazendo-se ainda os levantamentos gráficos do interior da primeira sala das cavalariças, que a seguir se apesentam.



Legenda



Data: 13/ 03/ 2013

Local: Convento de
Cristo, Cavalariças

Escala Grafica

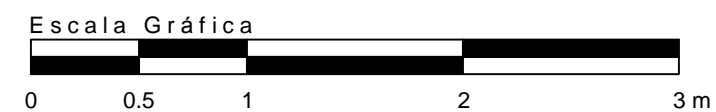
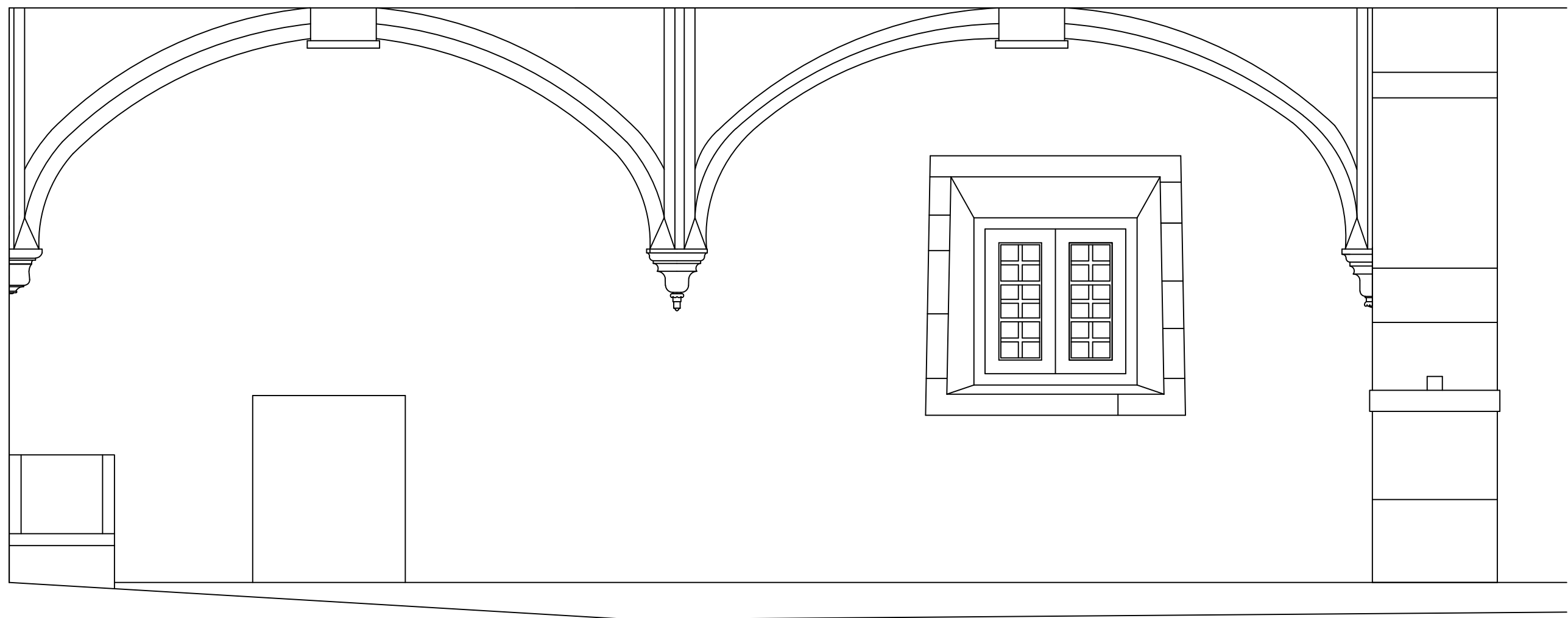
Conservação e Restauro 1 - Materiais Pétreos

Planta da primeira sala das cavaliças, Levantamento de
Patologias dos Materiais Petreos.

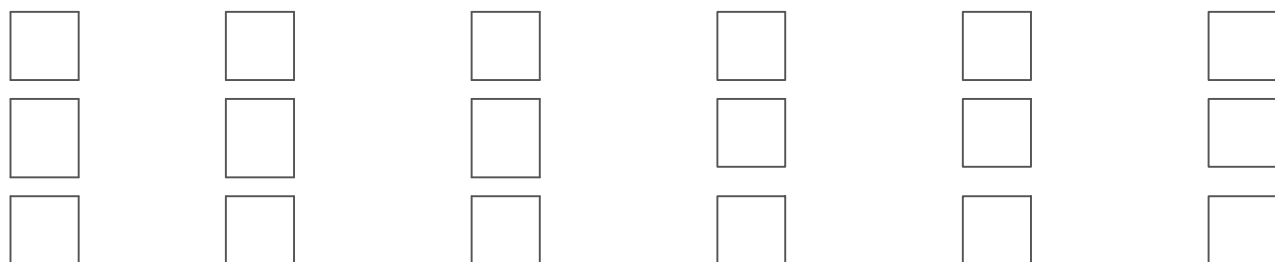
Aluno:

Professor: Fernando Costa





Legenda



Data: 13/ 03/ 2013

Local: Convento de
Cristo, Cavalariças

Escala Grafica

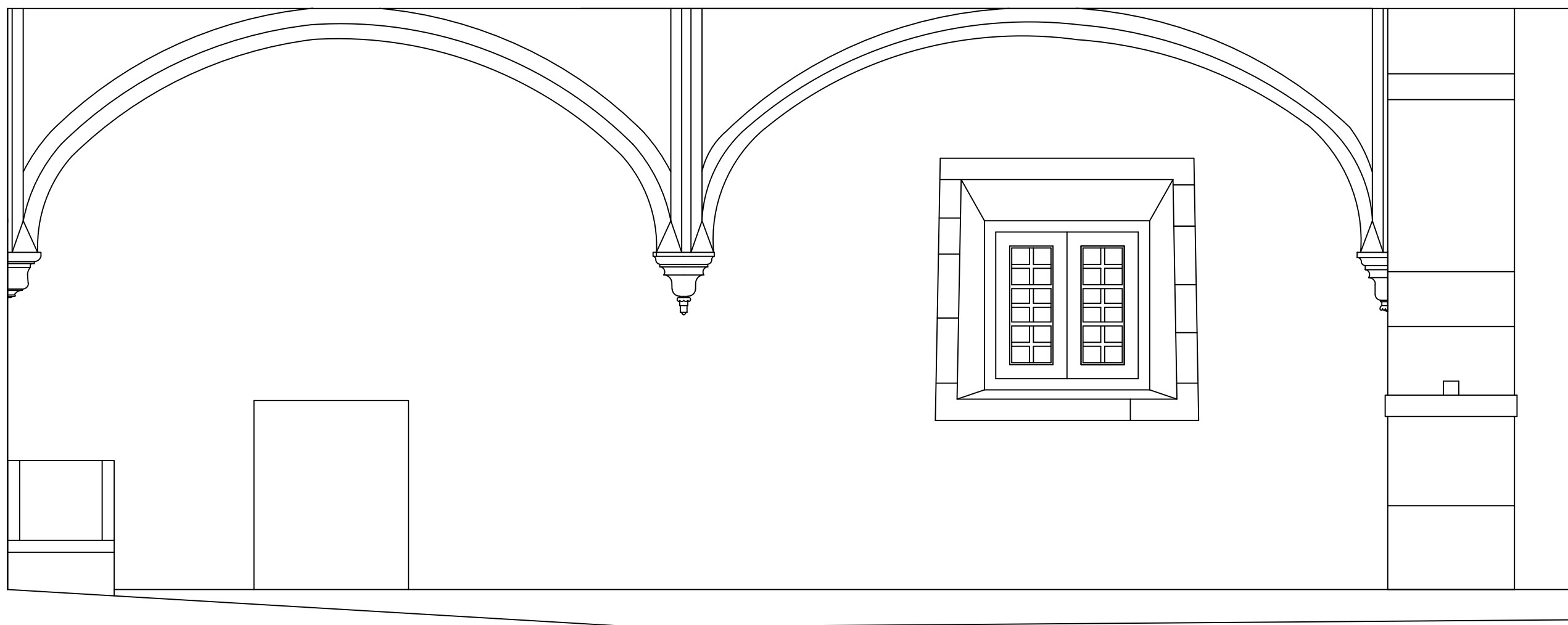
Conservação e Restauro 1 - Materiais Pétreos

Alçado Interior Norte, Corte M N, Levantamento de Patologias
dos Materiais Petreos.

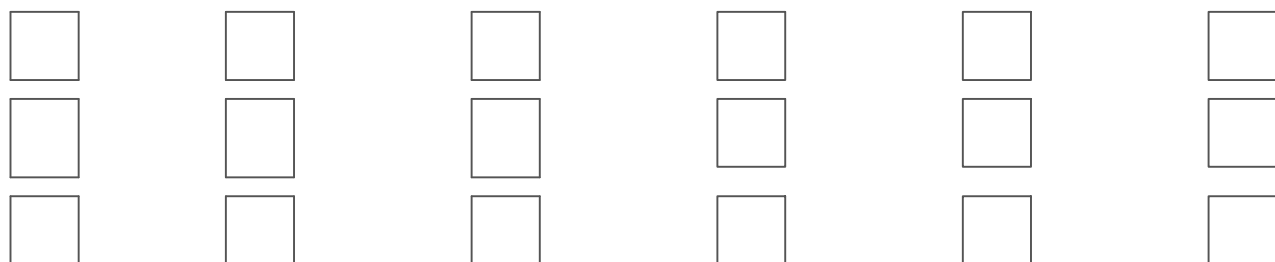
Aluno:

Professor: Fernado Costa





Legenda



Data: 13/ 03/ 2013

Local: Convento de
Cristo, Cavalariças

Escala Grafica

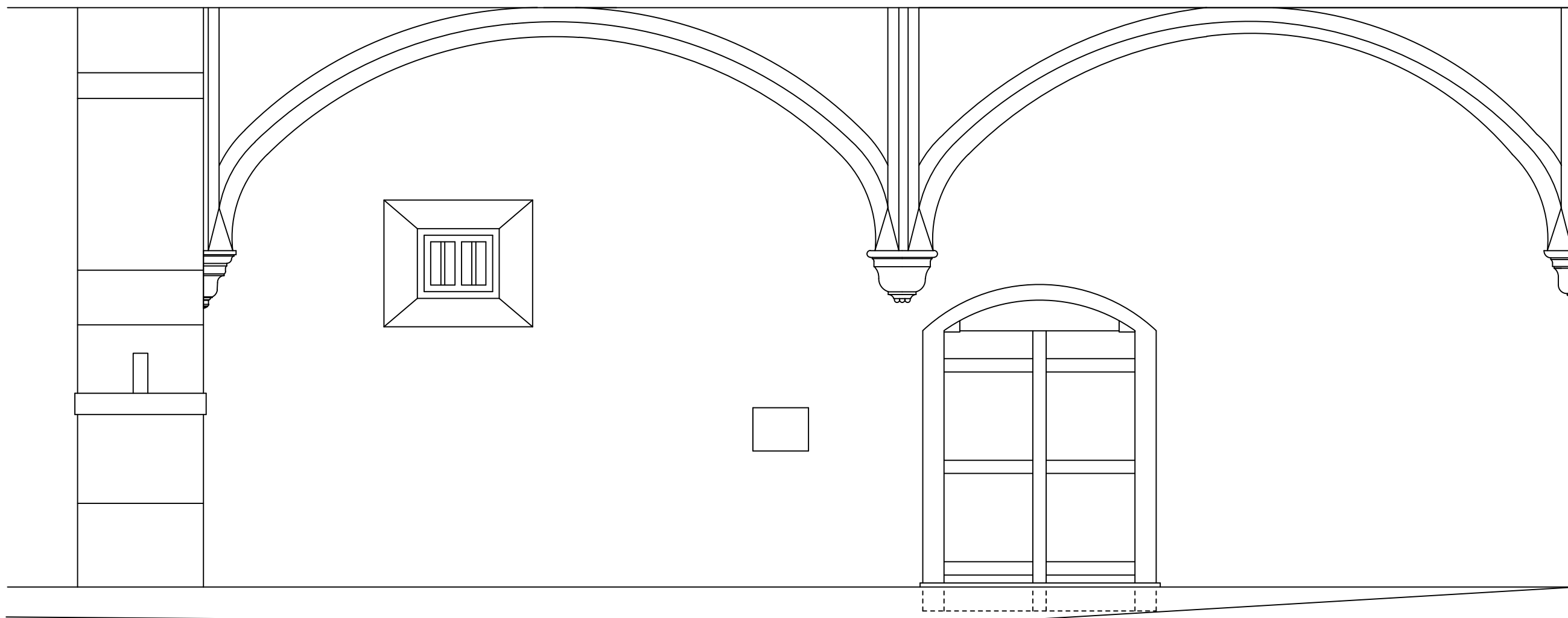
Conservação e Restauro 1 - Materiais Pétreos

Alçado Interior Norte, Corte O P Levantamento de Patologias
dos Materiais Petreos.

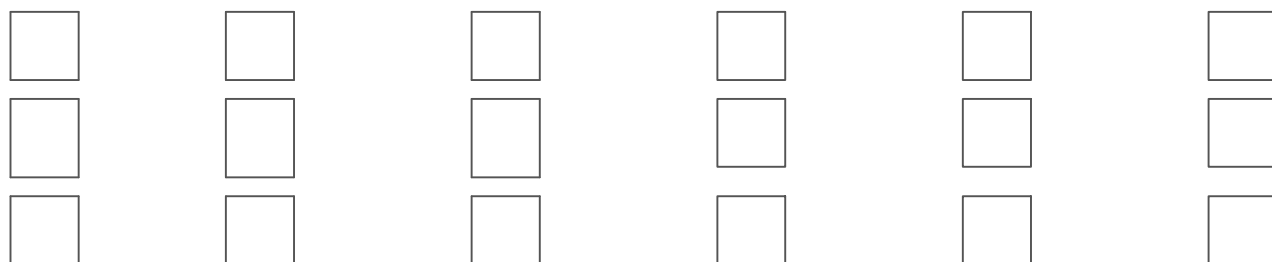
Aluno:

Professor: Fernado Costa





Legenda



Data: 13/ 03/ 2013

Local: Convento de
Cristo, Cavalariças

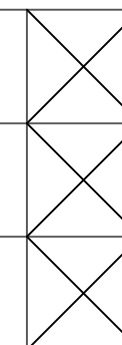
Escala Grafica

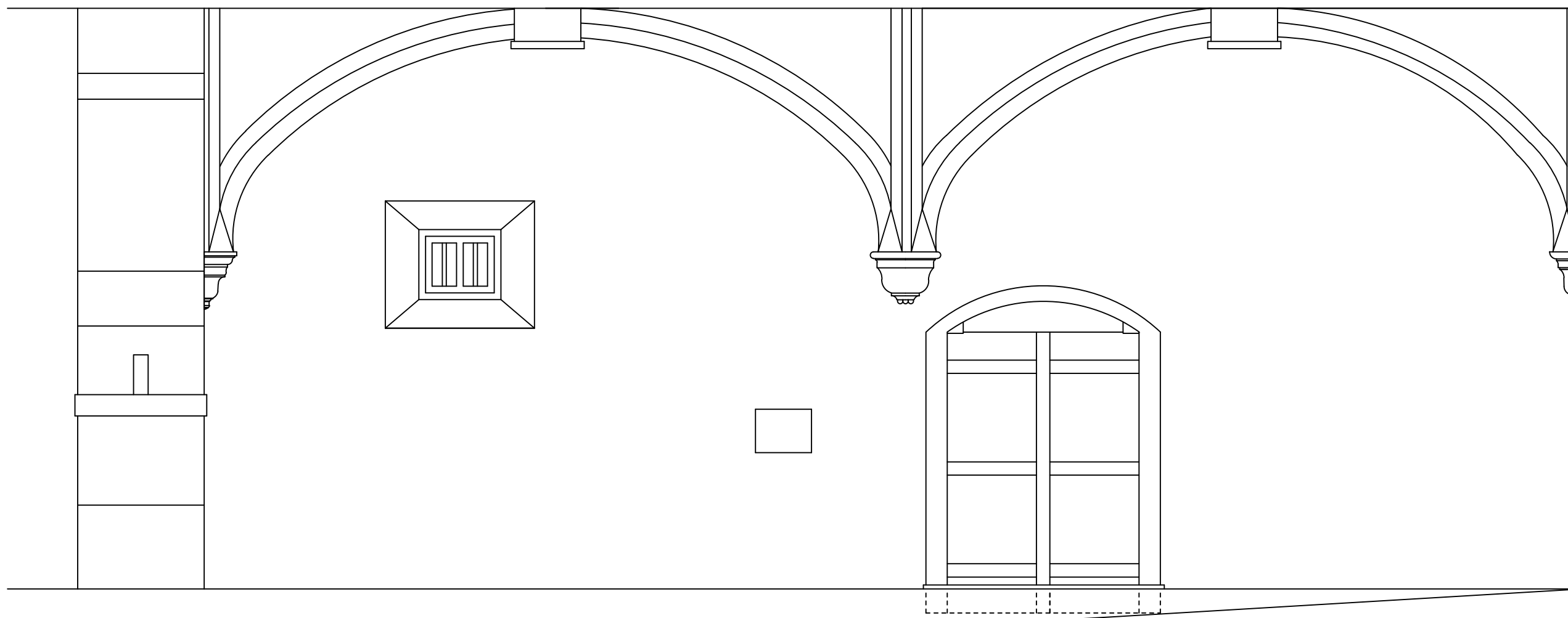
Conservação e Restauro 1 - Materiais Pétreos

Alçado Interior Sul, Corte K L, Levantamento de Patologias
dos Materiais Petreos.

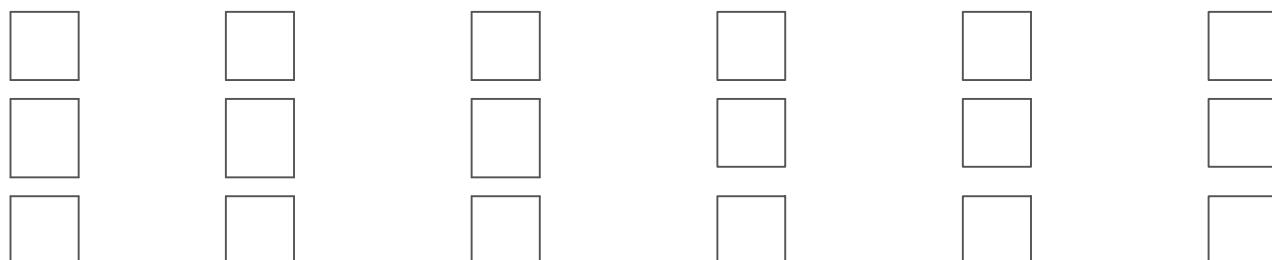
Aluno:

Professor: Fernado Costa





Legenda



Data: 13/ 03/ 2013

Local: Convento de
Cristo, Cavalariças

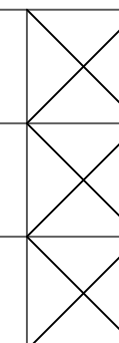
Escala Grafica

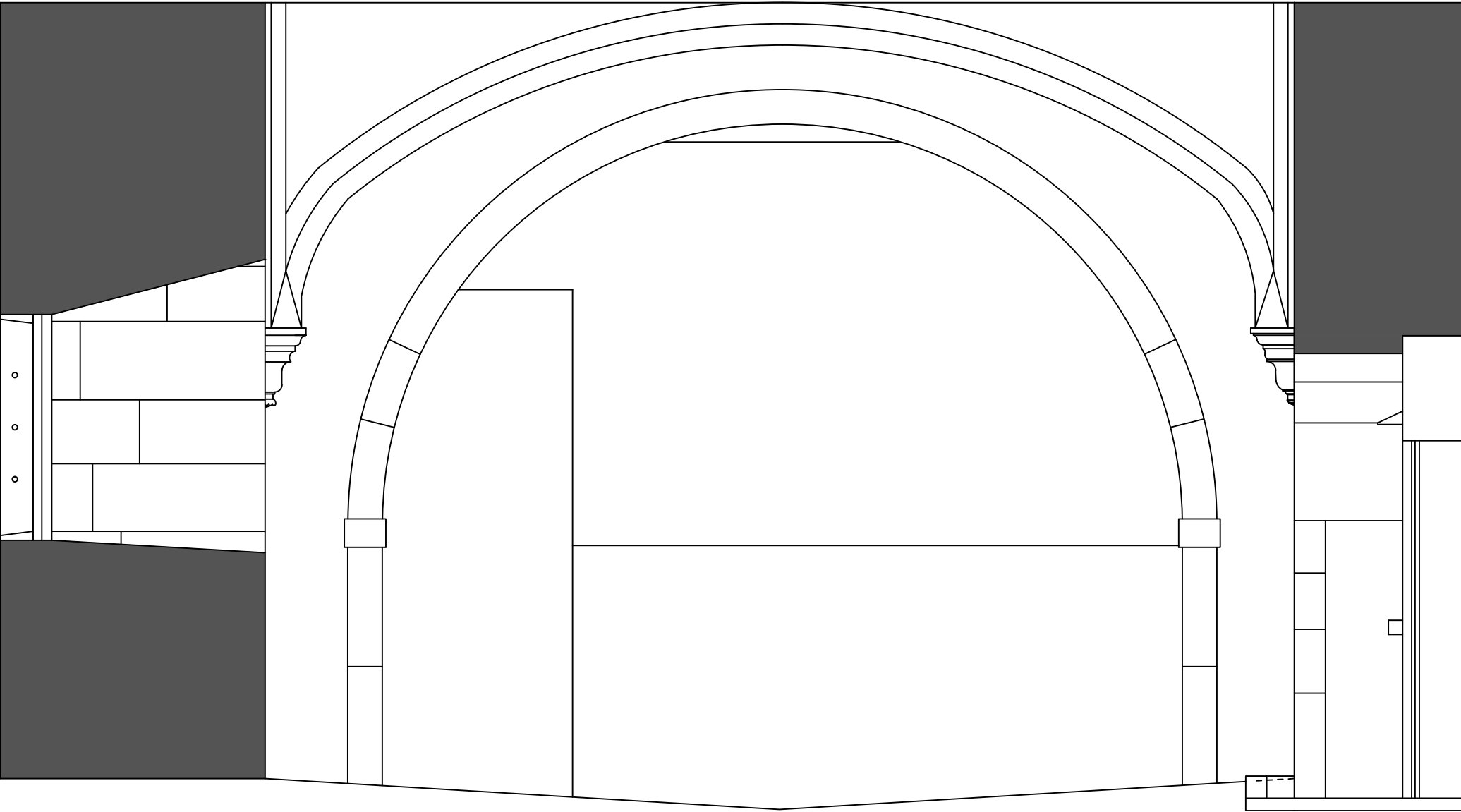
Conservação e Restauro 1 - Materiais Pétreos

Alçado interior Sul, Corte M N, Levantamento de Patologias
dos Materiais Petreos.

Aluno:

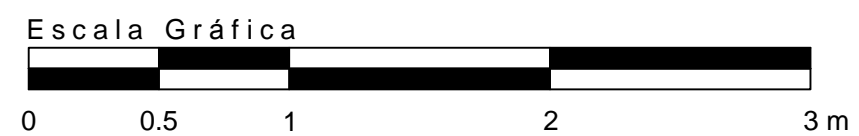
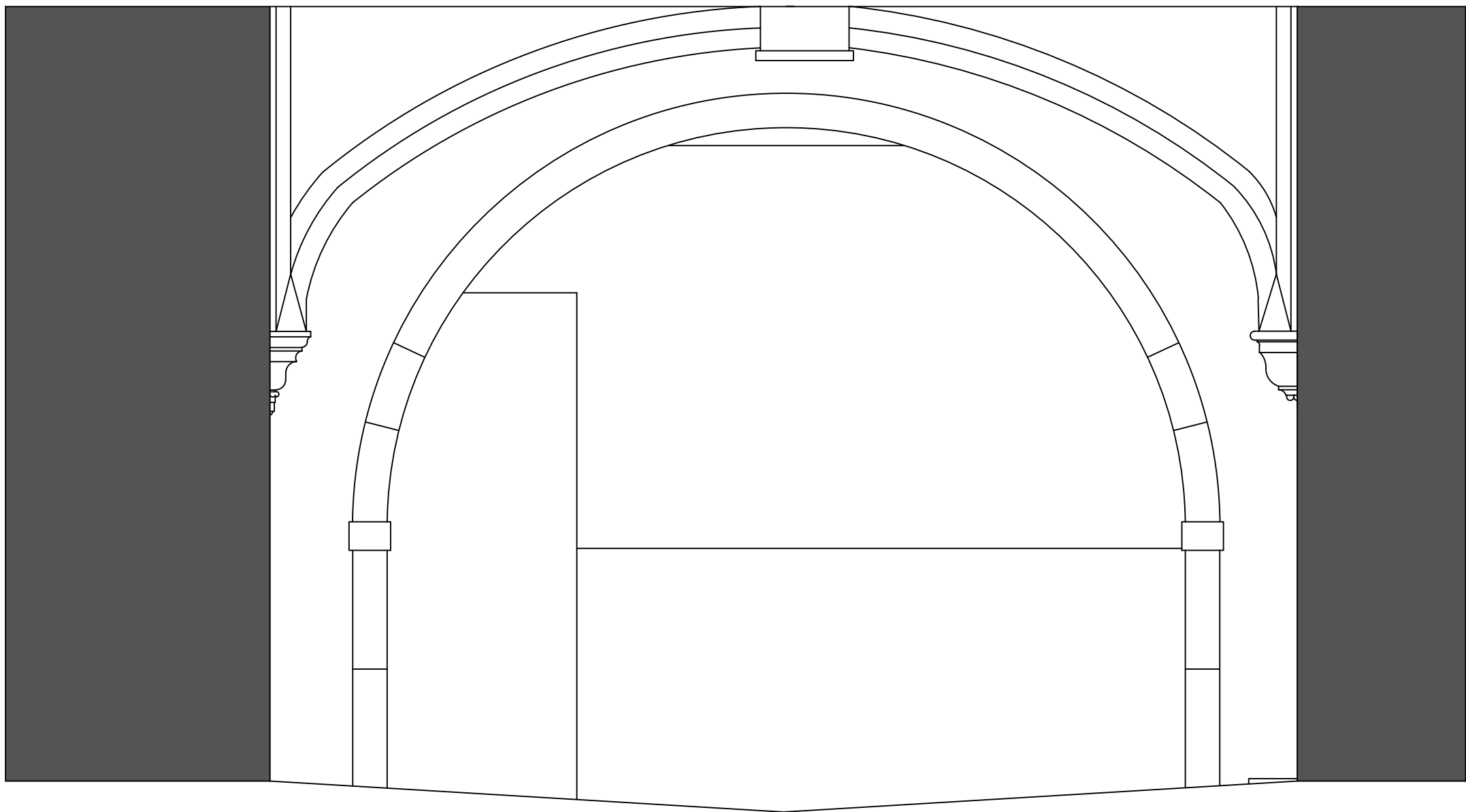
Professor: Fernado Costa



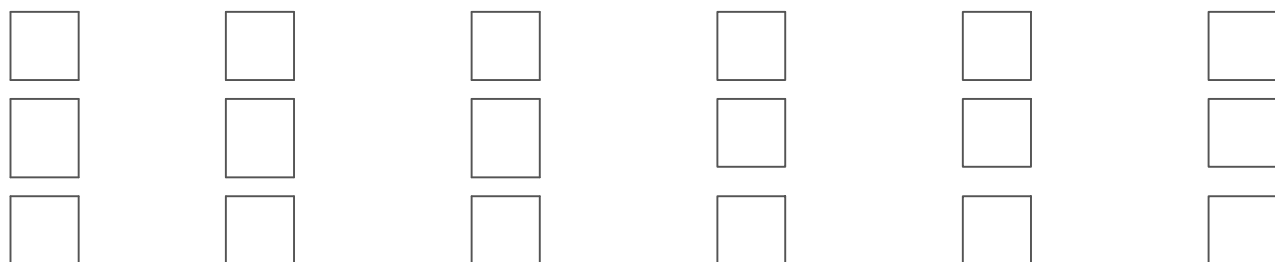


Legenda

Data: 13/ 03/ 2013	Levantamento gráfico do interior das Cavaliças, Ala Norte do Convento de Cristo de Tomar.	
Local: Convento de Cristo, Cavaliças	Alçado Interior Poente, Corte "A-B".	
Escala Grafica	Aluno:	
	Professor: Fernado Costa	



Legenda



Data: 13/ 03/ 2013

Local: Convento de
Cristo, Cavalariças

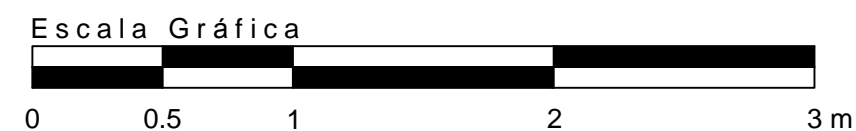
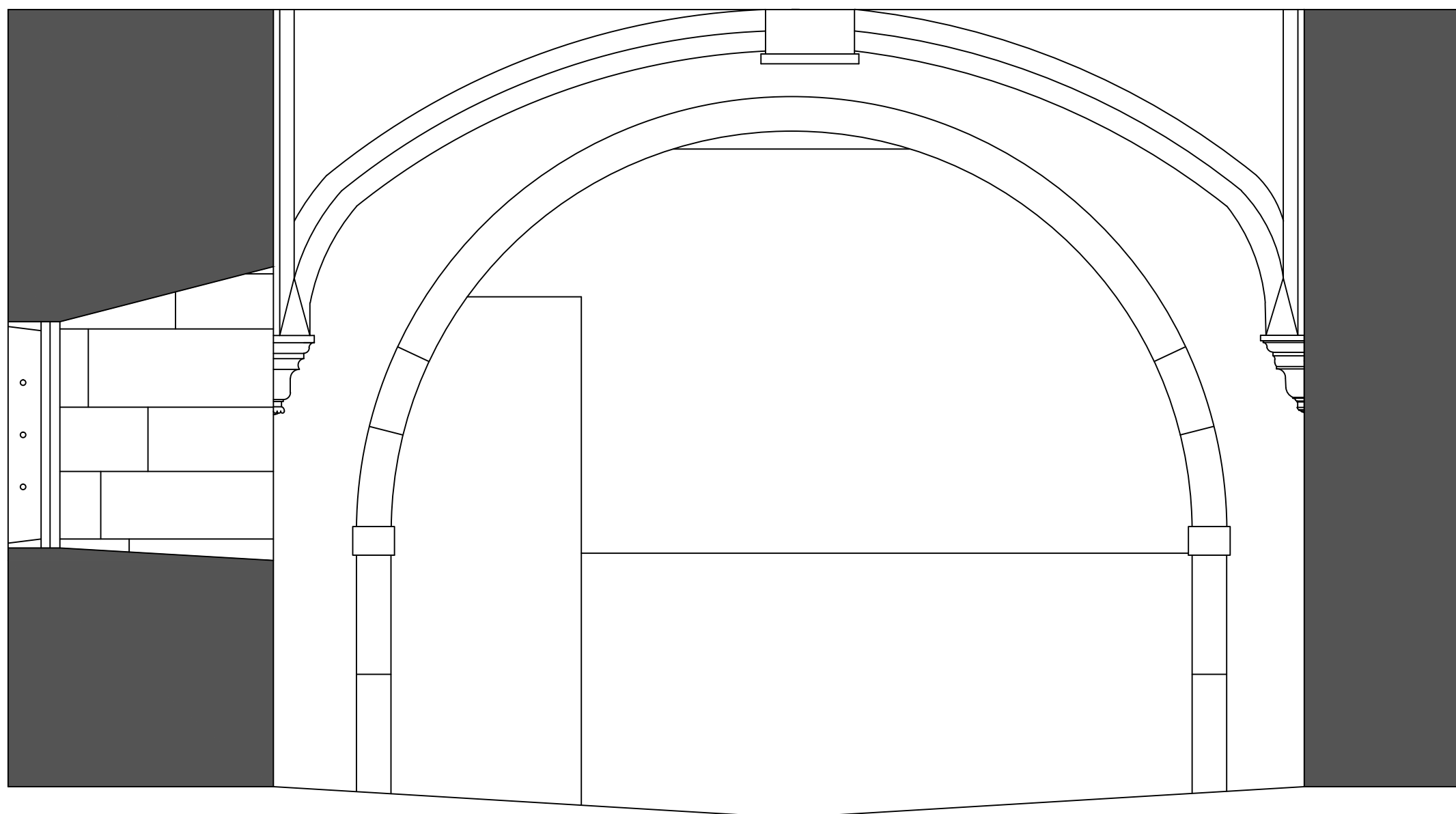
Escala Grafica

Conservação e Restauro 1 - Materiais Pétreos

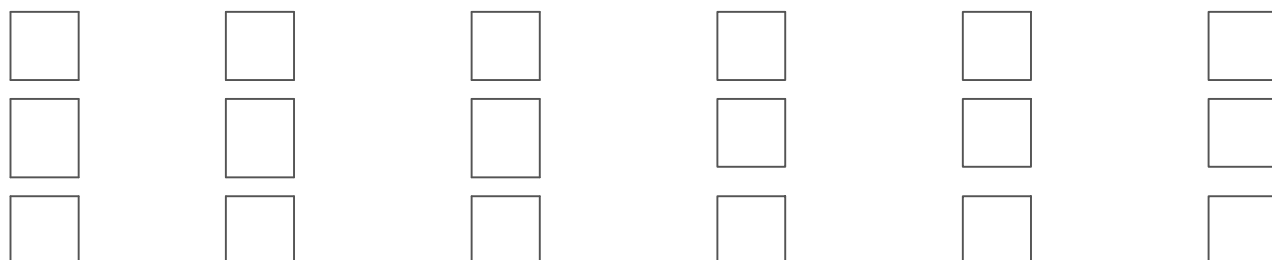
Alçado Interior Nascente, Corte C D, Levantamento de
Patologias dos Materiais Petreos.

Aluno:

Professor: Fernando Costa



Legenda



Data: 13/ 03/ 2013

Local: Convento de
Cristo, Cavalariças

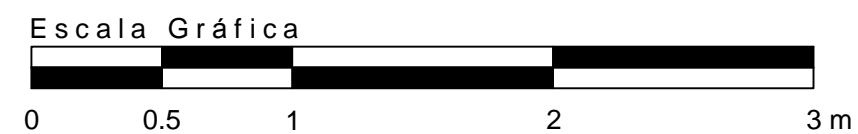
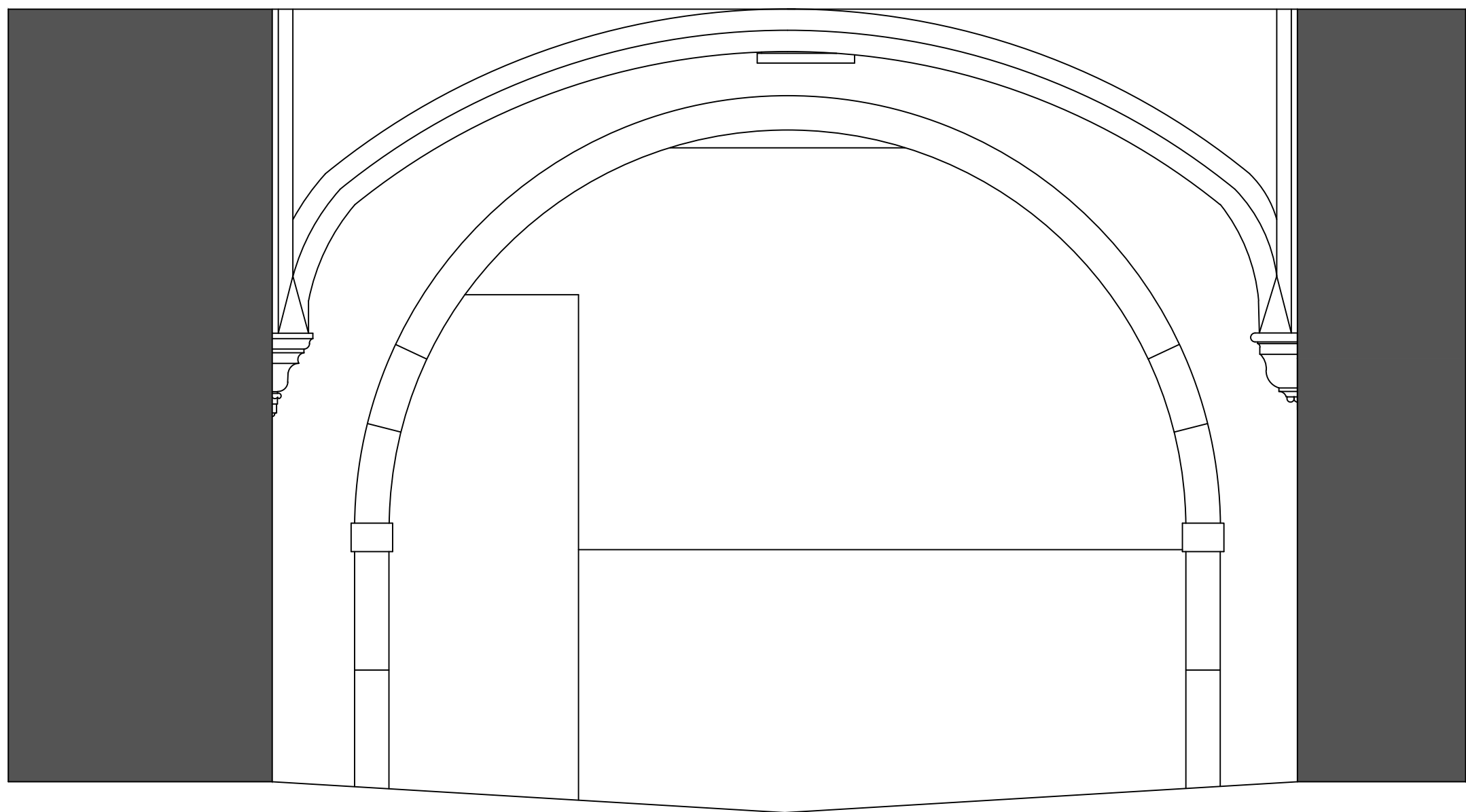
Escala Grafica

Conservação e Restauro 1 - Materiais Pétreos

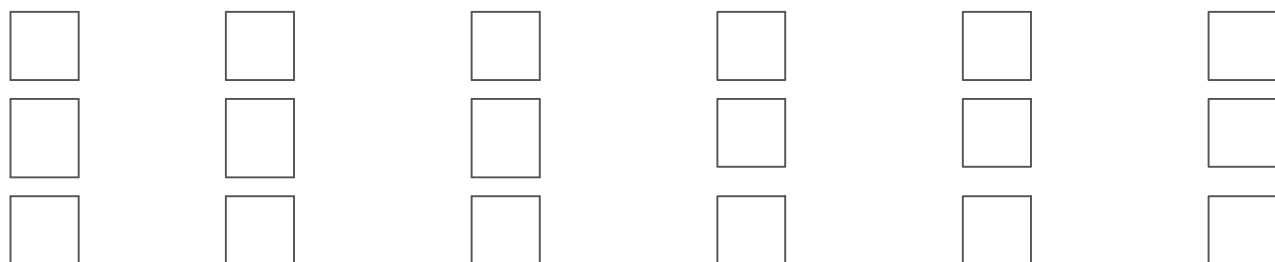
Alçado Interior Nascente, Corte E F, Levantamento de
Patologias dos Materiais Petreos.

Aluno:

Professor: Fernando Costa



Legenda



Data: 13/ 03/ 2013

Local: Convento de
Cristo, Cavalariças

Escala Grafica

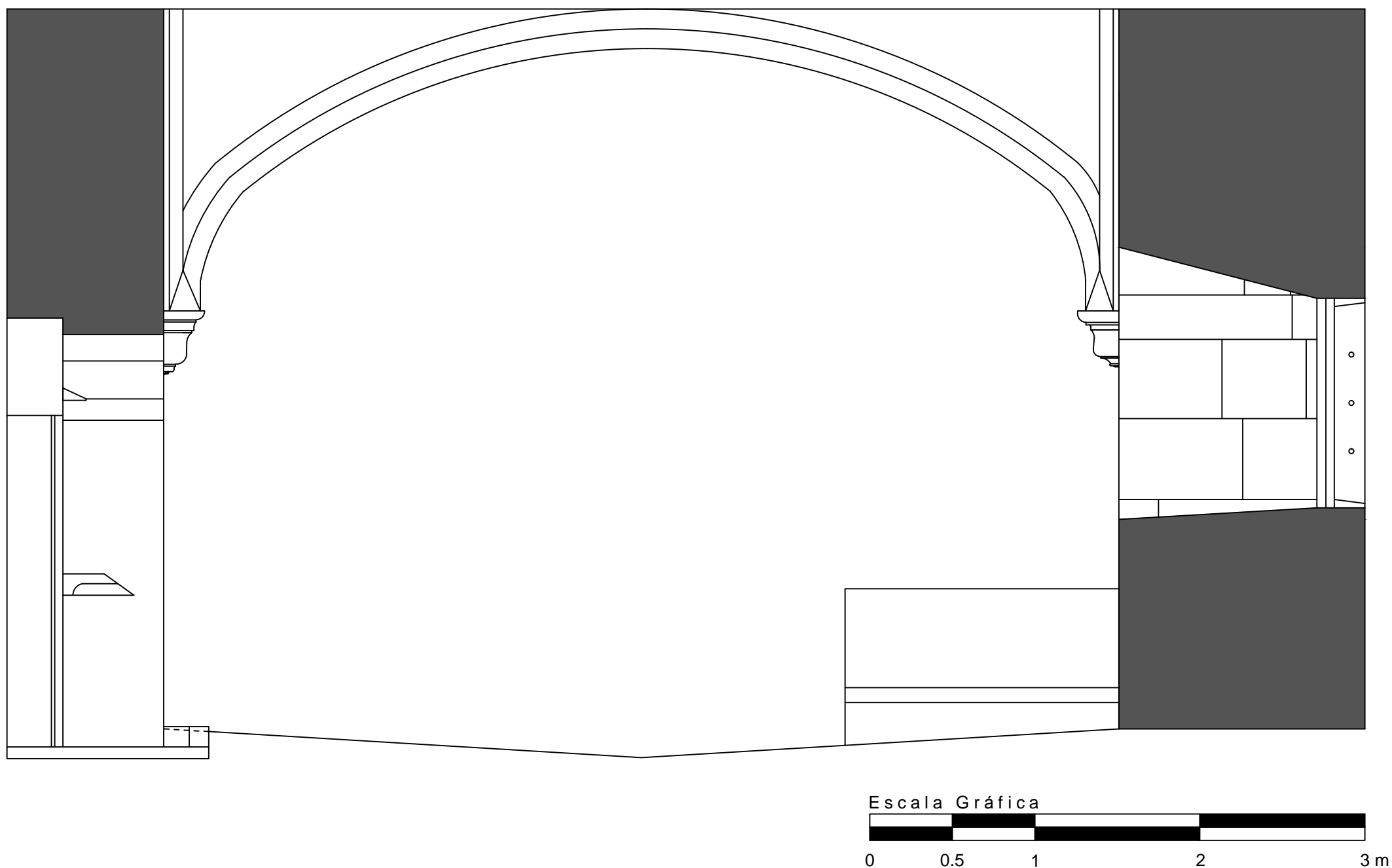
Conservação e Restauro 1 - Materiais Pétreos

Alçado Interior Nascente, Corte I J, Levantamento de
Patologias dos Materiais Petreos.

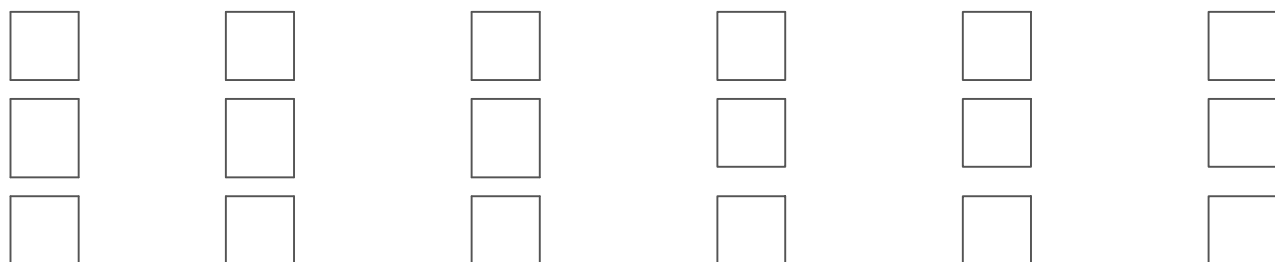
Aluno:

Professor: Fernando Costa





Legenda



Data: 13/ 03/ 2013

Local: Convento de
Cristo, Cavalariças

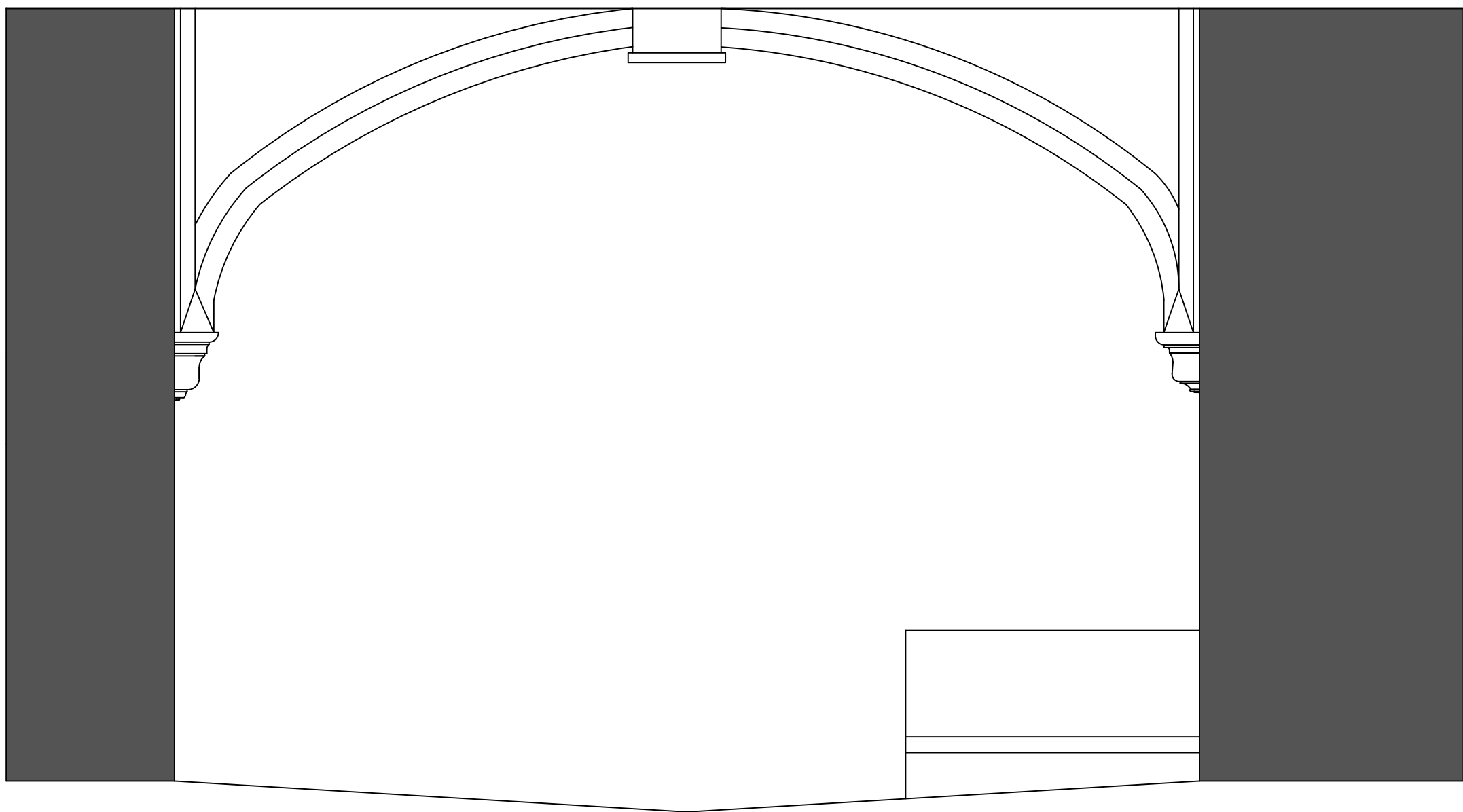
Escala Grafica

Conservação e Restauro 1 - Materiais Pétreos

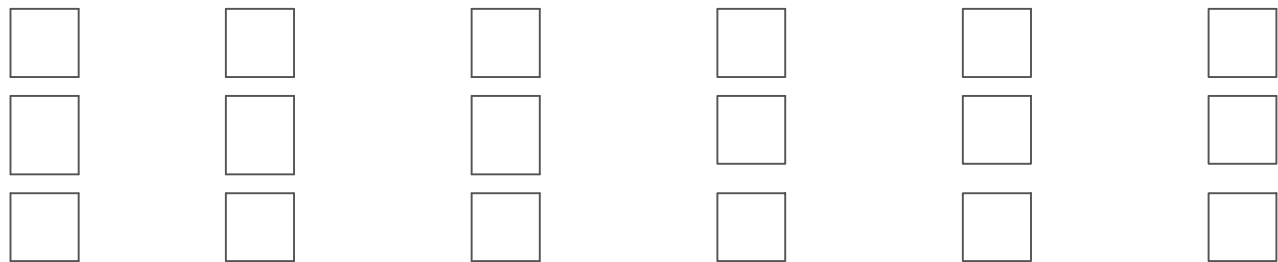
Alçado Interior Poente, Corte A B, Levantamento de Patologias
dos Materiais Petreos.

Aluno:

Professor: Fernando Costa



Legenda



Data: 13/ 03/ 2013

Local: Convento de
Cristo, Cavalariças

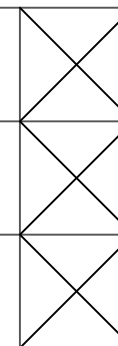
Escala Grafica

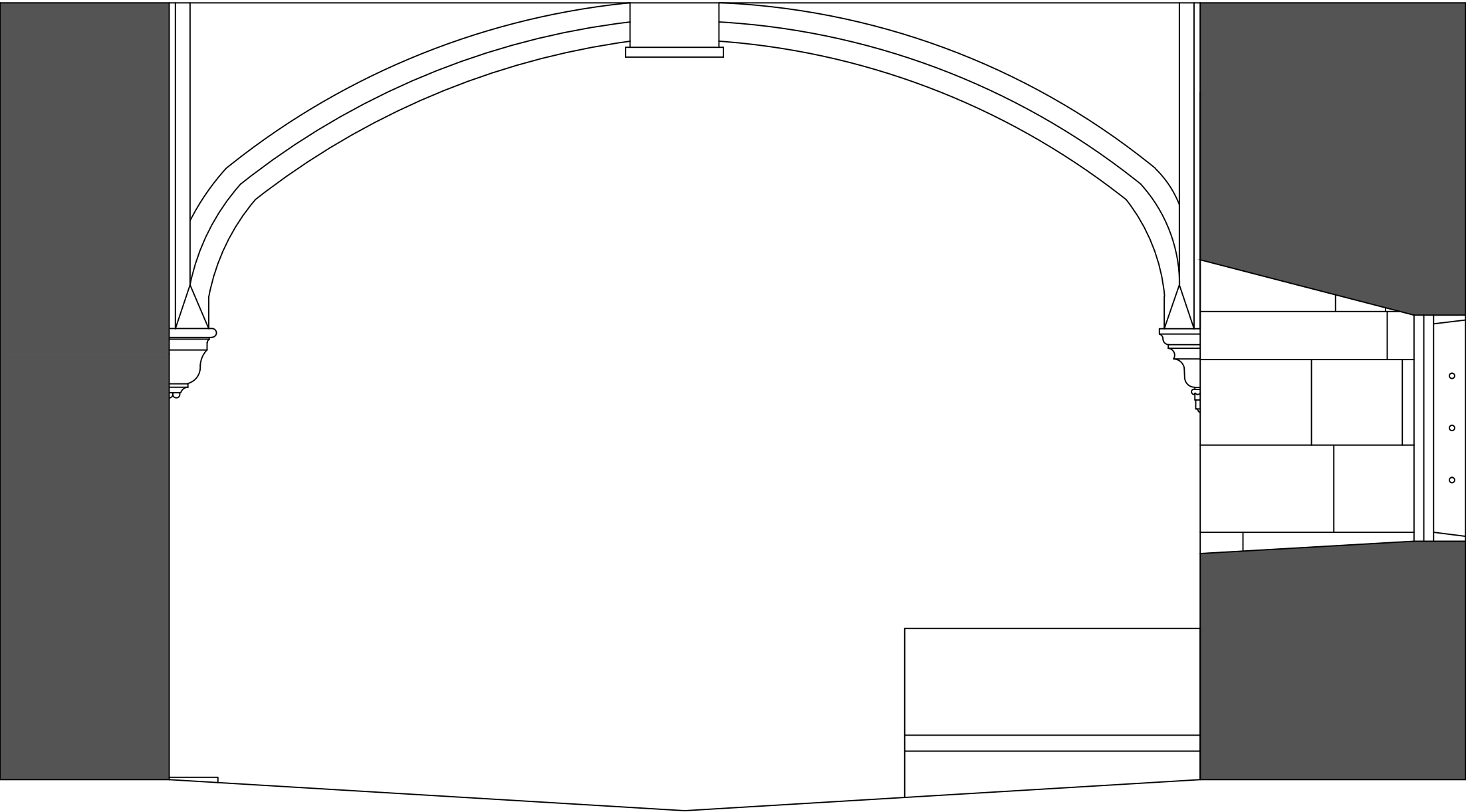
Conservação e Restauro 1 - Materiais Pétreos

Alçado Interior Poente, Corte C D, Levantamento de
Patologias dos Materiais Petreos.

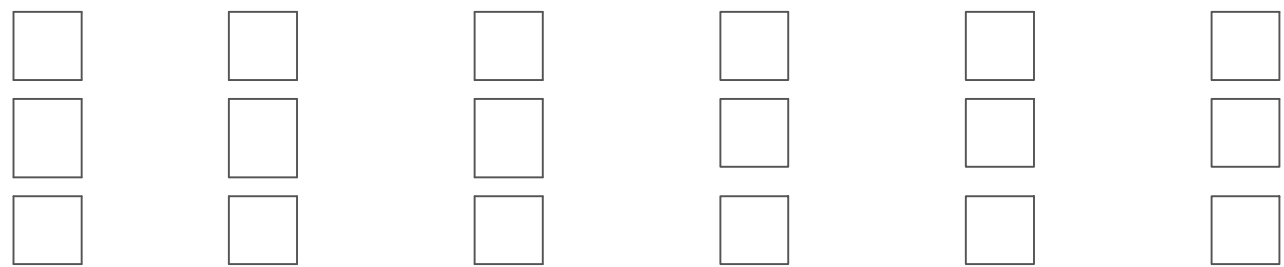
Aluno:

Professor: Fernando Costa

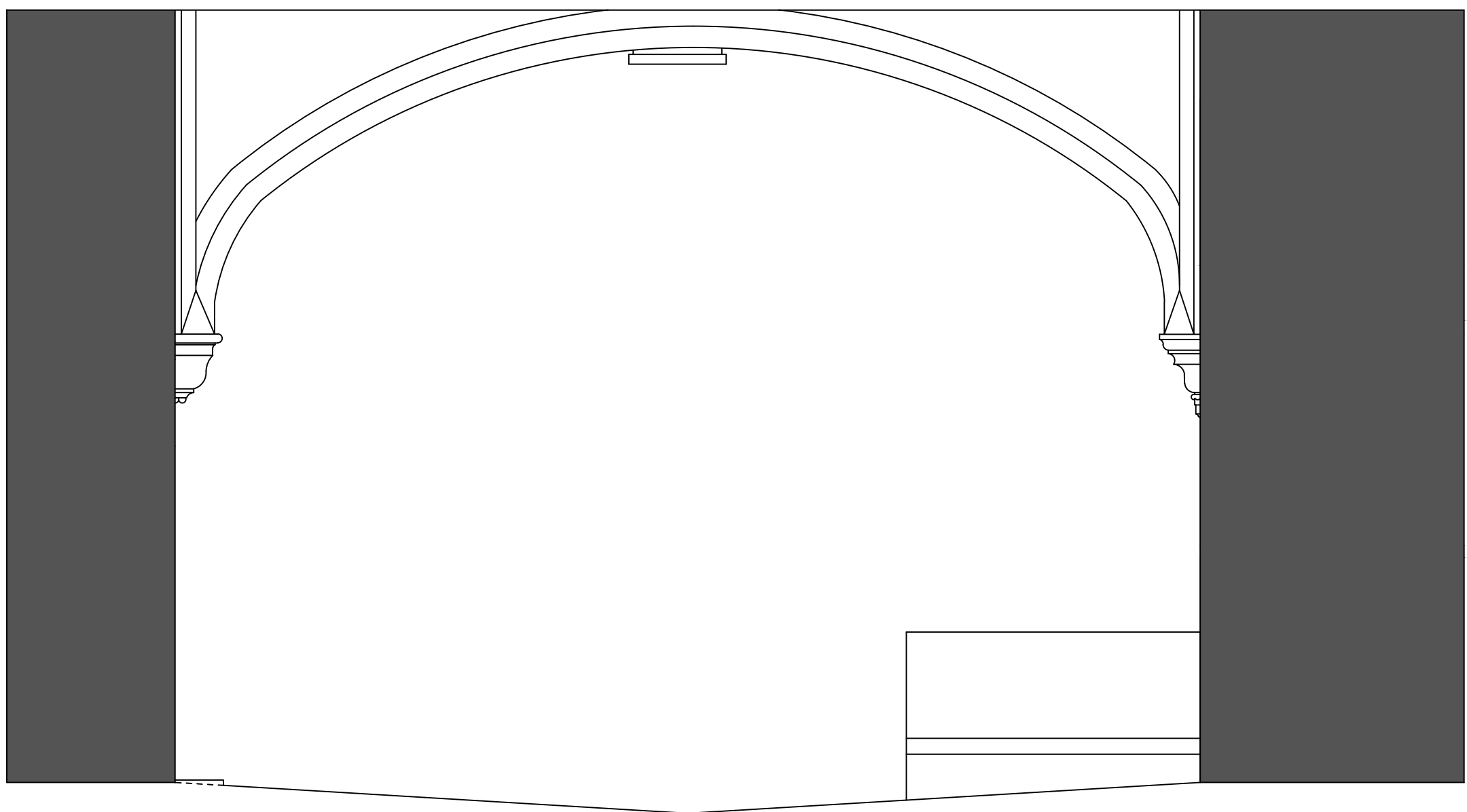




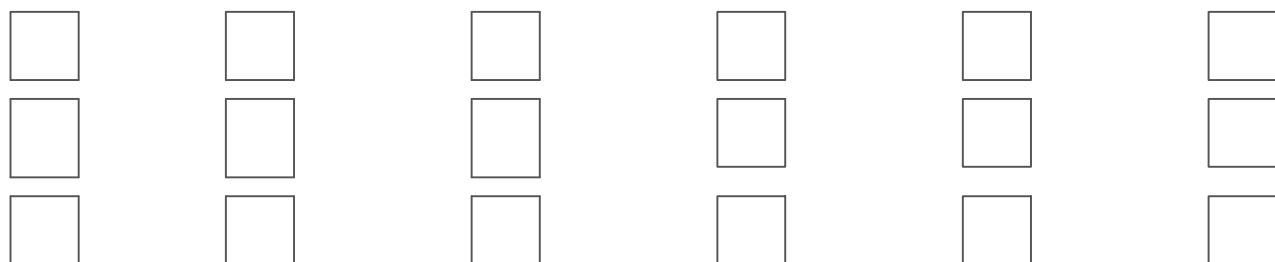
Legenda



Data: 13/ 03/ 2013	Conservação e Restauro 1 - Materiais Pétreos	
Local: Convento de Cristo, Cavalariças	Alçado Interior Poente, Corte E F, Levantamento de Patologias dos Materiais Petreos.	
Escala Grafica	Aluno:	
	Professor: Fernado Costa	



Legenda



Data: 13/ 03/ 2013

Local: Convento de
Cristo, Cavalariças

Escala Grafica

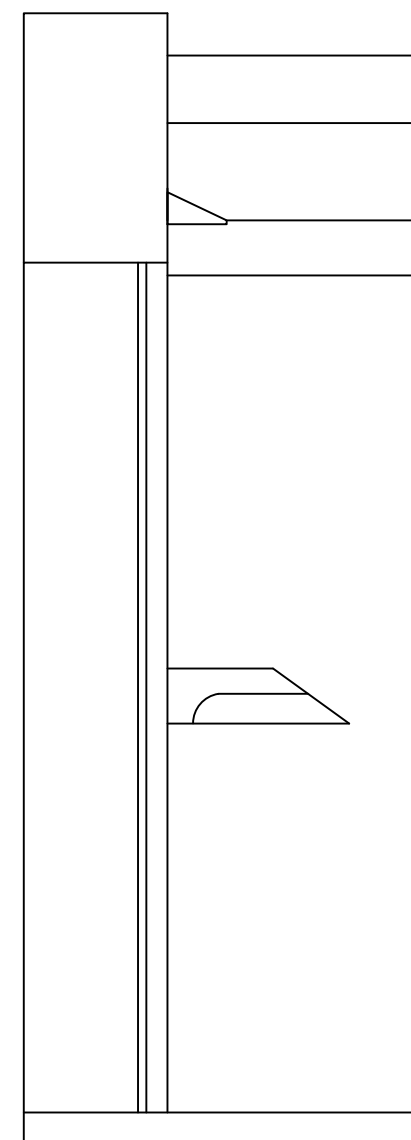
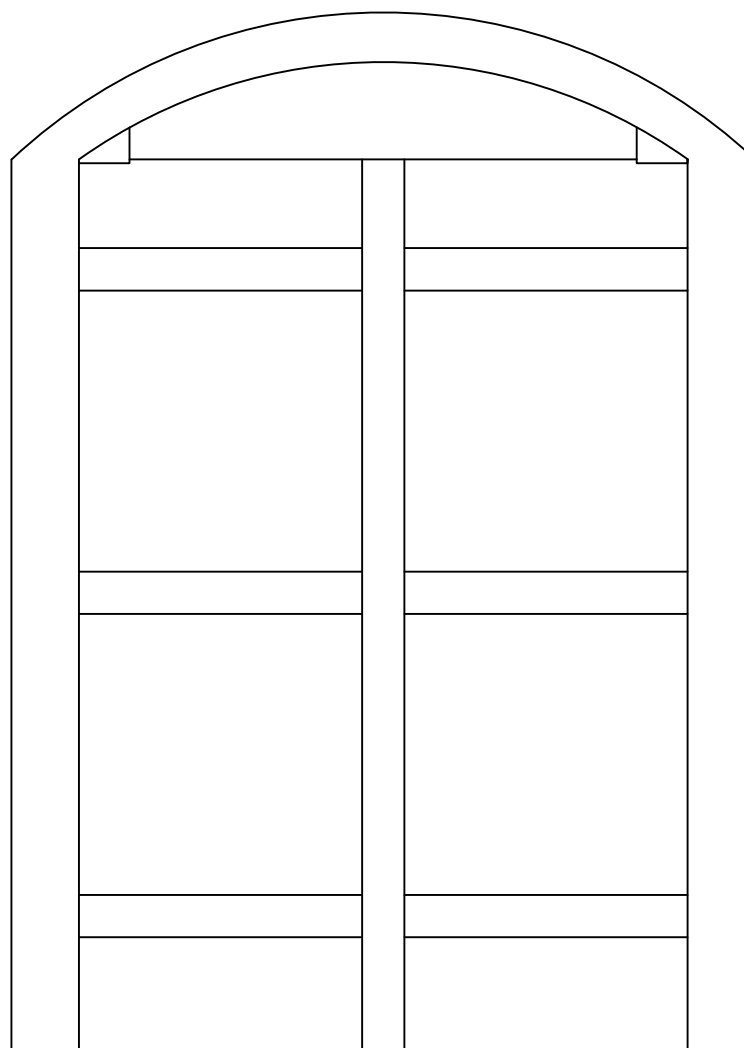
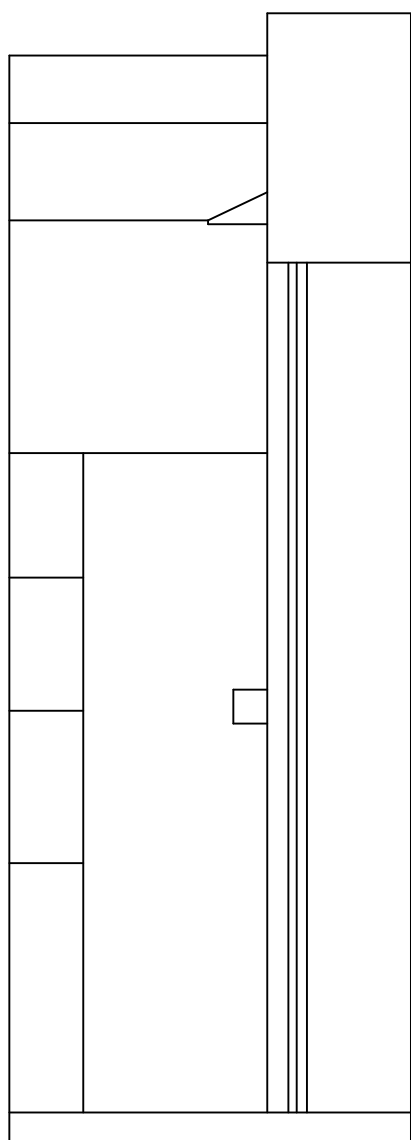
Conservação e Restauro 1 - Materiais Pétreos

Alçado Interior Poente, Corte G H, Levantamento de
Patologias dos Materiais Petreos.

Aluno:

Professor: Fernando Costa



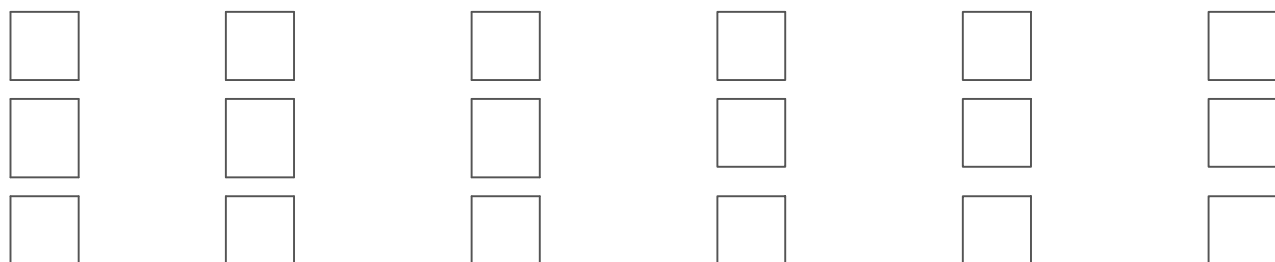


Escala Gráfica



0 0.5 1 2 3 m

Legenda



Data: 13/ 03/ 2013

Local: Convento de
Cristo, Cavalariças

Escala Grafica

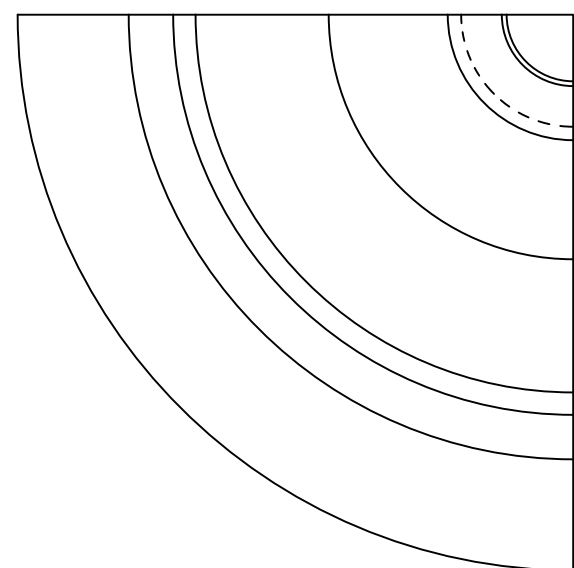
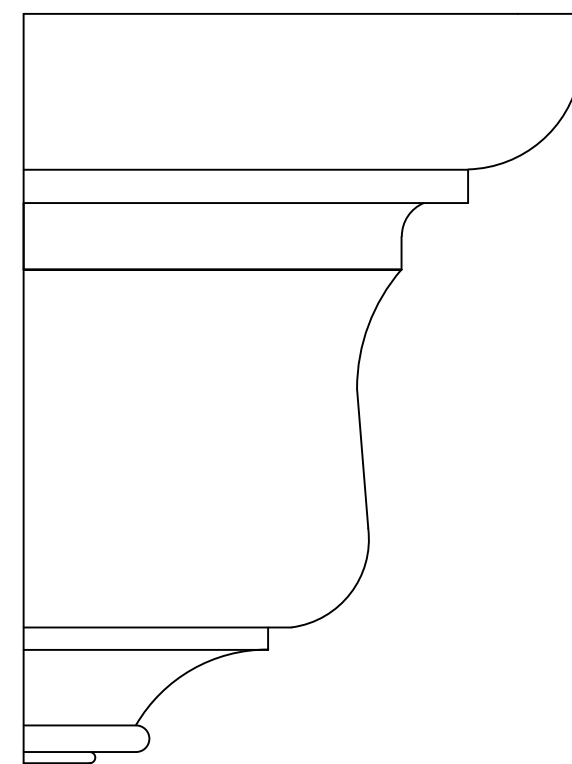
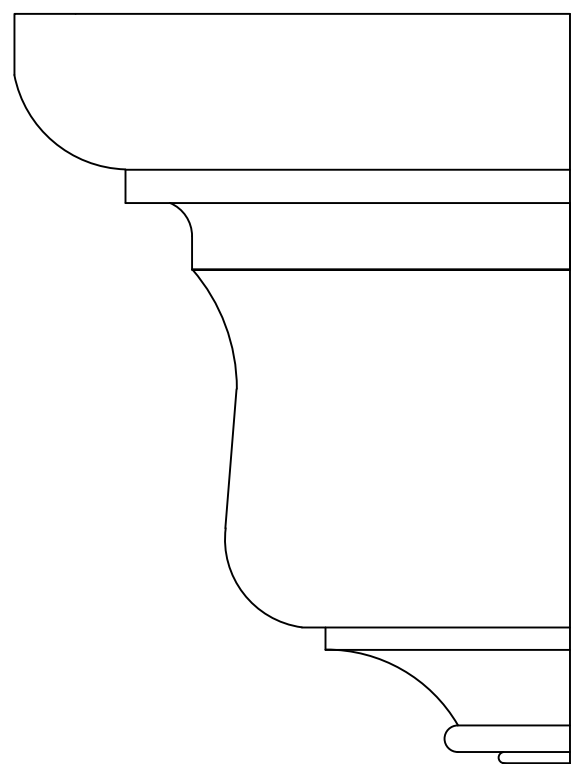
Conservação e Restauro 1 - Materiais Pétreos

Porta da Entrada, Alçado Interior Sul, Levantamento de
Patologias dos Materiais Petreos.

Aluno:

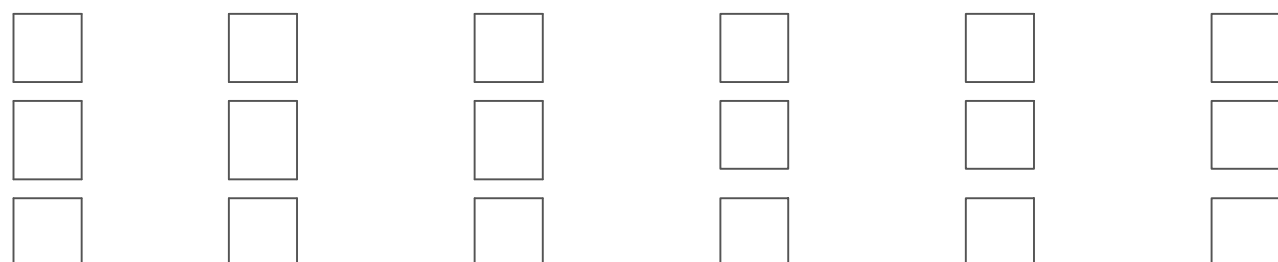
Professor: Fernando Costa





0 0.05 0.1 0.2 0.3 0.4 0.5 m

Legenda



Data: 13/ 03/ 2013

Local: Convento de
Cristo, Cavalariças

Escala Grafica

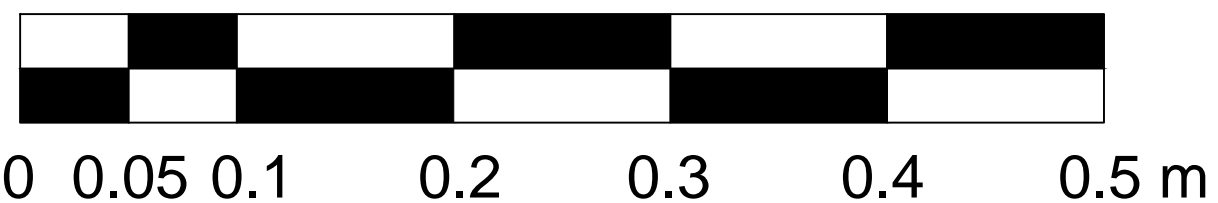
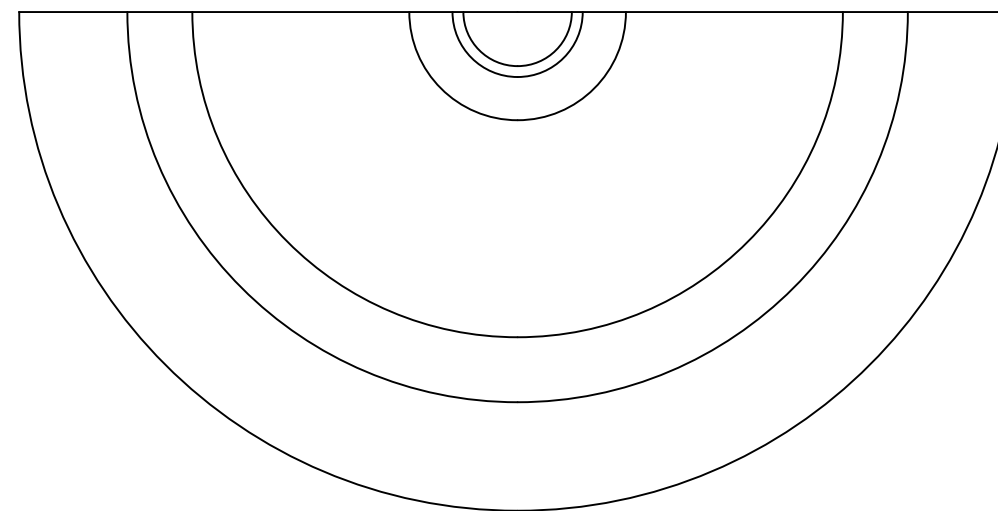
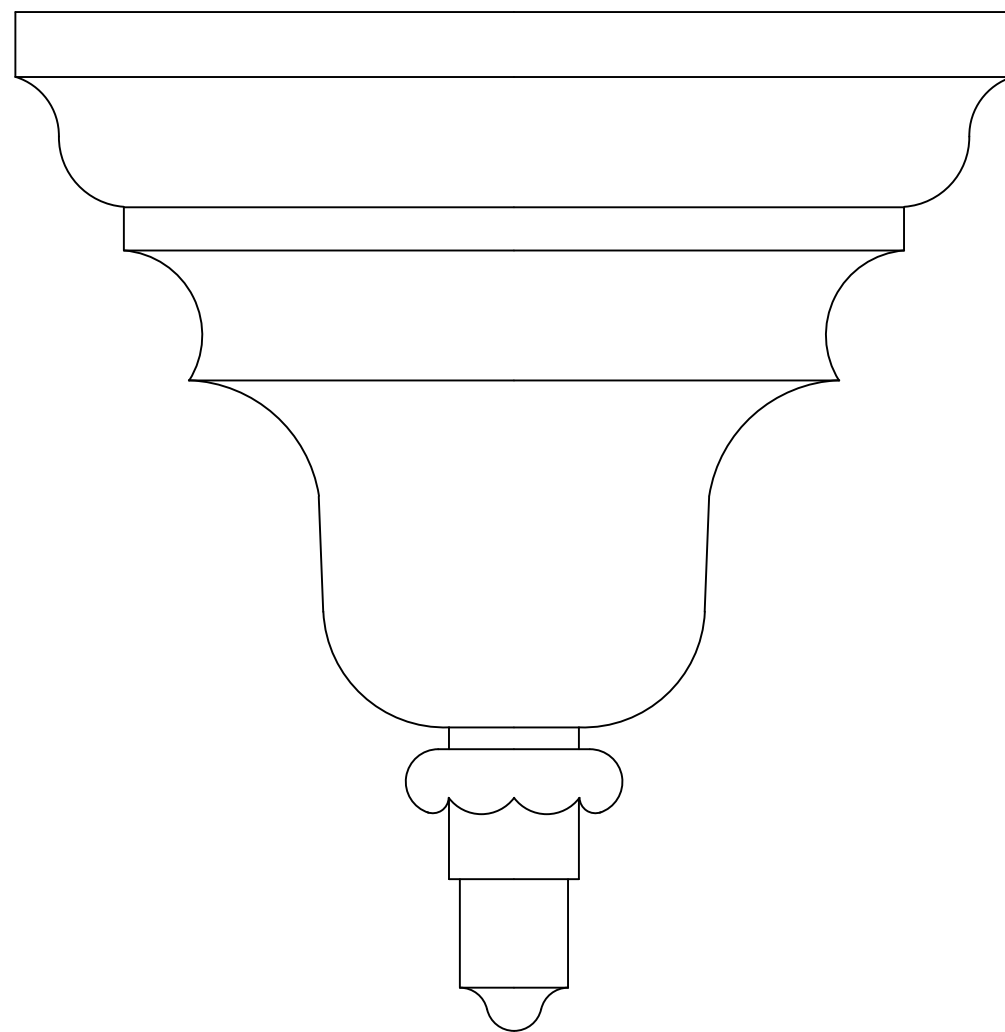
Conservação e Restauro 1 - Materiais Pétreos

Primeira Mísula, Levantamento de Patologias dos Materiais
Pétreos.

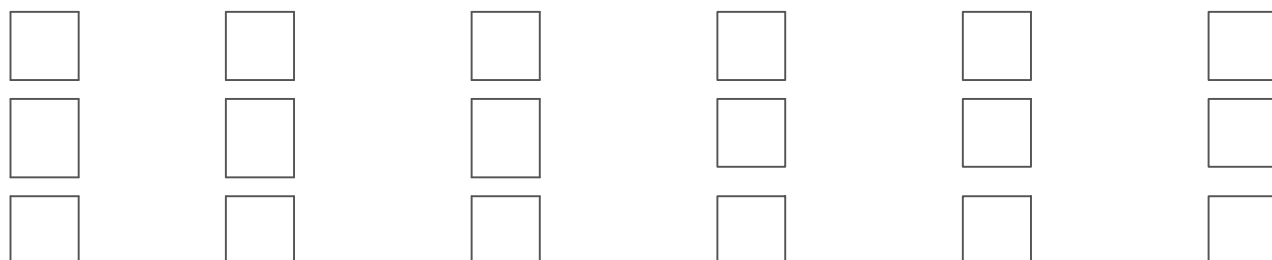
Aluno:

Professor: Fernando Costa





Legenda



Data: 13/ 03/ 2013

Local: Convento de
Cristo, Cavalariças

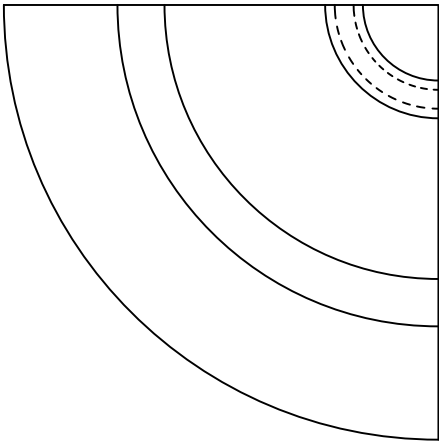
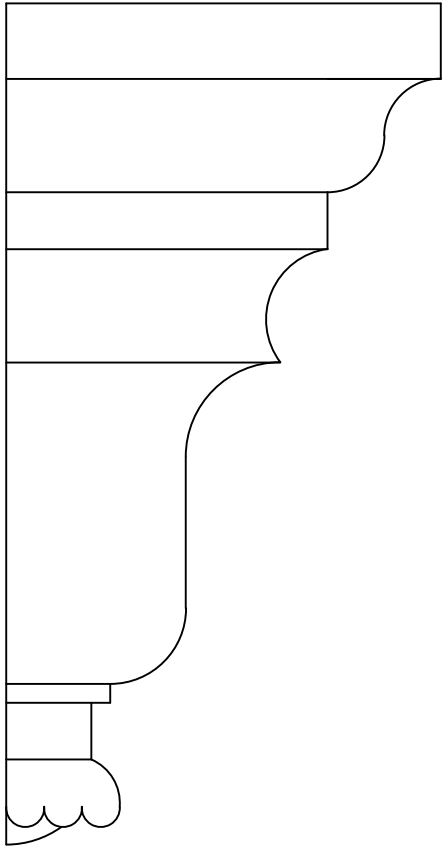
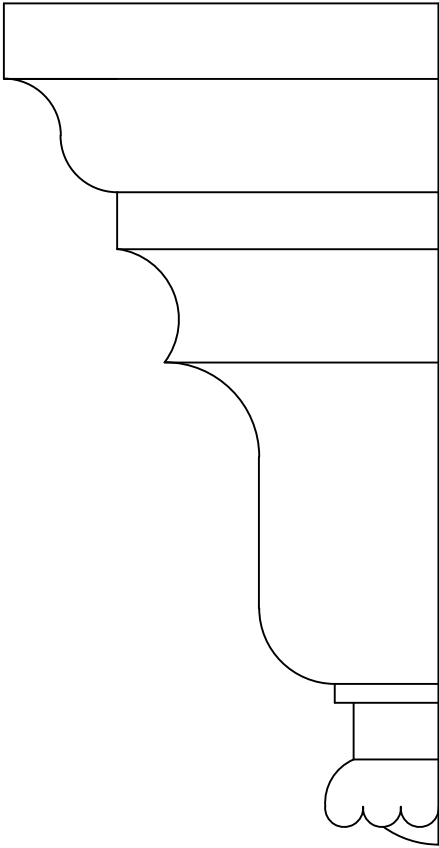
Escala Grafica

Conservação e Restauro 1 - Materiais Pétreos

Segunda Mísula, Levantamento de Patologias dos Materiais
Pétreos.

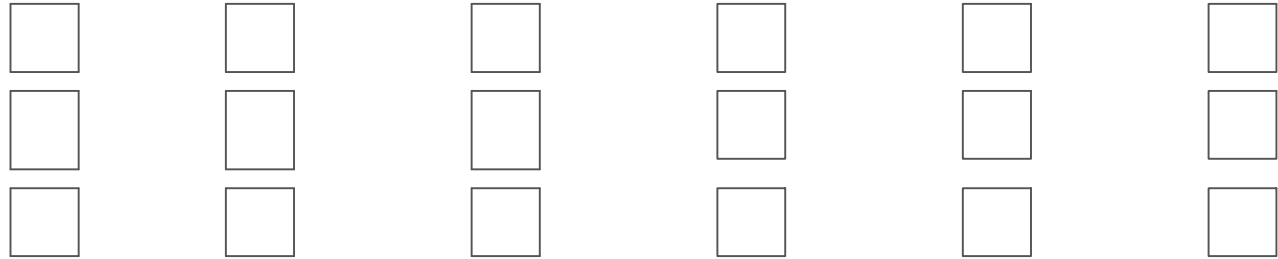
Aluno:

Professor: Fernando Costa

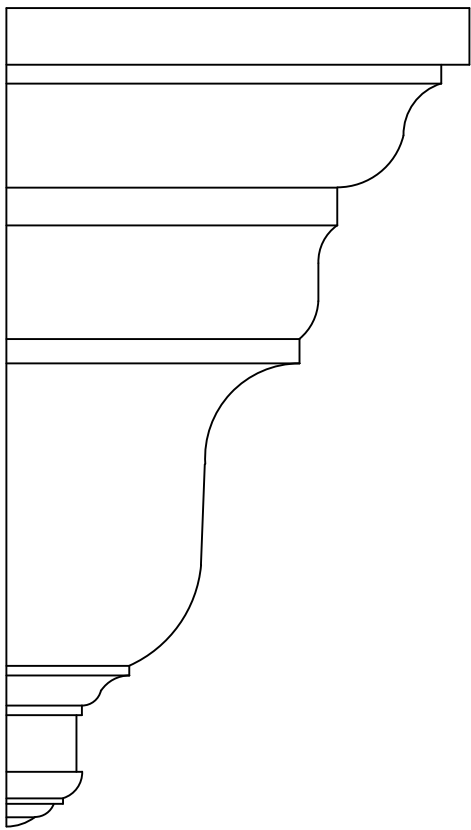
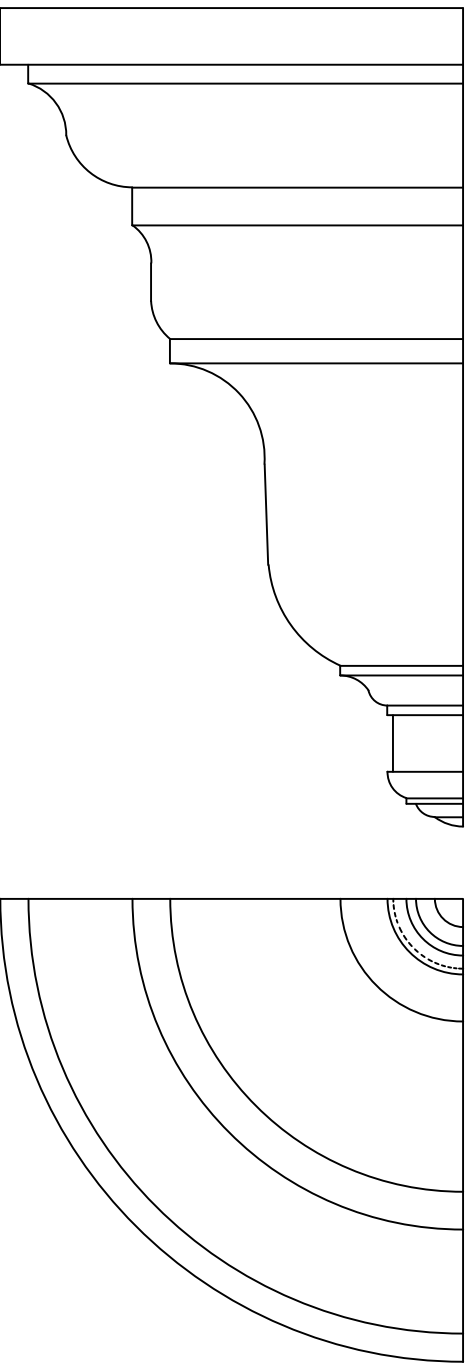


0 0.05 0.1 0.2 0.3 0.4 0.5 m

Legenda

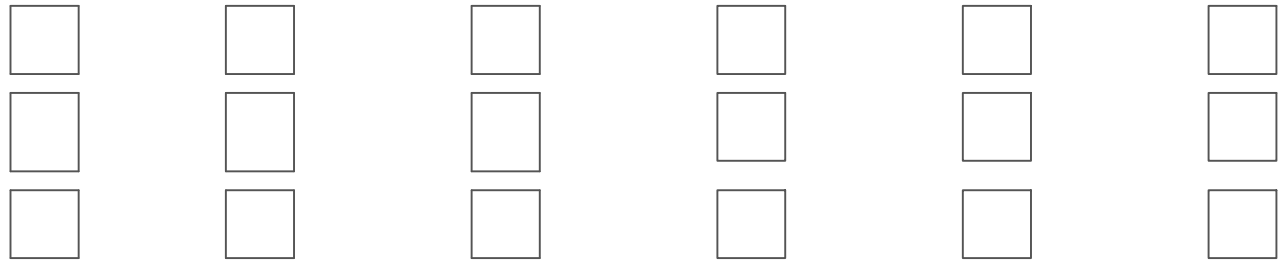


Data: 13/ 03/ 2013	Conservação e Restauro 1 - Materiais Pétreos	<div></div>
Local: Convento de Cristo, Cavalariças		
Escala Grafica	Terceira Mísula, Levantamento de Patologias dos Materiais Petreos.	
	Aluno:	
	Professor: Fernado Costa	

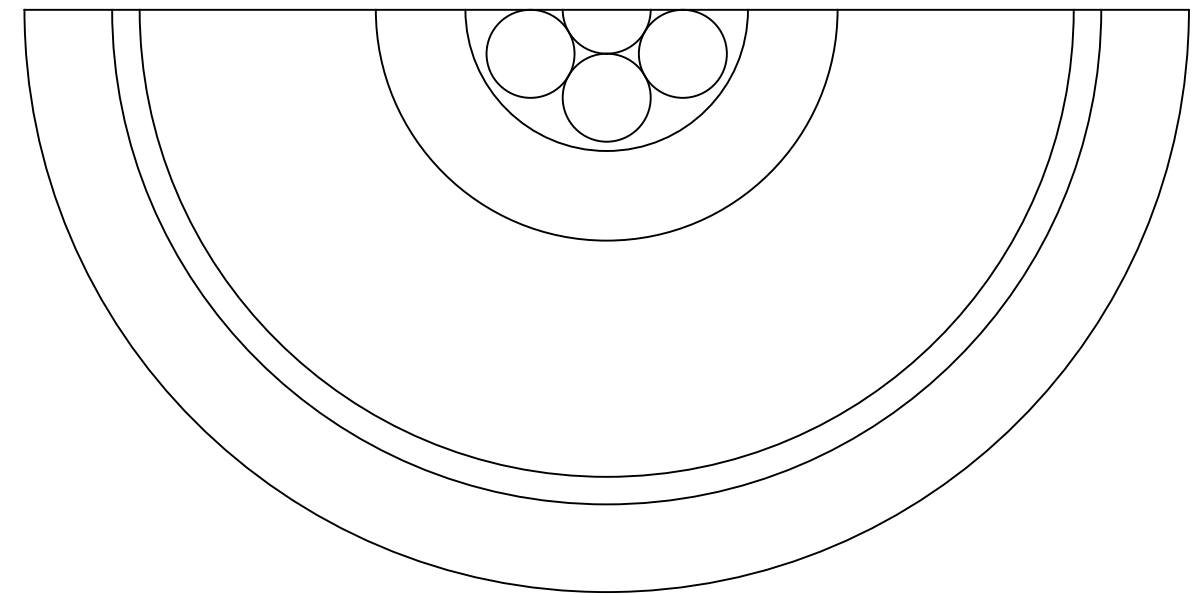
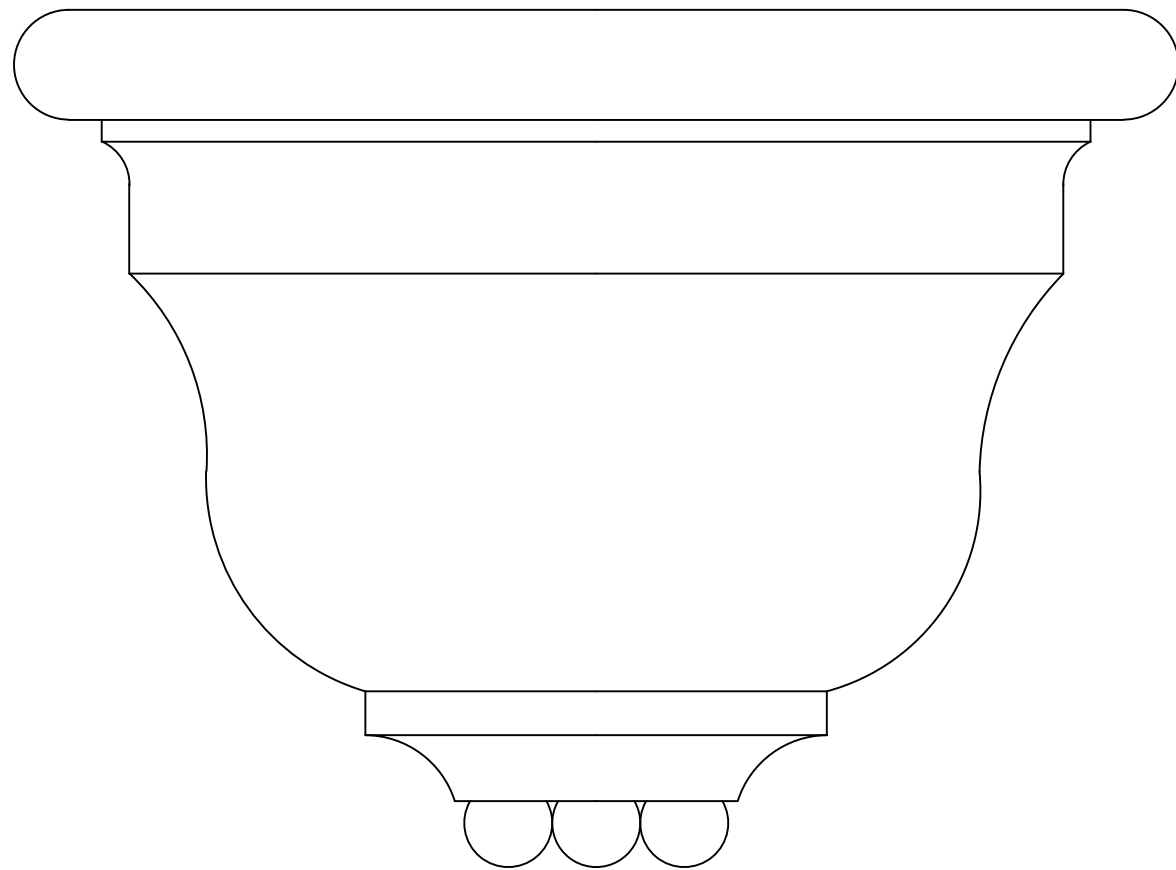


0 0.05 0.1 0.2 0.3 0.4 0.5 m

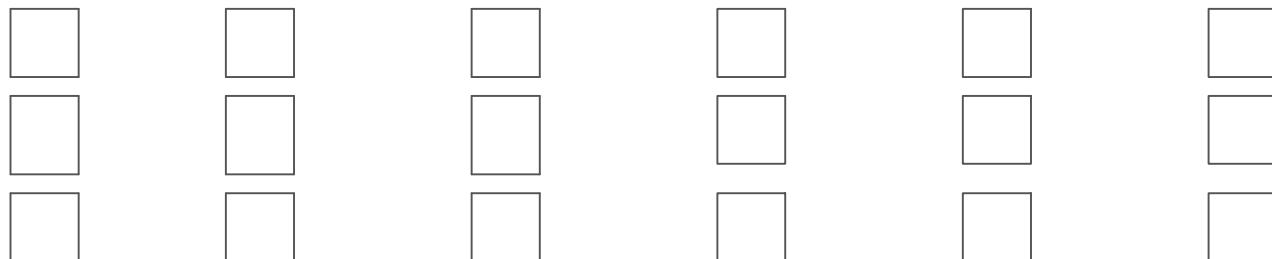
Legenda



Data: 13/ 03/ 2013	Conservação e Restauro 1 - Materiais Pétreos	<div></div>
Local: Convento de Cristo, Cavalariças	Quarta Mísula, Levantamento de Patologias dos Materiais Petreos.	
Escala Grafica	Aluno:	
	Professor: Fernado Costa	



Legenda



Data: 13/ 03/ 2013

Local: Convento de
Cristo, Cavalariças

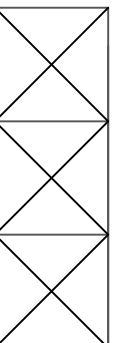
Escala Grafica

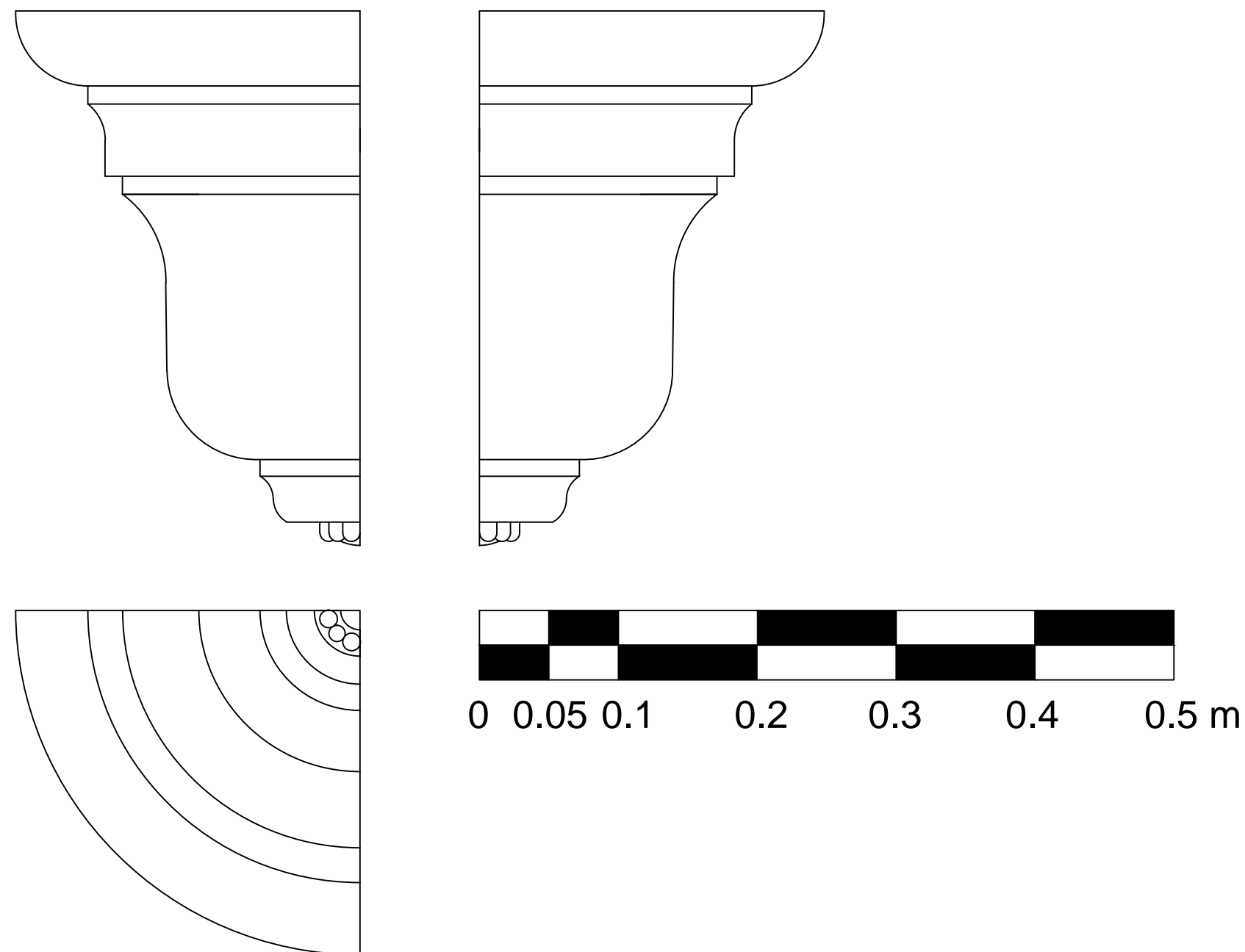
Conservação e Restauro 1 - Materiais Pétreos

Quinta Mísula, Levantamento de Patologias dos Materiais
Pétreos.

Aluno:

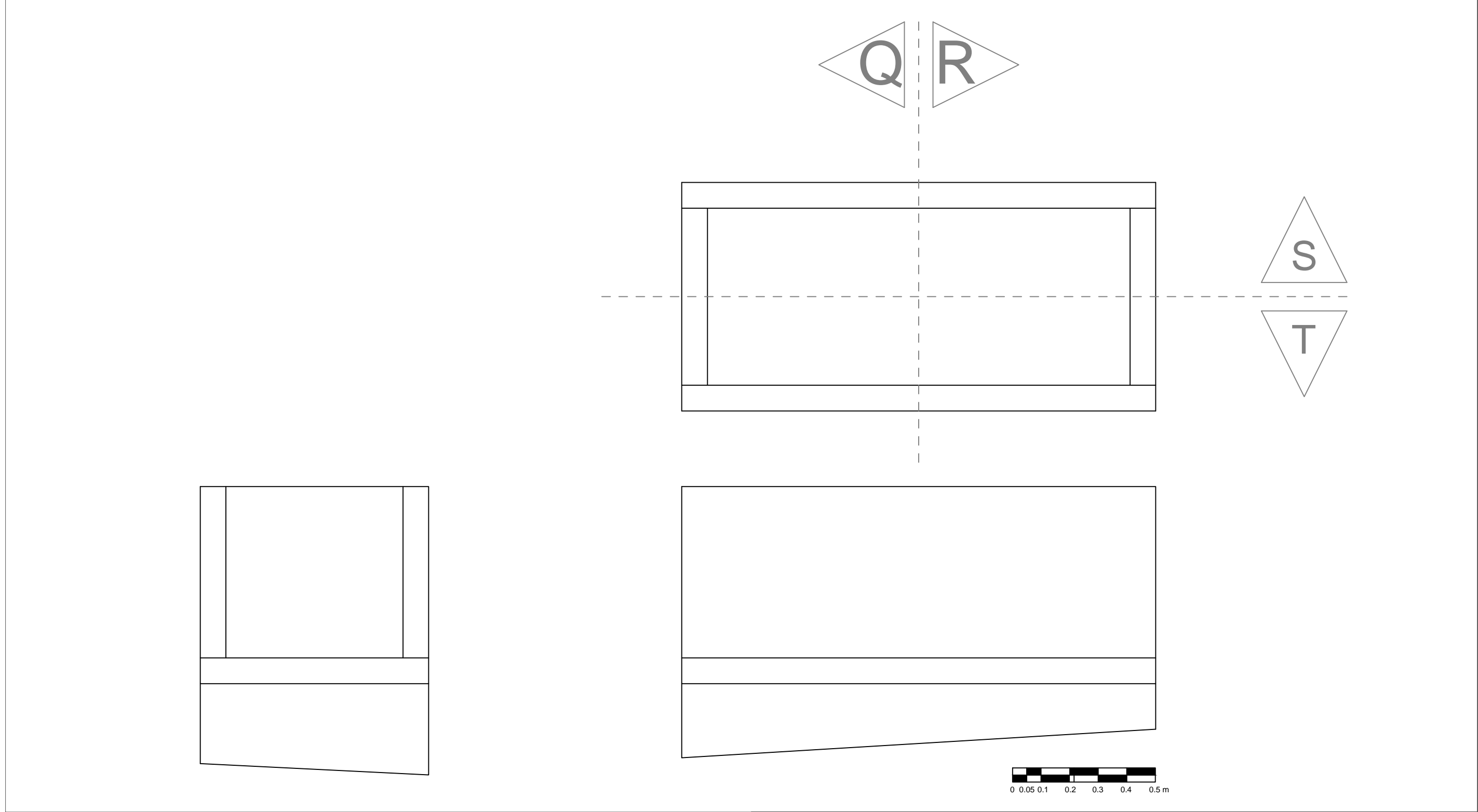
Professor: Fernando Costa





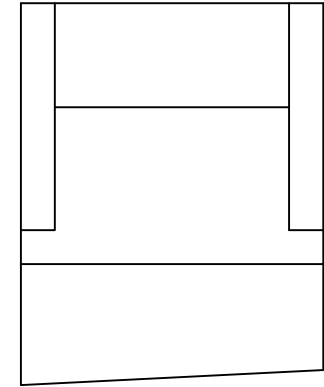
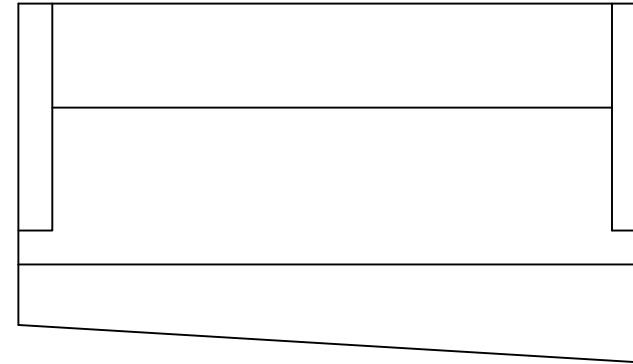
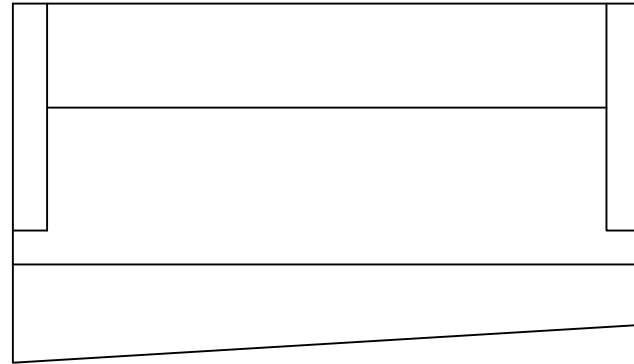
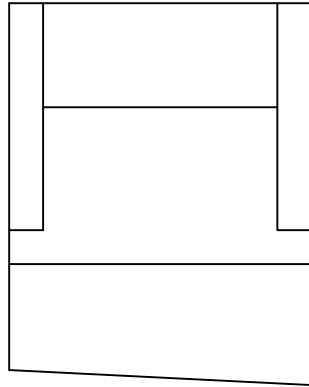
Legenda					
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Data: 13/ 03/ 2013	Conservação e Restauro 1 - Materiais Pétreos	<div><div></div><div></div><div></div><div></div></div>
Local: Convento de Cristo, Cavalariças		
Escala Grafica	Sexta Mísula, Levantamento de Patologias dos Materiais Petreos.	
	Aluno:	
	Professor: Fernado Costa	



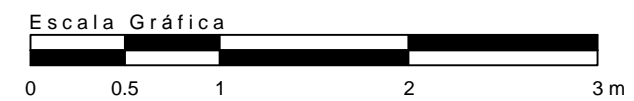
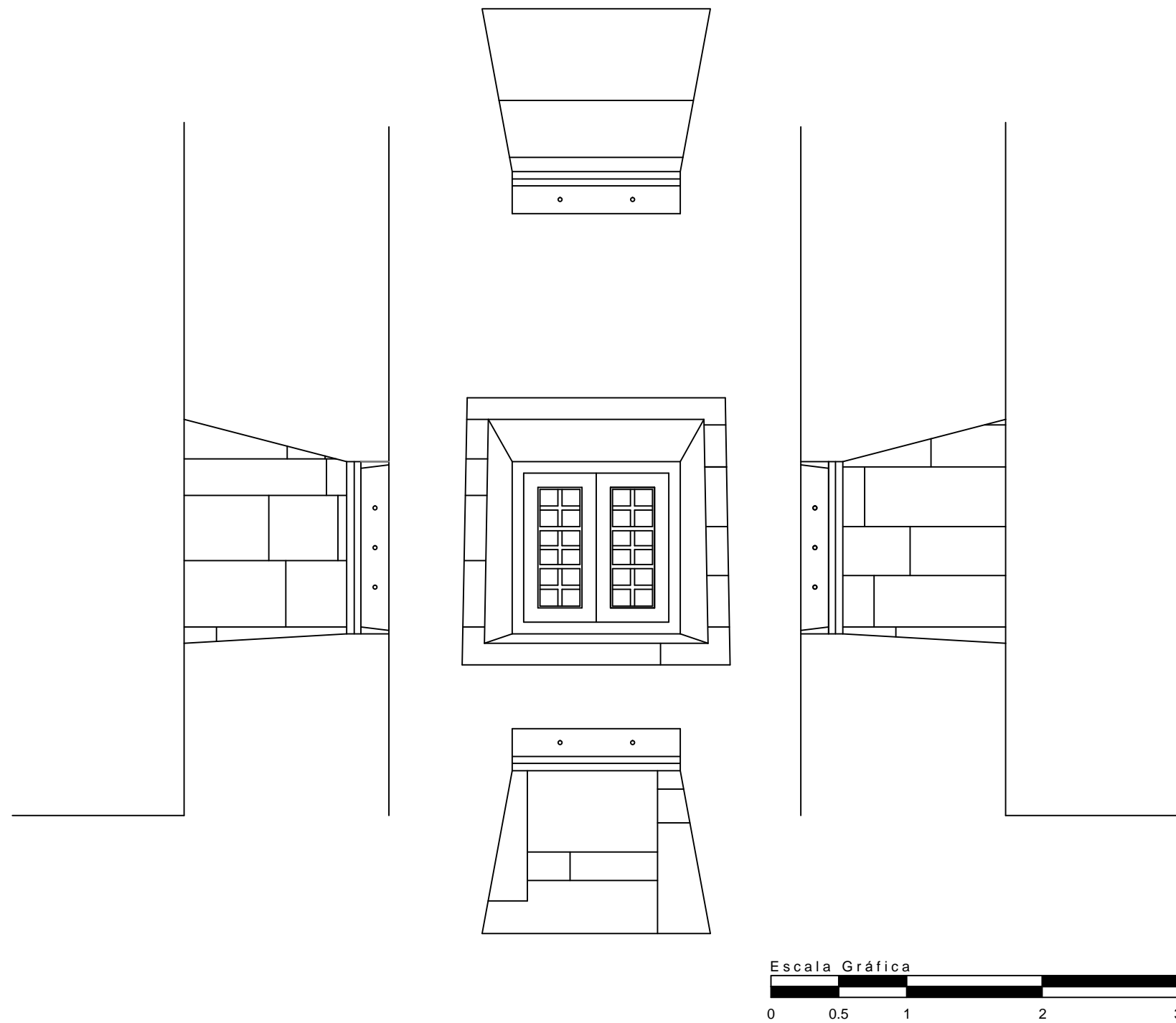
Legenda					
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Data: 13/ 03/ 2013	Conservação e Restauro 1 - Materiais Pétreos	<div><div></div><div></div><div></div><div></div></div>
Local: Convento de Cristo, Cavalariças		
Escala Grafica	Tanque, Levantamento de Patologias dos Materiais Petreos.	
	Aluno:	
	Professor: Fernado Costa	

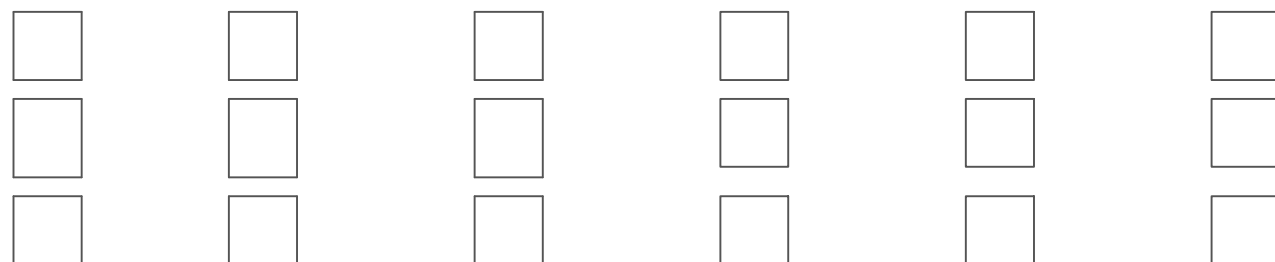


Legenda					
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Data: 13/ 03/ 2013	Conservação e Restauro 1 - Materiais Pétreos	<div><div></div><div></div><div></div></div>
Local: Convento de Cristo, Cavalariças		
Escala Grafica	Tanque,Cortes Q R e S T Levantamento de Patologias dos Materiais Petreos.	
	Aluno:	
	Professor: Fernado Costa	



Legenda



Data: 13/ 03/ 2013

Local: Convento de
Cristo, Cavalariças

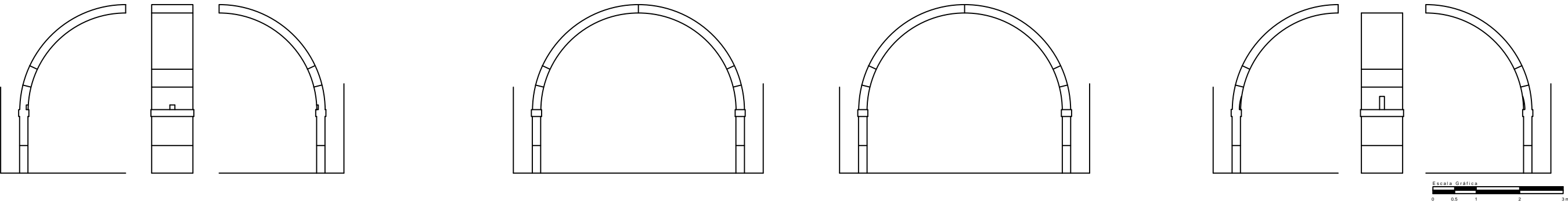
Escala Grafica

Conservação e Restauro 1 - Materiais Pétreos

Janela,Alçado Interior Norte, Levantamento de Patologias dos
Materiais Petreos.

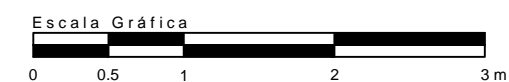
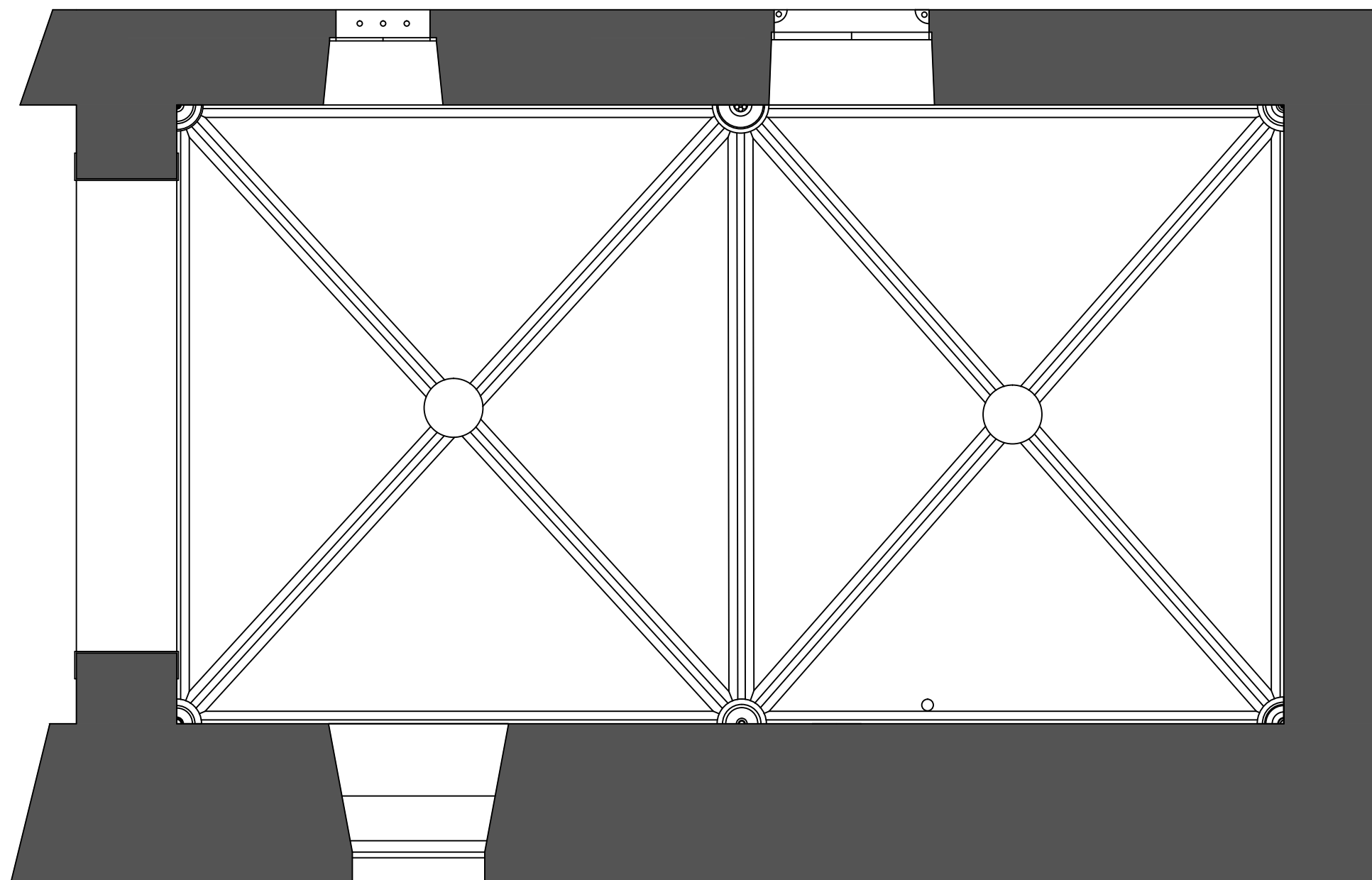
Aluno:

Professor: Fernado Costa

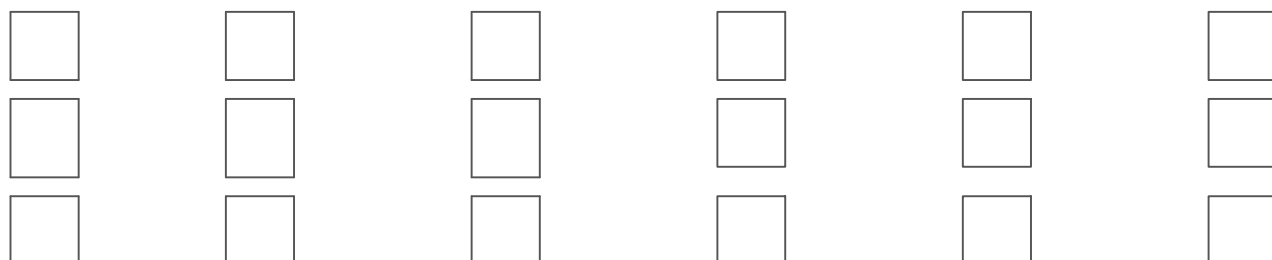


Legenda

Data: 13/ 03/ 2013	Conservação e Restauro 1 - Materiais Pétreos	
Local: Convento de Cristo, Cavalariças	Arco Central, Levantamento de Patologias dos Materiais Pétreos.	
Escala Grafica	Aluno:	
	Professor: Fernado Costa	



Legenda



Data: 13/ 03/ 2013

Local: Convento de
Cristo, Cavalariças

Escala Grafica

Conservação e Restauro 1 - Materiais Pétreos

Planta da Abóbada, da primeira sala das cavalariças,
Levantamento de Patologias dos Materiais Petreos.

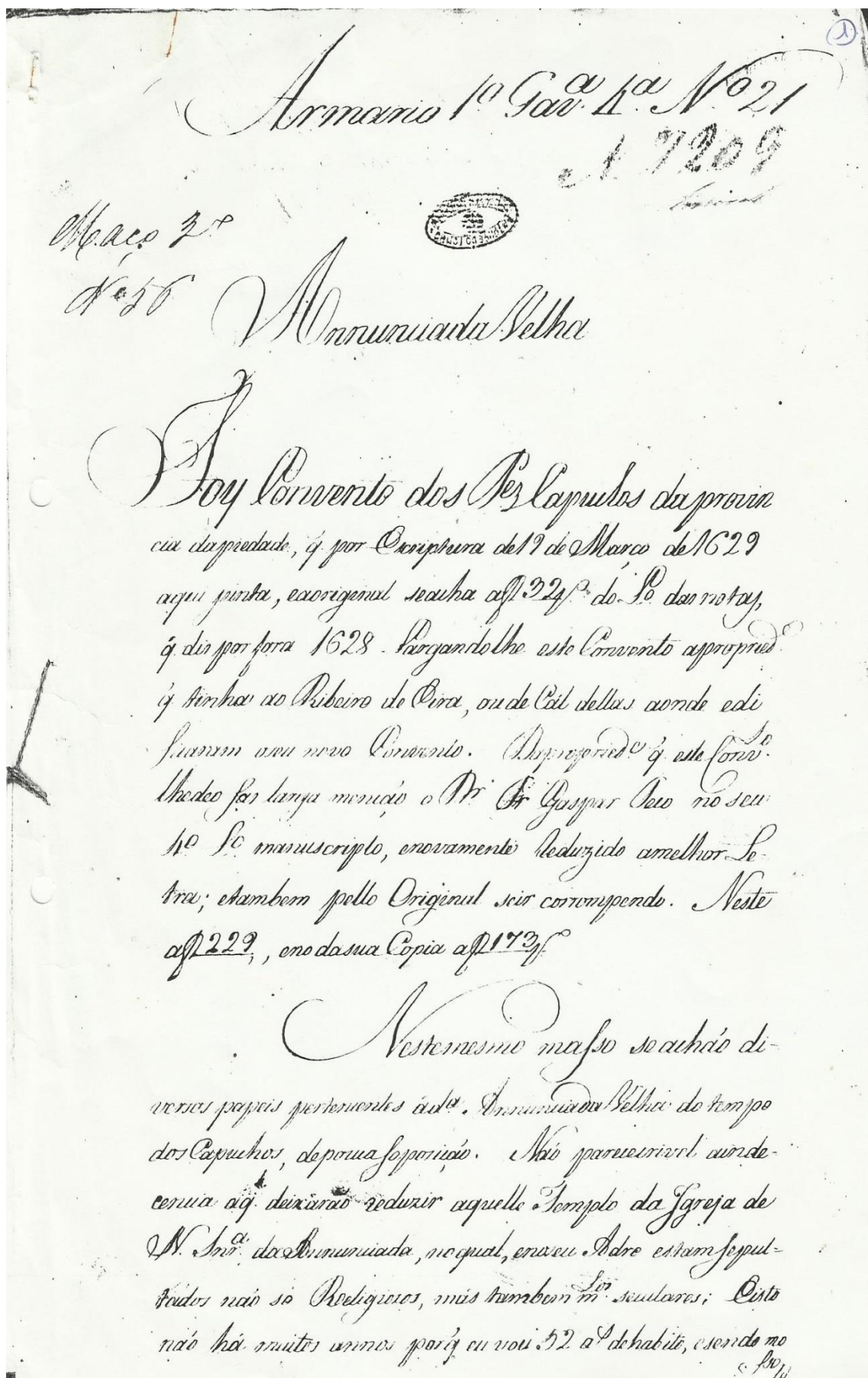
Aluno:

Professor: Fernando Costa



A2. Documentação

A2.1.Registo da troca do Convento da Anunciada



Lá foy algumas vezes com os Velhos da ^{da}q tempo,
q. dirão missa na Igr^a, ou os ouz, e ajudei dellas; e al
gumas vezes tambem lá dormião ^{da}q. Fita esta
Lembrança em 17 de Junho de 1795

Por Escrip^{to} de 14 de Julho de 1804 se arrendou
adita Quinta a João de Oliv^{re} e Traujo por tempo de
4 annos, q. hão de ter seu principio em dia de S. Mi-
guel proximo futuro do próx^{to} anno de 1804, e ha de fin-
dar em Vespera de outro tal dia do anno que ha de vir
de 1808, por preço e quantia certa em cada hum dos
ditos quatro annos de 30@ de Trigo, posto no Celheiro des-
te Real Convento

A2.2.Contratos de arrendamento

84

Por este a meu logro feito, e por mim assignado Confesso
 eu Ottavio Laurencio morador em o Lugar de S. Mamede que
 eu como do Arrendam. da mda do ^{do} P. M. Fr. M. de
 S. Carlos, Procurador da Fazenda do Real Cam. de Christo,
 a Quinta da Anunciada velha, com todas as suas pertencas por
 tempo de quatro annos, que tera seu principio em dia de 1.º de
 Miguel de mil. setecentos oitenta e tres, e ha de acabar em vespoula
 de outro tal dia de mil. setecentos oitenta e sette, por preço em
 cada h.º dos ditos quatro annos de renda seis alqueires em meio
 de trigo bom, limpo, e de receber, e oito galinhas tudo por do
 Convento, e os Marmelos, e Vinos q. azer na d. Quinta serem
 p. do Cam., e de comertar a minha conta a d. Fonte dam.
 Quinta de forma q. se possa aproveitar toda aigua aqoa nas
 terras da m. Quinta, e demandar tambem de edificar a minha
 custa huia Casa dandome renda de 500. Convento p. toda esta
 obra a Cal, pedras, e madeiras, e estilha q. for precisa, e as-
 satisfacão de tudo obrigo todos os meus bens havidos, e por haver,
 como tambem me obrigo a trazer as d. Quinta bem amanhada
 adubada, e cultivada para que na d. renda prejuizo algu, e por
 que entro no principio deste Arrendamento com a novidade
 da Azeitona q. esta pendente, no ultimo anno delle aheide
 tambem deixar p. o futuro Arrendam., e na d. poderi cortar
 a arvore alguma sem Licença e consentim. do d. Senhor,
 sob pena de pagar por cada huia quatro mil reis, na d. in-
 tendo nesta clausula a limpeza de alguma Oliveira, ou ar-
 vore de cuja limpeza senão beneficio e proveito a dita
 Quinta. E por não saber bem escrever
 loguei a João Manoel Ferriz, q. este por mim

por mim fizeu, e tambem como testemunha assignam
sendo mais testemunhas Innocencio Jose de Almeida, e
Jose de Sousa, ambos Mestres Contadores do dito Con.
que todos assignam com dito novo Rendeiro, e com o
Sr. Padre Procurador da Fazenda. Neste
Real Convento de Thomar a 6 de Setembro de 1783.

Fr. Jose de S. Carlos
Procurador da Fazenda

Estevao Lourenco

Innocencio Jose de Almeida
Jose de Sousa

Alogo, e como Testemunha

João M. Fr

Armario 1.^o Gav.^a 4.^a N.^o 21

213

P

or este a meu rogo feito e por mim assignado, confesso eu J.
aã de Oliveira e Araujo, morador nesta Villa de Thomar, que tomo
de Arrendamento a Quinta chamada da Anunciada Velha
cita no districto do lugar do Comedloy termo desta Villa, a qual con-
ta de Terras de pão, Oliveiras, Curas, e mais Arvores de fructo esem-
elle, pertencente ao Real Convento de Christo por tempo de quatro
annos que haõ de ter seu principio em dia de São Miguel pro-
ximo futuro do presente anno de mil oito centos e quatro, e ha de
findar em Vespura de outro tal dia do anno que ha de vir de
mil oito centos e cinco por preço e quantia certa em cada hum dos
ditos quatro annos de noventa alqueires de Trigo bom, limpo e
de receber posto no Cellaero deste Real Convento a minha custa
atẽ dia de São Miguel de cada hum anno, com tal condiçãõ
que não pagando em especie no dito tempo a Renda ajustada
fico obrigado a pagala em dinheiro metalleo pelo mais alto
preço que o dito genero tiver tido na Praça da Villa de Tho-
mar de cada hum anno respectivo aeste arrendamento, as-
sim como não deixarei de pagar adita Renda sempre por
inteiro, e no tempo ajustado livre para o Real Convento de todo
e qualquer tributo, novo ou Velho que haja ou possa haver, não
me podendo valer de inundacoens falta de agoas, nem de outro
qualquer caso fortuito, ou não fortuito cogitado, ou não cogitado,
por mais inspinados que sejam, pois que a todos elles renuncio
assim como ao Juizo do meu Toro, sugittandome ao do Juizo Pri-
vativo da Ordem, pelo qual serei executado, faltando ao que
fizer estipuillado e ajustado, a satisfacão de tudo obrigo todos os
meus bens móveis e de Raiz havi dos e por haver, sendo Tes-
temunhas presentes Torre da Cunha, e Torre Paes. Morsos Fideli-
gos deste Real Convento, que todos aqui comigo assignaram, era
quei a Narcizo Torre Soares, Escriptuario do Real Convento que
este por mim fizesse, e como Testemunha tambem assignasse. Neste
Real Convento de Thomar aos onze de Julho de mil oito centos e quatro.

A Roço

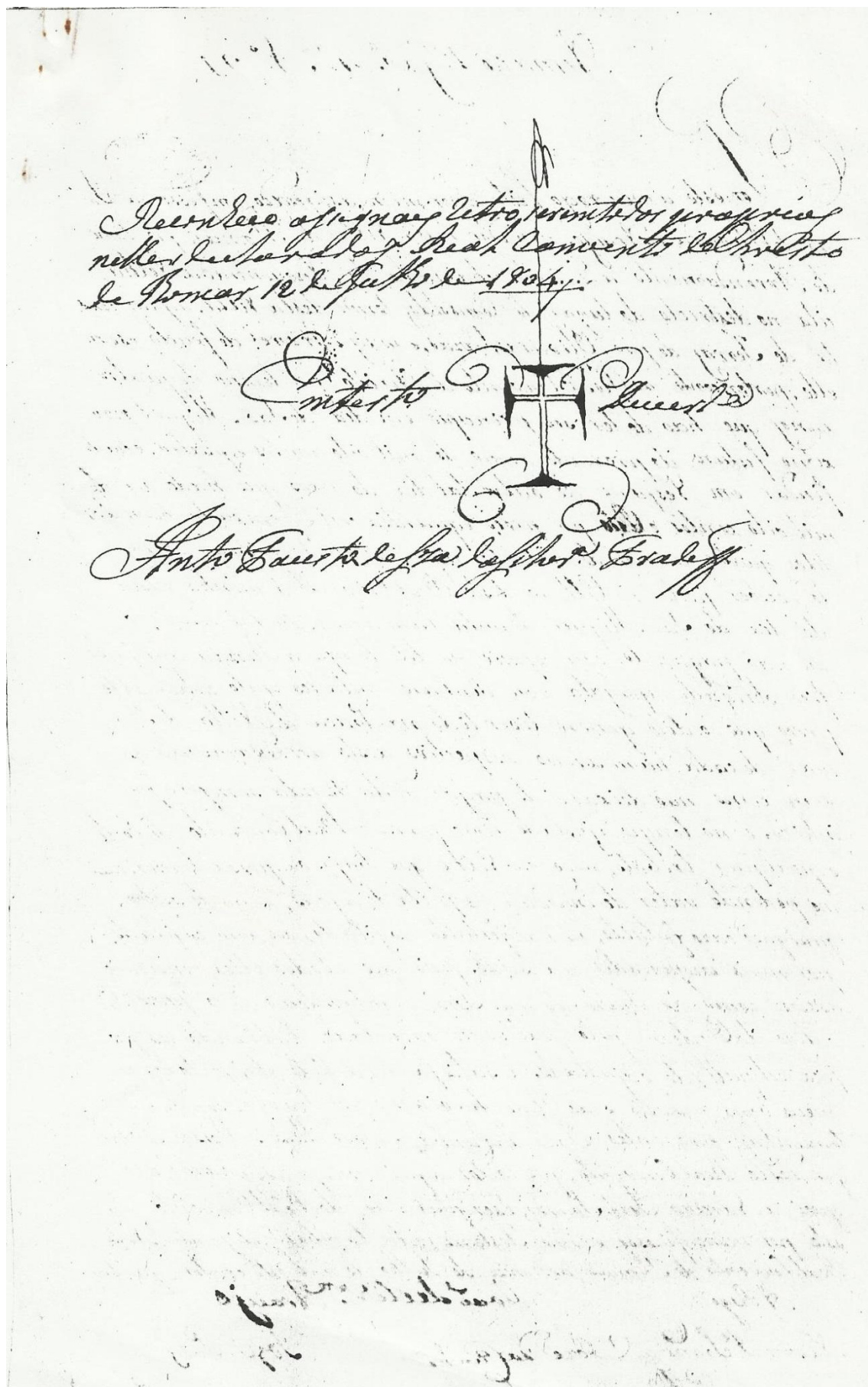
José de Oliveira Araujo

Narcizo Torre Soares

Torre da Cunha

Torre Paes

Recebe-se



35
Por este meu logo feito, e por mim assignado, confesso eu João de Oliveira
e Araujo morador nesta Villa de Thomar, que sou de Herrendamento a
Quinta chamada da Annunciada Velha, esta no districto do lugar de Com-
solida termo desta Villa; aqual consta de terras de paço, Oliveirairas, Caras, e
mais Araujo de fructo, e com elle pertencente ao Real Convento do Christo
por tempo de quatro annos; que tiveram seu principio em dia de São Mi-
guel proximo passado do presente anno de mil oitocentos e oito. e cada
findar em Vespera de outro tal dia do anno que hade vir de mil oitocen-
tos e doze; por preço e quantia certa em cada hum anno de noventa
alqueires de Trigo bom, limpo, e de receber parte no Celeiro deste Real Con-
vento à minha custa até dia de São Miguel de cada hum anno;
sujeitando-me a tudo o estipulado no Escripto do antecedente arrenda-
mento, datado de onze de Julho de mil oitocentos e quatro. A ratifi-
cação de tudo obrigo todos os meus bens móveis, e de laiz haver, e por
haver; sendo Testemunhas presentes Nicolao José Ramal, e José Pedro
Ferreira Moura Fidalgo deste Real Convento, que todos aqui com-
migo assignaíram. Eneguei a Narcizo José de Araujo Soares, Es-
cripturário do Archivo da Ordem; que este por mim fizesse; e tambem
como Testemunda assignaírre. Neste Real Convento de Thomar aos doze
de Outubro de mil oitocentos e oito.

Alto. João de Oliveira e Araujo
Narcizo José de Araujo Soares
Nicolao José Ramal
José Pedro




A2.3. Certidão de Compra da Quinta da Anunciada Velha, por
António Manuel Rodrigues Carrão



Certidão

Eu de Almeida Xavier Secretário da Câmara Mu-
nicipal, e Escrivão da Administração do Concelho da
Cidade de Pombal W.

Certifico que por esta Administração do Concelho se
dão por a Antonio Manoel Rodrigues Carrão da
humã Quinta chamada a Anunciada Velha que
pertence à Fazenda Nacional, pela extinção do Con-
vento de Christo desta Villa, cujo teor do auto de
porão há o seguinte = Auto de Pope Juiz do Nas-
cimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitenta
e seis, aos dois de Novembro do ditto
anno em este sitio de Anunciada velha herança de
São João, onde eu Escrivão vim na companhia do Ad-
ministrador do Concelho Antonio Germano Rodrigues
de Faria, apm de dar por a Antonio Manoel
Rodrigues Carrão da sobreditta Quinta de Anun-
ciada velha no limite de São João Freixo da
Magdalena, que se compoem de Casas e terras arrui-
das, terras de pau, Oliveira e mais arvores e alguns ma-
tos, parte tudo do Nascente, com a Quinta de Alhou-
quia, Poente com a Estrada, pertence à Fazenda
Nacional pela extinção do Convento de Christo, e a
arrematou no dia vinte e tres de Setembro perante a
Administração geral de Lavouras pela quantia de
seis cento e dez mil reis, que entregou na Confiança
interina do Credito Publico, segundo o Officio da
mesma Administração de vinte e quatro de Outu-
bro, e sendo presente o sobredito Antonio Maf.


Manoel Rodrigues Carrão, o ditto Administrador
me deu posse da mencionada Quinta de Anuncia-
da Velha, com todas as formalidades da Lei e estilo,
na presença das testemunhas Padre João Alexandre
Barbosa, e José Lopes Nunes Serio ambos de Mo-
nar, e de tudo para coustar fez este auto que aphi-
guarão: Eu José de Almeida Neves Secretário da
Câmara Municipal, e Gerente da Administra-
ção do Concelho oserey e afugua. O Adminis-
trador do Concelho Paria: Antonio Manoel
Rodrigues Carrão= Padre João Alexandre Barbosa=
José Lopes Nunes Serio.

E por ser verdade o referido passiva presente que
afugua o Administrador do Concelho Antonio Je-
rônimo Rodrigues de Paria: Paria 2 de Novem-
bro de 1835 //

O Admin. do Con.

Paria


José de Almeida Neves


A2.4. Contrato de Compra da Quinta da Anunciada Velha, pelo 1º
Conde de Tomar

Título para compra.
do o Almo. & p. mo
do Conde de Tho
mais.
1
Le 25 de 50

Sabam quantos este Instrumento
de Venda, Quitação, e Obrigação. Visua que
no anno do Nascimento de N. S. J. C. de mil oitocentos e sessenta
e sette, em quatorze dias do mes de Setembro
nesta cidade de Lisboa, na casa de Dom Pedro
no meu Prigione, appareceram de hum
parte o Mestripino Pedro Antonio Caban-
al Rodriguez Carrão, Beneficiado da C. Patriar-
chal desta cidade, e morador no largo das
Mortuarias numero Cinco, Freguesia de S. S. N. S.
João, da outra o Mestripino e Excellentis-
simo Conde de Thomar, morador no seu Pa-
lacio a Pareda da Botella, Freguesia de Santa
Eulalia, e aos Antergautes e Tabelliao reconhecidos
pelo proprio Regue tracto segua seguinte. E
logo pelo primeiro Antergaute me foi dito em
presença das testemunhas adiante nomi-
nadas, e assignadas que he Senhor, legal pos-
suidor de huma Quinta denominada da
Anunciada Velha, sita no limite de Cam do-
dor, Freguesia da Magdalena, Concelho de Tho-
mar, e conta de algumas terras arrendadas, terras
de semeadura, Oliveiras, alguma matto, e outros
arvores, partindo como fronteira do N. S. com
a Quinta da Moura, Santa com
a estrada publica, e com quem mais por direito
deva partes e confrontos, e essa mesma Quinta,
e pertencas respectivas, o primeiro Antergaute
propoe sem contradicção alguma, pela

pela ter comprado a Fazenda Nacional, a qual
pertenceu pela extinção do onus do
ordenamento de Christo em Thomar, como
tudo bem, e melhor conta da carta referida
e invocada Vossa Magestade titulo de the
souro em decreto de Outubro de mil oito
centos trinta e sette, assignada competentemente
e registada, sob numero seis centos trinta
e seis, e folhas trinta e seis quinto A, de
Virellhaute, na Contadoria da Junta do Cri-
to Certo em Lisboa de Janeiro de mil oito
centos trinta e oito; por virtude da qual,
da mesma quinta, pertencas, tornou a
pelo que em dois de Novembro de mil
oito centos trinta e seis, the foi dada pela
Administracao Geral do Santarém, como for
certo pelo Documento que apresentou,
assignado pelo então Administrador do Conselho
Antonio Gregorio Rodrigues e Faria; pelo
derivação de seu Cargo, Joze de Almeida Ma-
vieira, e como por Virellhaute forma tem e
propõe a mesma quinta pertencas, bem
que a tenha seguido a cargo algum es-
pecial ou geral, como a Vossa Magestade já
declarado, e a confirma e ratifica; por isso
e por que tem junto a Vossa Magestade a Vossa Excel-
lencia, Convidação nesta scriptura pela qual
e na melhor forma de Direito, e da quin-
ta com todas as suas pertencas, heren-
cias, e lagradours com effecto já sendo

2

XL 40

Vende ao Mostreirinho, Excellentissimo
segundo Couto ante, para ota dos her-
reiros, successores, fella quantia de
hum conto e doze mil ois, metaticos,
e deves, para ota vendedor, que neste acto
o Excellentissimo Comprador recebeu hum
Conto e hum mil ois, hum erro nem falta,
que finto ois hum mil, que deves de
Lencia. e como signal e principio de pagamento
havia recebido um genio de julho ultimo,
pouco adita quantia de hum conto e
doze mil ois, metaticos, pouco total
desta venda, e deves a sua Excellencia da
plena geral quitação, com promissa e
nada mais a respeito desta venda e
she repites em tempo algum, para de
apo. consequencia tera, veniente, e aparta
della dos herreiros, successores, tod o su-
deimento, e deves, e deves que tem e de
ter no que apim vende a sua Excellencia,
que deves se pode tomar sua posse, pro
duta e principio de Novembro por virghe-
tur mediante tal propriedade de fuetas
e gois como Couro sua que deves ja
fua sendo; e deves e deves tome ou não
o vendedor, a longo seguem fua or respectos
importantes ahe e deves tal e deves de
Novembro, Ma Ma se deves por dada e deves
fua pela Clausula Constituti; e deves
forma promette, e deves e deves e deves

[illegible]

cincoenta e setenta e oito mil e quatrocentos e sessenta e cinco
Francisco Maria Pri de Almeida. Suble-
vado. Sberio Antonio da Graça. Imposto
dado por cento para Amortização das No-
tas. Notas = mil e setenta e cinco mil e trezentos
e cinco. Numero cento e setenta e cinco. Pagou
quarenta e seis, de setenta e oito mil e quatrocentos e sessenta e cinco.
e trezentos. Pelo Recebedor. Graça. Euão de con-
tem mais na dita certidão de via a que se
reporto no meu poder e arquivo. Com tale-
mento de verdade affim e autorizarão
e aceitarão, sendo testemunhas presentes
Joaquim Antonio de Naranth Porto,
e Jovão da Costa Moura, deute leigal, que
depois delles assignarão com a Autoridade
agremiada. Conhecemos. Com Felizardo An-
tonio Silveira, Tabellião ocaesoi. Nota gratis.
Antonio Manoel Rodriguez Canaã e Coude
de Thomaz, Jovão da Costa Moura. Joaquim
Antonio de Naranth Porto. Com Felizardo
Antonio Silveira, Tabellião ocaesoi, e
Instrumento de meu regimento, a que
reporto, foi traduzido e assignado
e assignado
Antes que eu fosse mais e fosse assignado
e assignado
Felizardo Antonio Silveira

A2.5.Nota de registo da Quinta da Anunciada Velha em nome de
António Bernardo da Costa Cabral de Macedo

Q^{ta} ANUNCIADA VELHA

Conservatória do Registo Predial de Tomar

NOTA DE REGISTO (Inscrições)

Apresentação n.º 5, do dia 7 de Janeiro de 1971.

Inscrição Definitiva

n.º 28:165 a fls. 77c do livro 137

A favor de António Bernardino da Costa Calus
do Machado, casa da Cruz Queimada, Car-
matida - Casim

sobre o prédio descrito sob o n.º 16:426 a fls. 13 do livro B 43 (6/7)

Mixto, antigo n.º 812 - urbano, e
1161 - rural da freguesia de Matelena

foi registado a aquisição de (6/7) do mesmo

Conferida, está conforme com o original.

Conservatória do Registo Predial de Tomar

Em 7 de Janeiro de 1971

CONTA:

Artigo 1.º	10\$00
» 2.º	\$
» 3.º, n.º 1	50\$00
» 3.º, n.º 2	30\$50
» 4.º	\$
» 5.º	\$
» 6.º	\$
» 7.º	25\$00
» 8.º	\$
» 9.º	\$
» 10.º	20\$00
Soma	412\$50
Impresso	2\$00
Imposto de selo	6\$00
Artigo 18.º	12\$00
» 54.º n.º 1 Dec.-Lei 44063	40\$00
» 20.º	5\$00
Total	475\$50

São António Bernardino da Costa Calus
do Machado e quatro outros



Registado no Livro de Emolumentos sob o n.º 28
em 7 / 1 / 1971

**A2.6. Pedido de fornecimento de energia elétrica, por António
Bernardo da Costa Cabral de Macedo**

Exm^o Senhor

Presidente do Conselho de Administração

dos Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de

Tomar

ANTÓNIO BERNARDO DA COSTA CABRAL DE MACEDO, pro
prietário da Quinta da Anunciada Velha, em Tomar, Freguesia da Madalena,
com serventia pela Estrada Nacional nº 349-3, vem requerer a V.Ex^{as} se di-
gne mandar orçamentar o fornecimento de energia eléctrica em baixa tensão,
para as suas instalações agro-pecuárias e domésticas, na base inicial de
potência de 6 KW, na sua propriedade acima referida.

Ao requerer a V.Ex^{as} o orçamento para a instala-
ção desta linha, fá-lo na certeza de que a mesma, além de beneficiar o si-
gnatário, pode servir outros consumidores, conforme inquérito particular a
que o requerente procedeu.

Respeitosamente, pede deferimento.

Deiras, em 7 de Novembro de 1968.

A2.7. Resposta ao pedido de fornecimento de energia elétrica



SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS
DE ÁGUAS E ELECTRICIDADE
DA CÂMARA MUNICIPAL DE TOMAR

TELEFONE 32342

APARTADO 6

Tomar, 31 de Dezembro de 1968

Ex.mo Senhor

Arquitecto Agostinho da Costa Cabral de Macedo
Dig.mo Presidente da Câmara Municipal de

N.º 2 690

P.º 107/146

AF/RC

OEIRAS

Para conhecimento de V. Ex.ª informo que o orçamento elaborado a respeito dum possível abastecimento de energia eléctrica à sua Quinta da Anunciada Velha demonstrou que a obra importará em 131 563\$00, a qual só será possível levar a efeito se os interessados a pagarem na totalidade, conforme foi deliberado pelo Ex.mo Conselho de Administração em reunião de 27 do corrente.

Aproveito para apresentar a V. Ex.ª os meus cumprimentos.

A bem da Nação

O Engenheiro Director-Delegado,

José Augusto Temudo de Sousa Ribeiro

A2.8.Requerimento para licença de obras



CÂMARA MUNICIPAL DE TOMAR
SECÇÃO DE ENGENHARIA

Exm^o. Senhor
Arquitecto António Bernardo da
Costa Cabral de Macedo
Quinta da Anunciada Velha
TOMAR

Sua referência

Sua comunicação de

Nossa referência

DATA 22.3.69

Ofício

1915

Processo

OBRAS

ASSUNTO: "REQUERIMENTOS PARA LICENÇAS DE OBRAS"

Para conhecimento de V. Ex^{sa}. e devidos efeitos,
cumpre-me enviar cópia da deliberação tomada por esta Câ-
mara Municipal em sua reunião ordinária de 19 do corrente.

A bem da Nação

O PRESIDENTE DA CAMARA MUNICIPAL

Dr. Aurélio Ribeiro

Na resposta indicar o número e a referência constantes deste documento.

A2.9.Resposta ao pedido de requerimento de obras

<u>CÂMARA MUNICIPAL DE TOMAR</u>	
SECRETARIA	
Deliberação de	Serviço de minutas para as actas (a)
<u>18-3-69</u>	564 21 MAR 1969
EPÍGRAFE:	<u>REQUERIMENTOS PARA LICENÇAS DE OBRAS</u>
<p>Nº. 727, de architecto ANTÓNIO BERNARDO DA COSTA CARRAL DE MACEDO, com residência eventual na Quinta da Anunciada Velha, a apresentar o projecto das obras levadas a efeito naquela residência. - Ouvido o engenheiro chefe dos serviços técnicos de obras, este prestou o seguinte parecer, com o qual a Câmara concordou, deliberando transmiti-lo ao requerente, para os efeitos convenientes: - "Nada parece de oppor, por parte destes Serviços, a legalização da obra, em face da informação prestada no verso, desde que os cálculos de estabilidade, elaborados de acordo com a obra executada, venham a merecer a aprovação desta Câmara."</p>	
REGISTAMENTO:	<div style="display: flex; justify-content: space-between;"><div><u>A. S. de Engenharia</u></div><div>Secretaria da Câmara, <u>18-3-69</u></div></div> <div style="display: flex; justify-content: space-between;"><div></div><div>O Chefe da Secretaria,</div></div>
<p>a) Depois de dactilografada e assinada, a presente minuta serve como cópia autêntica de deliberação.</p>	